



CENTAUR

JÚLIO VERNE

O Farol do Cabo do Mundo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Júlio Verne
O Farol do Cabo do Mundo

Capítulo I

A INAUGURAÇÃO

O Sol ia desaparecer por trás das colinas que limitavam a vista a oeste. O tempo estava bom. Do lado oposto, por cima do mar, que se confundia no céu para nordeste e para leste, algumas nuvenzinhas refletiam os últimos raios, que não tardariam a apagar-se nas sombras do crepúsculo; costuma ele durar muito naquela latitude alta do grau 55 do hemisfério austral. Quando o disco solar já não mostrava senão a sua parte superior, soou um tiro de peça a bordo do aviso Santa Fé e a bandeira da República da Argentina, tremulando ao sabor da brisa, foi içada nesse navio. No mesmo instante saiu uma luz viva do cimo do farol construído a um tiro de peça para trás da baía de Elgor, em que o Santa Fé tinha ancorado. Dois dos guardas, os operários reunidos na praia e a tripulação que estava à proa do navio saudavam com longas aclamações a primeira luz que se acendia naquela costa distante. Responderam-lhe outros dois tiros de peça, repercutidos muitas vezes pelos ecos ruidosos das proximidades. As cores do aviso foram logo arriadas, conforme as regras dos navios de guerra, e o silêncio tornou a reinar naquela ilha dos Estados, situada no ponto em que se encontram as águas do Atlântico e do Pacífico.

Os operários embarcaram logo a bordo do Santa Fé e só ficaram em terra os três guardas. Um foi para o seu posto fazer o quarto; os outros dois não foram logo para os seus aposentos e puseram-se a passear, conversando pela praia.

— Então, Vasquez — disse o mais novo dos dois —, é amanhã que o navio se vai fazer ao mar.

— Sim, Filipe — respondeu Vasquez —, e espero que a viagem se faça bem.

— É muito longe, Vasquez!

— É tão longe para lá como para cá, Filipe.

— Ponho-lhe dúvida — replicou Filipe, rindo.

— E até mesmo, meu rapaz — tornou Vasquez —, algumas vezes leva-se mais tempo a ir do que a vir, a não ser que o vento esteja de feição!... No fim de contas, quinhentas milhas não é grande coisa quando o navio tem uma boa máquina e vai a todo o pano.

— E depois, Vasquez, o comandante Lafayate conhece bem o caminho.

— É sempre a direito, meu rapaz. Pôs a proa ao sul para vir e há de pô-la ao norte para voltar, e, se a brisa continuar a soprar de terra, terá o abrigo da costa e navegará como se fosse num rio.

— Mas um rio só com uma margem — replicou Filipe.

— Que importa isso, se é boa, e é sempre boa quando há vento!

— Exato — aprovou Filipe —, mas se o vento vem a mudar...

— Isso é um azar, Filipe; mas espero que não mudará contra o Santa Fé. Em quinze dias pode ele ter feito as suas quinhentas milhas e tornado a fundear no ancoradouro de Buenos Aires. Mas se o vento voltar para leste...

— Nem do lado da terra nem do largo encontrará porto de abrigo.

— É como dizes, rapaz. Na Terra do Fogo ou Patagônia não há um único ancoradouro. É preciso ir para o alto mar, se não quisermos arribar à costa!

— Mas, enfim, Vasquez, segundo me parece, o bom tempo vai durar.

— Sou da mesma opinião, Filipe. Estamos quase no princípio do Verão. Temos três meses diante de nós e isso já é alguma coisa.

— E — acrescentou Filipe — os trabalhos acabaram-se em boa época.

— Bem sei, rapaz, bem sei, nos princípios de Dezembro. É como quem diz os princípios de Junho para os marinheiros do Norte. São mais raros nesta estação os golpes de vento que se importam tanto com virar uma embarcação como com o tirar-nos o carapuço da cabeça!... Mas, depois de o Santa Fé

estar no porto, pode vir vento, raios e coriscos, tudo quanto o diabo quiser!... Não há medo de que a nossa ilha vá para o fundo com o seu farol!

— Certamente, Vasquez. Demais, depois de ter ido dar notícias nossas lá abaixo, quando o aviso voltar com a gente que nos vem render...

— Daqui a três meses, Filipe...

— Encontrará a ilha no mesmo sítio.

— E a nós também — respondeu Vasquez, esfregando as mãos, depois de tirar uma grande fumaça do cachimbo, que o envolveu numa espessa nuvem. — Vês, rapaz? Não estamos aqui a bordo de um navio que a borrasca atire de um lado para o outro, ou, se isto é um navio, está ancorado solidamente na cauda da América e não se mexe daqui. Concordo em que estes sítios sejam maus! É com justiça que os mares do cabo Horn têm uma triste reputação! Não nego também que não têm conta os naufrágios na ilha dos Estados e que os ladrões dos objetos que o mar atira à praia não podiam escolher melhor sítio para fazer fortuna! Mas tudo isso vai mudar, Filipe. A ilha dos Estados já tem o seu farol e, ainda que o furacão sopra de todos os cantos do horizonte, não é capaz de o apagar! Os navios hão-de vê-lo a tempo de poderem fazer bom rumo! Guiando-se por essa luz, não se arriscarão a cair nas rochas do cabo San Juan, do pico de São Diego ou do pico de Fallows, ainda mesmo nas noites mais escuras!... O farol está por nossa conta e há-de ser bem guardado.

Fazia gosto ouvir Vasquez falar com esta animação, que não deixava de reconfortar o seu companheiro. Talvez, efetivamente, Filipe não tomasse tanto a sério as longas semanas que tinham de passar naquela ilha deserta, sem comunicação possível com os seus semelhantes, até ao dia em que os três fossem substituídos.

Para concluir, Vasquez acrescentou:

— Olha, rapaz, há quarenta anos tenho corrido um pouco todos os mares do Antigo e do Novo Continente, como grumete, aprendiz, marinheiro e mestre. Pois agora, que estou em idade de me reformar, não podia desejar coisa melhor do que ser guarda de um farol, e que farol!... O farol do Cabo do Mundo!

E realmente, na extremidade daquela ilha afastada, tão longe de toda a terra habitada e habitável, este nome era muito justo!

— Dize-me, Filipe — continuou Vasquez, sacudindo o cachimbo apagado na palma da mão —, a que horas vais substituir Moriz?

— Às dez.

— Bom, sou então eu quem, às duas horas da manhã te vai render até romper o dia.

— Está combinado, Vasquez. Por isso, o melhor que temos a fazer os dois é irmos dormir.

— Sim, Filipe, vamos para a cama!

Vasquez e Filipe subiram para o pequeno recinto no meio do qual se erguia o farol e entraram no quarto, fechando logo a porta.

A noite foi sossegada. Quando ela ia acabar, Vasquez apagou a luz do farol, que estava acesa havia doze horas.

Geralmente fracas no Pacífico, principalmente ao longo das costas da América e da Ásia banhadas por este vasto oceano, as marés são, pelo contrário, muito fortes na superfície do Atlântico e fazem-se sentir com violência até nas paragens longínquas do estreito de Magalhães.

A vazante, naquele dia, começava às seis horas da manhã, e o navio, para a aproveitar, devia estar pronto a partir logo ao romper do dia. Mas não tinham ainda acabado todos os preparativos e o comandante não tencionava sair da baía de Elgor senão na maré da tarde.

O Santa Fé, da marinha militar da República da Argentina, com duzentas toneladas e uma força de cento e sessenta cavalos, comandado por um capitão e por um imediato e tendo cinquenta homens de tripulação, incluindo os mestres, estava empregado na vigilância das costas, desde a foz do rio da Prata até ao estreito de Lemaire, no oceano Atlântico. Naquela época, a engenharia marítima não tinha ainda

construído os seus navios de andamento rápido, cruzadores, torpedeiros e outros. Por isso, com a ação da hélice, o Santa Fé não andava mais de nove milhas por hora, velocidade, aliás, suficiente para a polícia das costas patagônias e da Terra do Fogo, unicamente freqüentadas pelos barcos de pesca.

Neste ano o navio tivera a missão de seguir os trabalhos de construção do farol que o Governo argentino mandara levantar à entrada do estreito de Lemaire. Fora ele que havia transportado o pessoal e o material necessário para aquele trabalho que acabava de se realizar com bom resultado segundo os planos de um hábil engenheiro de Buenos Aires.

Havia perto de três semanas que o Santa Fé estava naquele ancoradouro no fundo da baía de Elgor. Depois de ter desembarcado provisões para quatro meses e de se certificar de que não faltaria nada aos guardas do novo farol até ao dia em que os viessem render, o comandante Lafayate ia reconduzir os operários mandados para a ilha dos Estados. E até mesmo, se umas certas circunstâncias imprevistas não tivessem demorado a conclusão dos trabalhos, o Santa Fé já havia um mês que devia ter voltado para o seu porto do costume.

Em suma, enquanto ali estivera, o comandante Lafayate não tinha tido nada a temer no fundo daquela baía muito abrigada contra os ventos do norte, do sul e do oeste. Só os temporais do mar largo o poderiam incomodar. Mas a Primavera tinha-se mostrado clemente, e agora, no princípio do Verão, era de esperar que não houvesse senão perturbações passageiras nas paragens do estreito de Magalhães.

Eram sete horas quando o capitão Lafayate e o imediato Riegal saíram dos seus camarotes, que ficavam ao pé do tombadilho, na ré do navio.

Os marinheiros acabavam de lavar a tolda e as últimas águas empurradas pelos moços de bordo corriam pelos embornais. Ao mesmo tempo o mestre tomava as suas disposições para que tudo estivesse pronto quando chegasse a hora da partida.

Apesar de não se dever efetuar senão depois do meio-dia, tiraram-se as velas para fora, limpam-se as mangueiras de ar, os cobres da bitácula e das clarabóias, içaram-se as lanchas grandes e a pequena ficou a nado para o serviço de bordo.

Quando nasceu o Sol, tornou-se a arvorar a bandeira.

Três quartos de hora depois, a sineta de proa tocou por quatro vezes e os marinheiros de quarto deixaram a faina.

Depois de almoçarem juntos, os dois oficiais subiram ao tombadilho, examinaram o estado do céu, que estava limpo de nuvens pela brisa da terra, e deram ordem ao mestre para os desembarcar.

Naquela manhã, o comandante queria inspecionar pela última vez o farol e os seus anexos, as instalações dos guardas, os depósitos das provisões e do combustível, e finalmente certificar-se de que os aparelhos funcionavam bem.

Desceu, pois, à praia, acompanhado pelo oficial, e dirigiu-se para o recinto do farol.

Estavam incomodados por causa daqueles três homens que iam ficar na triste solidão da ilha dos Estados.

— É realmente desagradável — disse o capitão. — Contudo, é preciso levar em conta que esses homens têm tido sempre uma vida muito trabalhosa, sendo na maior parte antigos marinheiros. Para eles, o serviço de um farol é um descanso relativo.

— Por certo — concordou Riegal —, mas uma coisa é ser guarda de farol nas costas freqüentadas em comunicação fácil com a terra, e outra é viver numa ilha deserta, que os navios só reconhecem do mais longe possível.

— Concordo com o que diz, Riegal. Por isso serão rendidos daqui a três meses.

Vasquez, Filipe e Moriz vão estrear-se no período menos rigoroso.

— Efetivamente, meu comandante, e não terão de sofrer esses terríveis Invernos do cabo Horn.

— Terríveis, é verdade — aprovou o capitão. — Depois de um reconhecimento que fizemos há alguns anos no estreito à Terra do Fogo e à Terra da Desolação, do cabo das Virgens ao cabo Pilar, não

tenho mais nada a saber em questão de tempestades! Mas, enfim, os nossos guardas têm uma habitação sólida, que os temporais não demolirão. Não lhes faltarão mantimentos nem carvão, ainda que tenham de estar aqui dois meses mais.

Deixamo-los bem e havemos de encontrá-los da mesma forma, porque, se o ar é vivo, pelo menos é puro, à entrada do Atlântico e do Pacífico!... E depois, Riegal, há isto: é que, quando a autoridade marítima pediu guardas para o farol do Cabo do Mundo, só teve dificuldade em escolher!

Os dois oficiais acabavam de chegar defronte do recinto onde eram esperados por Vasquez e pelos seus camaradas. A porta abriu-se-lhes e eles pararam, depois de responderem à continência regulamentar dos três homens.

O capitão Lafayate, antes de lhes dirigir a palavra, examinou-os desde os pés, calçados com botas altas e fortes, até à cabeça, coberta com o capuz da capa de oleado.

— Correu tudo bem esta noite? — perguntou ele ao chefe dos guardas.

— Muito bem, meu comandante — respondeu Vasquez.

— Não viram nenhum navio ao largo?

— Nenhum, e, como o céu estava limpo, havíamos de ver uma luz qualquer pelo menos a quatro milhas.

— Os lampiões têm funcionado bem?

— Sem interrupção. meu comandante, até ao romper do Sol.

— Não têm tido frio na casa de vigia?

— Não, meu comandante. Está bem fechada e o vento não entra lá, por causa das vidraças duplas das janelas.

— Vamos ver o seu quarto e depois o farol.

— Às suas ordens, meu comandante — respondeu Vasquez.

A casa destinada aos guardas fora construída na parte baixa da torre, com paredes grossas, capazes de desafiarem todos os temporais do estreito de Magalhães.

Os dois oficiais visitaram as diferentes divisões, que estavam perfeitamente dispostas. Ali não havia a temer a chuva, nem o frio, nem as tempestades de neve, que são temerosas naquela latitude quase Antártica.

Estas divisões estavam separadas por um corredor, ao fundo dele havia a porta que dava ingresso para dentro da torre.

— Subamos — disse o capitão Lafayate.

— Às suas ordens — repetiu Vasquez.

— Basta só que o senhor nos acompanhe.

Vasquez fez sinal aos seus dois camaradas para ficarem à entrada do corredor.

Depois empurrou a porta da escada e os dois oficiais foram atrás dele.

Esta escada estreita, com degraus de pedra, encaixados na parede, não era escura. De andar em andar tinha duas frestas que lhe davam claridade.

Quando chegaram à casa de vigia, que tinha por cima a lanterna e os aparelhos de luz, os dois oficiais sentaram-se no banco circular que estava pregado à parede.

Pelas quatro janelinhas que ali havia podiam os olhos dirigir-se para todos os pontos do horizonte.

Apesar de ter abrandado, o vento soprava com muita força naquela altura, sem, contudo, dominar os gritos das gaivotas, das fragatas e dos albatrozes que passavam em vôo rápido.

O capitão Lafayate e o seu imediato, para verem melhor a ilha e o mar que a cercava, subiram pela escada da galeria que rodeava a lanterna do farol.

Toda a parte da ilha que viam para oeste estava deserta, como o mar, de que os seus olhos podiam percorrer, do noroeste até ao sul, um vasto arco de círculo, interrompido apenas, para o nordeste, pelas alturas do cabo de San Juan. Por baixo da torre abria-se a baía de Elgor, cuja praia se animava com o

vaivém dos marinheiros do Santa Fé.

Nem uma vela, nem o mais pequeno fumo ao largo. Só se viam as imensidades do oceano.

Depois de se demorarem um quarto de hora na galeria do farol, os dois oficiais, seguidos por Vasquez, tornaram a descer e voltaram para bordo.

A seguir ao almoço, o capitão Lafayate e o imediato Riegal foram outra vez para terra.

Iam consagrar as horas que precediam a partida a um passeio na margem norte da baía.

Já muitas vezes, e sem piloto — deve calcular-se que não havia nenhum na ilha dos Estados —, o comandante tinha ali entrado de dia para ancorar, como costumava, na enseadinha ao pé do farol. Mas, por prudência, queria fazer um novo reconhecimento daquela região pouco conhecida.

Os dois oficiais prolongaram portanto a sua excursão.

Atravessando o último estreito que liga o cabo de San Juan ao resto da ilha, examinaram a margem da enseada do mesmo nome, que, do outro lado do cabo, como que emparelha com a baía de Elgor.

— Esta enseada de San Juan — observou o comandante — é excelente. Por toda a parte há água bastante para os navios de maior tonelagem. É pena realmente que a entrada seja tão difícil. Uma luz, por pequena que fosse, posta em alinhamento com o farol de Elgor, permitiria que os navios em perigo encontrassem aqui facilmente refúgio.

— E é o último que se encontra depois de sair do estreito de Magalhães — observou o imediato Riegal.

Às quatro horas os dois oficiais estavam de volta.

Tornaram para bordo depois de se despedirem de Vasquez, de Filipe e de Moriz, que ficaram na praia à espera do momento da partida.

Às cinco horas, começava a subir a pressão na caldeira do navio e a chaminé vomitava turbilhões de fumo negro.

O mar não tardaria a estar sereno, e o Santa Fé levantaria ferro na baixa-mar.

Às seis horas menos um quarto, o comandante deu ordem para virar o cabrestante e balançar a máquina. O excesso do vapor saía pelo canudo da fuga.

À proa, o imediato vigiava a manobra, a âncora foi posta a prumo, içada no aparelho de suspensão e atravessada.

O Santa Fé pôs-se em andamento, saudado pelas despedidas dos três guardas. E, pensasse Vasquez o que pensasse, se os seus camaradas sentiram algum abalo quando viram afastar-se o aviso, os oficiais e a tripulação iam profundamente comovidos por deixarem os três homens naquela ilha do extremo da América.

O Santa Fé, com velocidade moderada, seguiu a costa que limitava ao nordeste a baía de Elgor.

Ainda não eram oito horas quando entrou no mar largo. Dobrado o cabo de San Juan, correu a todo o vapor, deixando o estreito para oeste, e, à noite fechada, a luz do farol do Cabo do Mundo só aparecia como uma estrela no limite do horizonte.

Capítulo II

A ILHA DOS ESTADOS

Ilha dos Estados, chamada também Terra dos Estados, está situada na extremidade sudoeste do novo continente. É o último e o mais oriental fragmento daquele arquipélago do estreito de Magalhães que as convulsões da época plutônica atiraram para aquelas paragens do paralelo 55, a menos de sete graus do círculo polar antártico.

Banhada pelas águas de dois oceanos, é procurada pelos navios que passam de um para o outro, quer venham do nordeste, quer do sudoeste, depois de dobrarem o cabo Horn.

O estreito de Lemaire, descoberto no século XVII pelo navegador holandês daquele nome, separa a ilha dos Estados da Terra do Fogo, distante 25 a 30 quilômetros.

Oferece aos navios uma passagem mais curta e mais fácil, evitando-lhes os formidáveis marulhos que sacodem o litoral da ilha dos Estados. Esta limita-o a leste num comprimento de cerca de dez milhas, do cabo Saint-Antoine ao cabo Kempe, e os navios a vapor ou de vela estão ali menos arriscados do que passando ao sul da ilha. Pouco mais ou menos dezenove quilômetros.

A ilha dos Estados mede trinta e nove milhas de oeste a leste, desde o cabo Saint-Barthélemy até ao cabo San Juan, por vezes onze de largura entre os cabos Colnett e Webster.

O litoral está muito retalhado. É uma seqüência de golfos, de baías e de enseadas, cuja entrada é às vezes proibida por fileiras de ilhotas e de recifes. Por isso, tem havido muitos naufrágios naquelas costas, numas partes fechadas por penedos a pique e noutras rodeadas de rochas enormes, contra as quais, mesmo com bom tempo, o mar se quebra com fúria incomparável.

A ilha estava desabitada, mas talvez se pudesse ali viver, ao menos no Estio, isto é, durante os quatro meses de Novembro, Dezembro, Janeiro e Fevereiro, que são os de Verão naquela alta latitude. Até o gado teria pasto suficiente nas vastas campinas que se alongam para o interior, mais particularmente na região situada a leste do porto Parry e compreendida entre o pico Conway e o cabo Webster.

Quando a espessa camada de neve se derrete aos raios do sol antártico, a erva aparece muito verdejante e o solo conserva até ao Inverno uma humidade salutar.

Os ruminantes, acostumados ao habitat da Terra de Magalhães, poderiam lá desenvolver-se. Mas, quando chegasse o frio, seria necessário trazer os rebanhos para os campos mais temperados da Patagônia, ou até mesmo da Terra do Fogo.

Contudo, encontram-se ali no estado selvagem alguns casais de guanacos, uma espécie de gamos de natureza rústica, que têm a carne muito boa quando é convenientemente assada ou frita. E, se aqueles animais não morrem de fome durante o longo período invernal, é por que sabem procurar debaixo da neve as raízes e os musgos com que o seu estômago tem de se contentar.

De uma parte e de outra alongam-se planícies ao centro da ilha, algumas árvores desenvolvem a sua enfezada ramagem e mostram folhas efêmeras, mais amareladas do que verdejantes.

São principalmente faias antárticas, de tronco alto, às vezes com uns sessenta pés, cujos ramos se dividem horizontalmente, depois bérberis de essência muito dura, e cortiças, de Winter com propriedades análogas às da baunilha.

Na realidade, a superfície destas planícies e destes bosques não ocupa a quarta parte da extensão da ilha dos Estados. O resto é um planalto penhascoso onde predomina o quartzo, desfiladeiros profundos, extensas fileiras de blocos erráticos, que se dispersaram em consequência de erupções muito antigas,

porque, atualmente, de balde se procurariam crateras de vulcões extintos naquela porção da Terra do Fogo ou da Terra de Magalhães.

Para o centro da ilha, as campinas, largamente desenvolvidas, tomam aparência de charneças, quando, nos oito meses do Inverno, nenhuma intumescência desmancha a uniformidade da camada de neve que as cobre. Depois, à proporção que se avança para oeste, o relevo da ilha acentua-se, as penedias do litoral são mais altas e mais escarpadas. Erguem-se ali cones alterosos, picos cuja altitude considerável chega quase a três mil pés acima do nível do mar e de onde se pode ver a ilha toda.

São os últimos anéis daquela prodigiosa cadeia andina que, do norte ao sul, constitui como que a ossada enorme do novo continente.

Por certo, em semelhantes condições climatéricas, exposta a ásperos e terríveis furacões, a flora da ilha reduz-se a umas raras amostras, cujas espécies não se aclimam senão nas proximidades do estreito de Magalhães ou no arquipélago das Maloínas, distante da costa da Terra do Fogo cerca de cem léguas marítimas.

São calceolárias, cítisos, pimpinelas, brómios, verónicas e estipas, em que a matéria corante apenas se forma num grau muito fraco.

À sombra dos bosques e entre as ervas dos prados, estas pálidas flóculas mostram as suas corolas, que tão depressa nascem como murcham. Ao pé das rochas lito-raias, nos seus declives, onde se junta um pouco de humus, o naturalista ainda poderia colher alguns musgos, e, ao abrigo das árvores, certas raízes comestíveis, por exemplo, as de uma azálea, de que os habitantes da Terra do Fogo se servem à maneira de pão, mas que, ainda assim, são pouco nutrientes.

De balde se procuraria uma corrente de água regular na superfície da ilha dos Estados.

Nem ribeiro, nem regato brotam fora daquele solo pedregoso. Mas a neve acumula-se aí em camadas espessas, persiste durante oito meses por doze e, na época da estação quente—, menos fria seria mais exato—, derrete-se aos raios oblíquos do Sol e conserva uma humidade permanente. Então formam-se em diferentes partes lagos pequenos, uma espécie de poças, onde a água se conserva até virem os primeiros gelos.

É assim que, no momento em que esta história começa, caíam massas líquidas das alturas próximas do farol e iam sumir-se, ressaltando, na angrazinha da baía de Elgor ou na enseada de San Juan.

Mas, se a fauna e a flora estão pouco representadas nesta ilha, em compensação abunda o peixe em todo o litoral. Por isso, apesar dos perigos muito sérios a que as suas embarcações se arriscam, atravessando o estreito de Lemaire, os habitantes da Terra do Fogo vão ali muitas vezes fazer pescas rendosas.

As espécies são muito variadas: bacalhau, eperlanos, bonitos, touradas, cadozes e mugens.

A pesca em grande escala poderia levar ali muitos navios, porque, pelo menos naquela época, os cetáceos, baleias, cachalotes, e também focas e outros anfíbios freqüentavam por gosto estas paragens. Aqueles animais marinhos têm sido perseguidos com uma tal imprevidência que se refugiam agora nos mares antárticos, onde as campanhas são tão perigosas como difíceis.

Como facilmente se percebe, em todo o perímetro desta ilha, onde se seguem uns aos outros as praias, os golfozinhos e os baixios, formigam as conchas e os mariscos, bivalves ou outros, mexilhões, amêijoas, ostras, lapas, etc., búzios grandes, e os crustáceos introduzem-se aos milhares entre os recifes.

Quanto aos voláteis, estão inumeravelmente representados pelos albatrozes, da alvura de cisnes, as narcejas, as tarambolas, os cavaleiros, as cotovias marinhas, as gaiivotas grandes e pequenas, e outras aves que atroam os ares com os seus gritos.

Mas desta descrição não se deve deduzir que a ilha dos Estados fosse de natureza a excitar a cobiça do Chile ou da República da Argentina. É apenas um rochedo enorme, quase impossível de se habitar.

A quem pertencia na época em que esta história começa?

Tudo o que se pode dizer é que fazia parte do arquipélago de Magalhães, então indiviso entre as duas

repúblicas do extremo continente americano.

Na estação boa, os habitantes da Terra do Fogo aparecem por ali raras vezes, quando o temporal os obriga a arribar. Quanto aos navios mercantes, a maior parte deles prefere ir pelo estreito de Magalhães, que está traçado com extrema exatidão nas cartas marítimas e por onde podem seguir sem perigo, quer venham de leste ou de oeste, para irem de um oceano ao outro, devido aos progressos da navegação a vapor. Só vêm tomar conhecimento da ilha dos Estados os navios que se preparam para dobrar ou que já dobraram o cabo Horn.

Depois, desde que se repartiu a Terra de Magalhães, em 1881, a ilha dos Estados ficou dependente da República da Argentina.

Convém notar que a República da Argentina tivera uma feliz iniciativa construindo este farol do Cabo do Mundo, e as nações deviam-lhe estar muito gratas.

Efetivamente, nenhuma luz alumiaava, naquela época, estas paragens da Terra de Magalhães, desde a entrada do estreito desse nome, no cabo das Virgens, no Atlântico, até à saída, no cabo Pilar, no Pacífico.

O farol da ilha dos Estados ia prestar incontestáveis serviços à navegação nestas paragens más. Não existe nenhum, nem sequer no cabo Horn, e este podia evitar muitas catástrofes, garantindo aos navios que vinham do Pacífico mais segurança para entrarem no estreito de Lemaire.

O Governo argentino tinha, portanto, decidido a criação daquele novo farol, no fundo da baía de Elgor. Depois de um ano de trabalhos bem dirigidos, acabava de se inaugurar, a 9 de Dezembro de 1859.

A cento e cinqüenta metros da angrazinha que termina a baía, o solo apresentava uma intumescência da superfície de quatrocentos a quinhentos metros quadrados e de uma altura de cerca de trinta a quarenta metros. Um muro de pedras secas fechou aquele terrapleno, aquele terraço penhascoso que devia servir de base à torre do farol.

Esta torre erguia-se ao centro, por cima do conjunto do anexo, habitações e armazéns.

O anexo compreendia: 1º, o quarto dos guardas, mobiliado com camas, armários, mesas e cadeiras, e aquecido por um fogão a carvão que levava a fumaça, por um canudo, para cima do telhado, 2º, a sala comum, onde também havia um aparelho de aquecimento e que servia de casa de jantar, com uma mesa ao centro, candeeiros suspensos do teto, armários, com diversos instrumentos, coma lunetas de longo alcance, barômetro e termômetro, e também os lampiões destinados a substituir a lanterna quando houvesse qualquer transtorno no farol, e finalmente um relógio de pesos na parede lateral, 3º os armazéns, onde se conservavam as provisões para um ano, apesar de se renovarem de três em três meses, conservas variadas, carne salgada enlatada, toucinho, legumes secos, bolacha de bordo, chá, café, açúcar, pipas de aguardente, de vinho e de cereais e alguns medicamentos de emprego usual, 4º, a reserva de azeite necessária para o consumo dos lampiões do farol, 5º, o armazém onde estava depositado o combustível em quantidade suficiente para as necessidades dos guardas enquanto duravam os Invernos antárticos.

Tal era o conjunto das construções, formando um edifício que se arredondava no terrapleno.

A torre era de extrema solidez, construída com os materiais fornecidos pela ilha dos Estados. As pedras, muito rijas, seguras por travessas de ferro, bem aparelhadas e encaixadas perfeitamente, formavam uma parede capaz de resistir às violentas tempestades, aos furacões terríveis que se desencadeiam tão freqüentemente naquele limite longínquo dos dois oceanos mais vastos do Globo.

Como dissera Vasquez, o vento não era capaz de levar aquela torre. Seria um farol que os seus camaradas e ele haviam de conservar ali, sem fazerem caso das tormentas do estreito de Magalhães!

A torre tinha trinta e dois metros de altura, e, juntando-lhe a elevação do terrapleno, a luz ficaria a duzentos e vinte e três pés acima do nível do mar. Podia, pois, avistar-se ao largo à distância de quinze milhas, distância a que chega o raio visual naquela altitude. Mas na realidade o seu alcance não era senão de dez milhas.

Naquela época ainda não se pensava em faróis funcionando com gás hidrogênio carburado ou com luz

elétrica. Além disso, naquela ilha afastada, de comunicação difícil com os estados mais próximos, impunha-se o sistema que fosse mais simples e que precisasse de menos consertos. Tinha-se, pois, adotado a iluminação a azeite, dotando-a com todos os aperfeiçoamentos que a ciência e a indústria possuíam naquele tempo.

Em suma, esta visibilidade a dez milhas era suficiente.

Restava aos navios que vinham de nordeste, de leste e de sudeste um largo campo para chegarem ao estreito de Lemaire ou tomarem direção pelo sul da ilha.

Evitavam-se todos os perigos observando pontualmente as instruções publicadas pelos cuidados da autoridade marítima: conservar o farol ao nor-noroeste no segundo caso e ao sul-sudoeste no primeiro. Passavam-se o cabo San Juan e o pico Several ou Fallows, deixando este a bombordo e aquele a estibordo, e de modo que não fossem transtornados pelo vento nem pelas correntes.

Além disso, ainda nas ocasiões muito raras em que um navio fosse obrigado a arribar à baía de Elgor, guiando-se pelo farol, tinha todas as probabilidades de entrar ali sem perigo: à volta, o Santa Fé poderia pois facilmente ir para a angrazinha, ainda que viesse de noite. A baía tinha cerca de três milhas de comprimento até à extremidade do cabo San Juan, e, sendo de dez o alcance da luz, o navio ainda teria sete na sua frente antes de chegar à ilha.

Antigamente os faróis eram munidos de espelhos parabólicos, que tinham o grave inconveniente de absorver pelo menos a metade da luz que produziam. Mas o progresso tinha-se manifestado nesta matéria como em todas as coisas, empregavam-se desde aquela época espelhos dióptricos, que só deixam perder uma fraca parte da claridade dos lampiões.

Escusado é dizer que o farol do Cabo do Mundo possuía uma luz fixa. Não era de recear que o capitão de um navio a pudesse confundir com outra luz qualquer, porque não existia nenhuma naquelas paragens, nem sequer, como já dissemos, no cabo Horn. Não tinha, pois, parecido necessário diferenciá-la por eclipses ou por clarões, A lanterna tinha pois lampiões de dupla corrente de ar e com torcidas concêntricas. A sua chama, produzindo uma claridade intensa num pequeno volume, podia desde então ser colocada quase no próprio foco das lentes. O azeite vinha-lhes abundantemente por um sistema análogo ao dos Carcel. Quanto ao aparelho dióptrico que estava no interior da lanterna, compunha-se de lentes graduadas, compreendendo um vidro central de forma comum, rodeado por uma série de anéis pouco grossos e de um tal perfil que todos tinham o mesmo foco principal. Nestas condições, o feixe cilíndrico de raios paralelos produzido por detrás do sistema de lentes era transmitido para fora nas melhores condições de visibilidade.

Saindo da ilha com um tempo muito claro, o comandante do Santa Fé pôde, efetivamente, verificar que a instalação e o funcionamento do novo farol estavam nas melhores condições.

É evidente que aquele bom funcionamento não dependia senão da exatidão e da vigilância dos guardas. Com a condição de conservarem os lampiões em perfeito estado, de lhes renovarem as torcidas cuidadosamente, de deitarem o azeite na proporção devida, de regularem bem a tiragem, estendendo ou encurtando as mangas dos vidros que os rodeavam, de acenderem e apagarem a luz ao pôr e ao nascer do Sol, de terem sempre uma vigilância minuciosa, este farol estava destinado a prestar os maiores serviços à navegação naquelas paragens longínquas do oceano Atlântico.

E não havia razão nenhuma para duvidar da boa vontade e do zelo de Vasquez e dos seus camaradas. Designados, depois de uma seleção rigorosa, entre um grande número de candidatos, todos três, nos seus serviços anteriores, tinham dado provas de consciência, de coragem e de muita paciência.

Não vem fora de idéa repetir que a segurança dos três guardas parecia ser completa, por muito isolada que estivesse a ilha dos Estados, a quinhentas milhas de Buenos Aires, única parte de onde podiam vir o abastecimento e os socorros. Os poucos habitantes da Terra do Fogo que lá iam às vezes na estação quente não se demoravam muito, e, demais, aqueles pobres homens são completamente inofensivos. Acabada a pesca, tinham pressa de atravessar outra vez o estreito de Lemaire e alcançar o

litoral da Terra do Fogo ou as ilhas do arquipélago.

Nunca outros estrangeiros tinham tido ocasião de mostrar ali a sua presença. As costas da ilha eram muito temidas pelos navegadores e por isso nenhum navio se tentava a ir procurar ali um refúgio que mais segura e facilmente encontraria em muitos outros pontos da Terra de Magalhães.

Apesar disso, tinham-se tomado todas as precauções na previsão de que viesse gente suspeita à baía de Elgor. Os anexos estavam fechados com portas sólidas, que se aferrolhavam por dentro, e não se poderiam arrombar as grades das janelas dos armazéns e da casa de habitação. Além disso, Vasquez, Moriz e Filipe tinham consigo carabinas e revólveres e as munições não lhes faltavam.

Finalmente, ao fundo do corredor que ia dar ao pé da torre, havia uma porta de ferro que seria impossível quebrar ou arrombar. Quanto a entrar de outra maneira na torre, como seria isso possível através das seteiras estreitas da escada, defendidas por travessas sólidas, e como se podia chegar à galeria que rodeava a lanterna, a não ser subindo pela corrente do pára-raios?

Tais eram os trabalhos de tão grande importância que tinham sido levados a bom fim na ilha dos Estados, pelos cuidados do Governo da República da Argentina.

Capítulo III

OS TRÊS GUARDAS

É nesta época do ano, de novembro a março, que a navegação se ativa mais nas paragens da Terra de Magalhães.

O mar ali está sempre mau.

Mas, se nada faz parar nem sossega as imensas ondas que vêm dos dois oceanos, pelo menos o estado da atmosfera é mais igual e as tormentas que o perturbam até nas zonas altas são apenas passageiras.

Os navios a vapor e os de vela arriscam-se de melhor vontade, neste período de tempo bonançoso, a contornar o Novo Continente dobrando o cabo Horn.

Contudo, não era a passagem dos navios, quer pelo estreito de Lemaire, quer pelo sul da ilha dos Estados, que podia quebrar a monotonia dos longos dias desta estação. Nunca foram muitos, e mais raros ainda se tornaram desde que o desenvolvimento da navegação a vapor e o aperfeiçoamento das cartas marítimas fizeram menos perigoso o estreito de Magalhães, que é o caminho ao mesmo tempo mais curto e mais fácil.

Mas esta monotonia, inerente à vida que se passa nos faróis, não a notam muito bem os guardas que neles estão empregados.

São, na maior parte, marinheiros encanecidos no serviço ou pescadores antigos.

Não é gente que conte os dias e as horas, sabem sempre achar que fazer e distrair-se.

Demais, o serviço não se limita a acender a luz entre o pôr e o romper do Sol. Fora recomendado a Vasquez e aos seus camaradas que vigiassem com cuidado as proximidades da baía de Elgor, que fossem muitas vezes por semana ao cabo San Juan e que observassem a costa leste até ao pico Several, sem nunca se afastarem mais de três a quatro milhas.

Deviam ter sempre em dia o livro do farol e registrar aí todos os casos que ocorressem, a passagem dos navios de vela e a vapor, a sua nacionalidade, o seu nome, quando os mandassem, com o número, a altura das marés, a direção e a força do vento, o bom ou mau tempo, a duração das chuvas, a frequência dos temporais, as altas e baixas do barômetro, o estado da temperatura e outros fenômenos, para com isso se estabelecer a carta meteorológica daquelas paragens.

Vasquez, argentino de nascença, como Filipe e Moriz, devia ser na ilha dos Estados o chefe dos guardas do farol.

Tinha então quarenta e sete anos.

Vigoroso, de uma saúde a toda a prova, pronto para suportar quaisquer intempéries, como todo o marinheiro que cortou e recortou a maior parte dos cento e oitenta paralelos, resoluto, enérgico, familiarizado com o perigo, soube sair-se bem em mais de uma circunstância em que teve a vida em risco. Não foi só pela idade que tinha que o escolheram para chefe dos guardas, foi também pelo seu caráter de rija têmpera, que inspirava inteira confiança.

Sem ter passado de primeiro-mestre na marinha de guerra da República, quando saiu do serviço era estimado por todos.

Por isso, quando solicitou aquele lugar na ilha dos Estados, a autoridade marítima não teve hesitação nenhuma em Lho confiar.

Filipe e Moriz eram igualmente dois marinheiros, um de quarenta e outro de trinta e sete anos. Vasquez conhecia-lhes as famílias havia muito tempo e tinha-os designado ao Governo para seus auxiliares.

O primeiro era solteiro, como ele. Dos três, só Moriz era casado, sem filhos, e a mulher, a quem havia de tornar a ver daí a três meses, estava a servir numa hospedaria do porto de Buenos Aires.

Quando passassem os três meses, Vasquez, Filipe e Moriz embarcariam no Santa Fé, este traria para a ilha dos Estados outros três guardas, que eles iriam render três meses depois.

Seria em Junho, Julho e Agosto que retomariam o serviço, isto é, no meio do Inverno.

Não teriam sofrido mau tempo da primeira vez, mas deviam esperar uma vida bem custosa quando voltassem para a ilha.

Como se deve calcular, isto não lhes causava inquietação nenhuma. Vasquez e os seus camaradas já estariam quase aclimatados e afrontariam impunemente o frio, as tempestades e todos os rigores das estações antárticas.

Desde aquele dia, 10 de dezembro, o serviço foi organizado regularmente.

Todas as noites os lampiões funcionaram, debaixo da vigilância do guarda que estava no quarto de vigia, enquanto os outros dois descansavam. De dia os diversos aparelhos eram examinados e limpos, com torcidas novas quando era preciso, e postos em estado de projetar os seus raios potentes ao pôr do Sol.

De quando em quando, conforme as indicações do serviço, Vasquez e os seus camaradas desciam a baía de Elgor até ao mar, a pé por uma ou outra margem ou no barco que estava sempre à disposição dos guardas, uma chalupa bem apetrechada que se abrigava numa angrazinha onde nada havia a recear, porque a protegiam as rochas altas contra os ventos de leste, as únicas que eram para temer.

Quando Vasquez, Filipe e Moriz faziam estas excursões na baía ou nos arredores do recinto do farol, um deles ficava sempre de guarda na galeria superior.

Podia acontecer que passasse algum navio à vista da ilha dos Estados e quisesse mandar o número. Convinha, pois, que um dos guardas estivesse sempre no seu posto.

Do terrapleno só se avistava o mar de leste para nordeste. Nas outras direções, as penedias detinham os olhos a alguns centos de toesas do recinto. Portanto um deles tinha obrigação de estar sempre no quarto de vigia, para poder comunicar com os navios.

Nos primeiros dias que se seguiram à partida do aviso não houve nada digno de menção.

O tempo continuava bom e a temperatura muito elevada. O termómetro marcava às vezes dez graus acima de zero. O vento soprava do largo, e geralmente muito leve entre o nascer e o pôr do Sol, depois, de tarde, alava para terra, quer dizer, subia para o noroeste, e vinha das vastas planícies da Patagônia e da Terra do Fogo.

Houve contudo algumas horas de chuva e, como o calor aumentava, deviam esperar-se tempestades próximas, que poderiam modificar o estado atmosférico.

Com a influência dos raios solares, que adquiriam uma força vivificante, a flora começou a

manifestar-se numa certa proporção. O prado próximo do farol, inteiramente despido do manto branco do Inverno, mostrava o seu tapete de um verde desmaiado. No bosque de faias antárticas, fazia até gosto estender-se debaixo da folhagem nova. O regato, largamente alimentado, corria, cheio de todo, até à angra. Os musgos e os líquenes tornavam a aparecer ao pé das árvores e atapetavam os flancos das rochas, juntos com as cocleárias, tão eficazes contra as afecções escorbúticas. Enfim, se não era a Primavera — esta palavra tão bonita não se usa ali —, era o Verão que por algumas semanas ainda reinava no extremo limite do continente americano.

No fim deste dia, antes de se acender o farol, Vasquez, Filipe e Moriz, sentados todos três na galeria circular que corria em roda da lanterna, conversavam, conforme o seu costume, e muito naturalmente o chefe dos guardas dirigia e mantinha a conversação.

— Então, rapazes — disse ele, depois de encher conscienciosamente o cachimbo, exemplo que foi seguido pelos outros dois —, começam a habituar-se a esta nova vida?

— Por certo, Vasquez — respondeu Filipe. — Em tão pouco tempo não se pode sentir muito aborrecimento nem grande fadiga.

— Efetivamente — acrescentou Moriz —, mas os nossos três meses hão de passar mais depressa do que eu julgava.

— Sim, meu rapaz, hão de correr como uma corveta a singrar por esses mares fora!

— A respeito de navios — ponderou Filipe —, ainda hoje não avistamos um só, nem sequer no horizonte...

— Há de vir, Filipe, há de vir — replicou Vasquez, arredondando a mão sobre os olhos como para fazer um óculo. — Não valia a pena ter levantado este belo farol na ilha dos Estados, um farol que manda a sua claridade até dez milhas ao largo, para nenhum navio se aproveitar dele.

— E o nosso farol é todo novo — observou Moriz.

— É como dizes, rapaz! — aprovou Vasquez —, e é preciso dar tempo aos capitães para saberem que esta costa é iluminada. Quando o souberem, não hesitarão em vir mais perto dela e entrar no estreito, com grande vantagem da sua navegação! Mas não basta saber que há um farol, é preciso também ter a certeza de que ele está sempre aceso, desde o pôr do Sol até que ele se levanta.

— Isso — disse Filipe — só será bem conhecido quando o Santa Fé voltar a Buenos Aires. — Justamente, rapaz — declarou Vasquez —, e quando se publicar o relatório do comandante Lafayate, as autoridades hão-de logo espalhá-lo por todo o mundo marítimo. Mas a maior parte dos navegadores já não deve ignorar o que se fez aqui.

— Quanto ao Santa Fé, que só partiu há cinco dias, — tornou Moriz —, a sua viagem durará...

— Suponho — interrompeu Vasquez — que não poderá durar mais de uma semana! O

tempo está bom, o mar sereno e o vento sopra de boa parte. O navio leva as velas pandas de dia e de noite, e, contando ainda com a máquina, muito me admiraria se não fizesse os seus nove a dez nós.

— A estas horas — disse Filipe — deve ter passado o estreito de Magalhães e dobrado o cabo das Virgens numas quinze milhas.

— Decerto, meu rapaz — declarou Vasquez. — Neste momento, rodeia a costa patagônica e pode desafiar na corrida os cavalos dos patagões... E, ainda assim, naquela terra, os homens e os cavalos correm como uma fragata de primeira ordem com vento de feição!

Percebe-se que esta lembrança do Santa Fé estivesse ainda presente no espírito daquela boa gente. Era como que um pedaço de terra natal que acabava de os deixar, para ir a outra parte. Seguiam-no com o pensamento até o fim da viagem.

— Fizeste hoje boa pesca? — tornou Vasquez, dirigindo-se a Filipe.

— Muito boa, Vasquez, apanhei de linha algumas dúzias de cadozes e à mão um peixe grande que pesava bem três arráteis e que fugia por entre as rochas.

— Está bem — respondeu Vasquez — e não tenhas medo de despovoar a baía!... Quanto mais peixes

se apanham, mais há, como se diz, e isso faz com que economizemos as nossas provisões de carne seca e toucinho salgado!... Com respeito aos legumes...

— Eu — disse Moriz — fui até o faial. Apanhei lá algumas raízes e, como já vi trabalhar o cozinheiro do navio, que sabe da poda, hei de arranjar-lhes um petisco famoso!

— E vem em muito boa ocasião — declarou Vasquez —, porque não se deve abusar das conservas, ainda mesmo das melhores! Vale mais tudo o que é morto ou pescado de fresco, ou então apanhado há pouco tempo!

— Oh! — disse Filipe —, se viessem alguns ruminantes do interior da ilha... um casal de guanacos ou outros quaisquer...

— Não digo que um filete ou uma perna de guanaco seja para desprezar —olveu Vasquez. — Quando lhe dão um bom bocado de carne, o estômago não tem mais senão agradecer!... Por isso, se a caça se apresentar, vamos a ver se a matamos.

Mas tomem cuidado, rapazes, em não se afastarem daqui para irem procurar caça grossa ou outra. O essencial é conformarem-se com as instruções que recebemos e não se afastarem do farol, a não ser para observarem o que se passa na baía de Elgor e ao largo entre o cabo San Juan e o pico Diegos.

— Contudo — tornou Moriz, que gostava de caçar —, se aparecesse uma peça boa a um tiro de espingarda...

— A um tiro, a dois, e até três, não digo que não — respondeu Vasquez. — Mas, como sabem, o guanaco é muito bravio por natureza e não freqüenta a boa sociedade... a nossa, entende-se, e muito me admirava se visse um par de chavelhos deles ao de cima das rochas, do lado do faial ou nas proximidades do farol!

Efetivamente, desde o princípio dos trabalhos não fora visto nenhum animal perto da baía de Elgor. O imediato do Santa Fé, que era um arrojado Nemrod, tinha por muitas vezes tentado caçar o guanaco. A sua tentativa não tivera resultado, apesar de se internar cinco a seis milhas pelo interior.

Se a caça grossa não faltava, pelo menos não se deixava ver senão de longe em longe para se lhe atirar. Talvez se tivesse subido às alturas e passado o porto Parry, se fosse até à outra extremidade da ilha, houvesse sido mais feliz. Mas ali, onde se erguiam grandes picos, na parte ocidental, o caminho devia ser por certo mais difícil e nem ele, nem ninguém da tripulação do Santa Fé, foi nunca reconhecer os arredores do cabo Saint-Barthélemy.

Na noite de 16 para 17 de Dezembro, estando Moriz de guarda no quarto de vigia das seis às dez horas, avistou-se uma luz na direção de leste, a cinco ou seis milhas ao largo. Era evidentemente de um navio, o primeiro que aparecia nas águas da ilha desde que se tinha montado o farol.

Moriz pensou, com razão, que isto devia interessar aos camaradas, que ainda não dormiam, e foi preveni-los.

Vasquez e Filipe subiram logo com ele e, com a luneta de longo alcance nos olhos, puseram-se à janela que dava para leste.

— É uma luz branca — declarou Vasquez.

— E, por conseguinte — observou Filipe —, não é luz de posição, porque não é verde nem vermelha. A observação era justa. Não era uma dessas luzes de posição, colocadas, conforme a sua cor, uma a bombordo e outra a estibordo do navio.

— E — acrescentou Vasquez —, visto que é branca, é porque está pendurado no estai da mezena, o que indica que temos um paquete à vista da ilha.

Nesse ponto não havia dúvida nenhuma. Era efetivamente um paquete que se aproximava do cabo San Juan. Os guardas não sabiam se tomaria pelo estreito de Lemaire ou se passaria pelo sul.

Seguiram com os olhos o andamento do navio à proporção que ele se aproximava, e, meia hora depois, ficaram cientes do seu rumo.

O paquete, deixando o farol por bombordo a sul-sudoeste, dirigiu-se francamente para o estreito.

Pôde ver-se-lhe a luz quando passou pela enseada San Juan; daí a pouco desapareceu no meio da escuridão.

— É o primeiro navio que passa à vista do farol do Cabo do Mundo! — exclamou Filipe.

— E não será o último! — affiançou Vasquez.

No dia seguinte, de manhã, Filipe distinguiu um grande navio de vela que aparecia no horizonte. O tempo estava claro, a atmosfera livre de nevoeiros por uma brisazinha do sudoeste e por isso pôde avistar-se o navio à distância de, pelo menos, dez milhas.

Vasquez e Moriz, prevenidos do caso, subiram à galeria do farol. Distinguia-se o navio indicado acima das ilhas extensas do litoral, um pouco à direita da baía de Elgor, entre o pico Diegos e o pico Several.

Esse navio singrava rapidamente, sempre para cima, com uma velocidade que não se devia avaliar em menos de doze ou treze nós. Ia a panos largos, com amuras a bombordo. Mas, como se dirigia em linha reta para a ilha dos Estados, não se podia ainda afirmar se lhe passaria ao norte ou ao sul.

Como marinheiros a quem essas coisas sempre interessam, Vasquez, Filipe e Moriz discutiam esse ponto. Finalmente, foi Moriz quem teve razão, afirmando que o navio não procurava a entrada do estreito. Efetivamente, quando chegou a milha e meia da costa, orçou, de modo a tomar mais a direção do vento, para dobrar o pico Several.

Era um navio grande, de mil e oitocentas toneladas, pelo menos, armado em galera, do gênero daqueles clippers construídos na América e cuja velocidade é realmente maravilhosa.

— Transforme-se em chapéu de chuva este óculo — exclamou Vasquez — se aquele navio não saiu de um estaleiro da Nova Inglaterra!

— Talvez nos vá mandar o seu número — disse Moriz.

— Não fazia senão o seu dever — respondeu simplesmente o chefe dos guardas.

Foi o que aconteceu quando o clipper tornejava o pico Several. Içaram uma série de bandeiras, sinais que Vasquez traduziu imediatamente depois de consultar o livro do farol.

Era o Montarak, do porto de Boston, Nova Inglaterra, Estados Unidos da América.

Os guardas responderam-lhe içando a bandeira argentina na haste do pára-raios, e não cessaram de observar o navio até ao momento em que a extremidade da sua mastreação desapareceu por detrás das alturas do cabo Webster, na costa sul da ilha.

— E agora — disse Vasquez — boa viagem ao Montarak, e queira Deus que não apanhe algum mau tempo ao largo do cabo Horn!

Nos dias que se seguiram, o mar esteve quase deserto. Mal se puderam entrever uma ou duas velas no horizonte de leste. Os navios que passavam a umas dez milhas da ilha dos Estados não procuravam evidentemente aproximar-se da terra da América. Na opinião de Vasquez, deviam ser baleeiras que iam para os sítios da pesca, nas paragens antárticas. Viram-se também alguns golfinhos que vinham das latitudes mais elevadas. Conservavam-se a boa distância do pico Several, dirigindo-se para o oceano Pacífico.

Não houve nada a notar até à data de 20 de dezembro, a não ser observações meteorológicas. O tempo tornara-se muito variável, com saltos de vento do nordeste para o sueste. Por várias vezes caíram chuvas muito fortes, de quando em quando acompanhadas de granizo, o que indicava uma certa tensão elétrica da atmosfera.

Podiam-se pois reear tempestades, que não deixam de ser temíveis, principalmente naquela época do ano.

Na manhã de 21, quando Filipe passeava, fumando, no terrapleno, pareceu-lhe ver um animal qualquer do lado do faial.

Depois de ter observado por alguns instantes, foi à sala comum buscar a luneta de longo alcance.

Filipe viu sem custo que era uma llama muito grande. Talvez fosse ocasião de dar um bom tiro.

Vasquez e Moriz, a quem ele chamou, saíram logo do anexo e foram ter com ele ao terrapleno.

Todos foram de opinião que deviam caçar o animal. Se conseguissem matá-lo, seria um acréscimo de carne fresca que viria variar agradavelmente a comida do costume.

Combinou-se o seguinte: Moriz, armado com uma das carabinas, sairia do recinto do farol e tentaria, sem ser visto, fazer voltar o animal, que continuava imóvel, e afastá-lo para o lado da baía, onde Filipe o esperaria quando ele passasse.

— Em todo o caso, tomem muito cuidado, rapazes — recomendou Vasquez. — Estes animais têm os ouvidos e as ventas finas! Apenas vir ou lhe der o faro de Moriz, por mais longe que seja, fugirá tão depressa que não lhe poderão atirar nem desviá-lo do caminho. Nesse caso deixem-no correr, porque não se devem afastar daqui. Entendem?

— Entendemos — respondeu Moriz.

Vasquez e Filipe postaram-se no terraço e, servindo-se da luneta, viram que o guanaco não se tinha tirado do lugar em que se mostrara primeiro. Dirigiram então as atenções para Moriz.

Este encaminhara-se para o faial. Ali estaria abrigado e talvez pudesse, sem assustar o animal, chegar às rochas, para o apanhar de costas e obrigá-lo a fugir do lado da baía.

Os camaradas puderam segui-lo com os olhos até ele chegar ao faial e desaparecer.

Passou quase uma hora. A llama continuava imóvel e Moriz devia já poder mandar-lhe um tiro.

Vasquez e Filipe esperavam, pois, ouvir o estrondo e ver o animal cair, mais ou menos gravemente ferido, ou então fugir com toda a velocidade.

Mas não se ouviu tiro nenhum e, com grande surpresa de Vasquez e de Filipe, a llama, em lugar de fugir, estendeu-se nas rochas, com as pernas pendentes e o corpo descaído, como se já não tivesse força para se segurar.

Quase a seguir, Moriz, que conseguira meter-se por trás das rochas, apareceu e correu para o guanaco, que não se mexeu; debruçou-se para ele, apalpou-o e levantou-se de repente.

Depois, voltando-se para o lado do farol, fez um gesto com o qual os companheiros não se podiam enganar. Evidentemente, pedia-lhes que fossem ter com ele quanto mais depressa melhor.

— Há qualquer coisa de extraordinário — afirmou Vasquez. Vem, Filipe.

E ambos, descendo precipitadamente do terraço, correram para o bosque. Não levaram dez minutos a chegar lá.

— Então... a llama?... — interrogou Vasquez.

— Está ali — respondeu Moriz, apontando para o animal deitado aos seus pés.

— Está morto? — perguntou Filipe.

— Está — disse Moriz.

— Foi de velhice? — exclamou Vasquez.

— Não... foi de uma ferida!

— De uma ferida! Então feriram-no?

— Sim... tem uma bala numailharga!

— Uma bala! — repetiu Vasquez.

Não havia nada mais certo. Depois de ser ferido com uma bala e de se arrastar até aquele local, a llama tinha caído morta.

— Então há caçadores na ilha! — murmurou Vasquez.

Imóvel e pensativo, lançou um olhar inquieto ao redor.

Capítulo IV

A QUADRILHA KONGRE

Se Vasquez, Filipe e Moriz tivessem ido à extremidade ocidental da ilha dos Estados, teriam visto como aquele litoral era diferente do que se alongava entre o cabo San Juan e o pico Several. Eram penedos que tinham duzentos pés de altura, a maior parte cortados a pique e prolongando-se por debaixo das águas profundas, batidas incessantemente por uma violenta ressaca, ainda mesmo que o tempo estivesse bom.

Para além daqueles penedos áridos, cujas fraturas, interstícios e falhas abrigavam miríades de aves marinhas, sobressaíam muitos recifes, alguns dos quais chegavam até duas milhas ao largo na baixa-mar. Entre eles recurvavam-se canais estreitos, passagens que não davam entrada senão a embarcações pequenas.

Aqui e acolá viam-se areais onde cresciam algumas plantas marinhas raquílicas e cheias de conchas esmagadas pelo peso das ondas na preia-mar.

No interior daquelas rochas havia muitas cavernas, grutas profundas, secas, escuras, de orifícios apertados, que não eram varridas da parte de dentro pelas rajadas nem inundadas pelo marulho, ainda mesmo nos tempos temíveis do equinócio. Entrava-se nelas atravessando cerros pedregosos, desmoronamentos de rochas que as grandes marés às vezes demoliam. Ravinas custosas de trepar iam ter ao cimo, mas para chegar ao planalto do centro da ilha era preciso subir montes de mais de novecentos metros de altitude, e a distância seria, pelo menos, de umas quinze milhas.

No total, o carácter selvagem e desolado acentuava-se mais naquele lado do que no litoral oposto, onde se abria a baía de Elgor.

Embora o Oeste da ilha dos Estados fosse em parte protegido contra os ventos do noroeste pelas alturas da Terra do Fogo e do arquipélago de Magalhães, o mar desencadeava-se ali com tanta fúria como nas proximidades do cabo San Juan, do pico Diegos e do pico Several. Portanto, se tinha montado um farol do lado do Atlântico, não era menos preciso outro do lado do Pacífico, para os navios que procurassem o estreito de Lemaire depois de dobrarem o cabo Horn. Talvez o Governo chileno se reservasse, naquela época, para seguir um dia o exemplo da República da Argentina.

Em todo o caso, se estes trabalhos se tivessem empreendido ao mesmo tempo nas duas extremidades da ilha dos Estados, teria sido comprometido singularmente a situação de uma quadrilha de salteadores que se tinha refugiado nas vizinhanças do cabo Saint-Barthélemy.

Havia muitos anos que estes malfeitores tinham assentado arraiais à entrada da baía de Elgor. Descobriram uma caverna profunda aberta nos rochedos. Esta caverna oferecia-lhes um abrigo certo e, como nenhum navio vinha arribar à ilha dos Estados, estavam ali em perfeita segurança.

Esses homens, que eram quinze, tinham por chefe um indivíduo chamado Kongre, a quem um certo Carcante servia de auxiliar.

Uma perfeita súa de bandidos originários do Sul da América. Cinco deles eram argentinos ou chilenos. Os outros, provavelmente naturais da Terra do Fogo, recrutados por Kongre, só tiveram de atravessar o estreito de Lemaire para completarem a quadrilha, naquela ilha que já conheciam por lá terem ido pescar na estação boa.

Só se sabia de Carcante que era chileno, mas seria difícil dizer em que cidade ou aldeia do Chile tinha nascido, nem a que família pertencia. De trinta e cinco a quarenta anos, estatura regular, mais magro do que gordo, mas todo nervos e músculos, e, por conseguinte, de grande vigor, de carácter sonso e alma falsa, nunca recuou nem diante de um roubo a perpetrar nem de um assassinio a cometer.

Quanto ao chefe da quadrilha, não se sabia nada da sua existência. Nunca dissera a que nacionalidade pertencia.

Chamava-se Kongre? Não se sabia. O certo é que esse nome é muito usado pelos indígenas de Magalhães e da Terra do Fogo. Por ocasião da viagem do Astrolábio e da Zelosa, o capitão Dumont Durville, fundeado na angra Peckett, no estreito de Magalhães, recebeu a bordo um patagão que tinha esse nome. Mas não é certo que Kongre fosse originário da Patagônia. Não tinha a cara, apertada em cima e larga na parte inferior, dos homens daquela região, a testa estreita e fugidiva, os olhos alongados, o nariz achatado, a estatura geralmente alta. Além disso, a sua fisionomia estava longe de apresentar a expressão de brandura que se encontra na maior parte dos tipos daquele território.

Kongre tinha um temperamento tão violento como enérgico. Conhecia-se isso facilmente nas suas feições, mal dissimuladas por uma barba espessa que já se ia fazendo branca, apesar da idade que tinha. Era um perfeito bandido, um malfeitor temível, manchado com todos os crimes, que não pudera encontrar outro refúgio senão aquela ilha deserta, de que só se conhecia o litoral.

Mas, desde que foram ali procurar asilo, como é que Kongre e os seus companheiros puderam viver? É o que vamos explicar em poucas palavras.

Quando Kongre e o seu cúmplice Carcante, depois de cometerem delitos que mereciam a corda ou o garrote, fugiram de Punta Arenas, o porto principal do estreito de Magalhães, foram para a Terra do Fogo, onde se tornou difícil persegui-los. Ali, vivendo no meio daquela gente, souberam como eram freqüentes os naufrágios na Ilha dos Estados, que não era ainda alumiada pelo farol do Cabo do Mundo.

Por força aquelas praias deviam estar cobertas de despojos de toda a espécie e alguns deviam ter grande valor. Kongre e Carcante tiveram então a idéia de organizar uma quadrilha de ladrões, com dois ou três bandidos dos piores que encontraram na Terra do Fogo, e depois juntaram-se-lhes uns dez da mesma raça.

Uma embarcação indígena levou-os para a outra margem do estreito de Lemaire.

Mas, apesar de Kongre e Carcante serem marinheiros e terem navegado muito tempo nas paragens suspeitas do Pacífico, não puderam evitar uma catástrofe.

Um pé de vento atirou-os para leste, e o mar, que estava péssimo, quebrou-lhes a embarcação de encontro aos rochedos do cabo Calnett, quando queriam fundear nas águas serenas do porto Parry.

Então foram a pé até à baía de Elgor.

As suas esperanças não os enganaram. As praias, entre o cabo San Juan e o pico Several, estavam cobertas de restos de naufrágios antigos ou recentes, fardos ainda intactos, caixas de provisões que podiam garantir o alimento da quadrilha por muitos meses, armas, revólveres e espingardas que seria fácil pôr em bom estado, munições bem conservadas em caixas metálicas, barras de ouro e de prata de grande valor, provenientes de ricos carregamentos australianos, móveis, cintas dos costados de navios, tábuas, madeiras de toda a espécie, aqui e acolá alguns restos de esqueletos, mas nem um único sobrevivente daqueles sinistros marítimos.

Demais, a temível ilha dos Estados era bem conhecida dos navegadores. Todo o navio que o temporal arrojava àquela costa estava irremediavelmente perdido.

Não foi no fundo da baía que Kongre se instalou com os seus companheiros, foi à entrada, o que lhe convinha melhor para os seus projetos, de modo que pudesse vigiar o cabo San Juan.

O acaso fez-lhe descobrir uma caverna, que tinha o orifício oculto por espessas plantas marinhas, laminárias e sargaços, e onde se podia abrigar toda a quadrilha.

Como rodeava um contraforte da rocha na margem norte da baía, não tinha nada a recear dos ventos do largo.

Levaram para lá tudo o que, proveniente dos naufrágios, podia servir para a rechear: camas, roupas, grande quantidade de carne em conserva, caixas de bolachas e pipas de aguardente e de vinho. Outra gruta, que estava próxima da primeira, serviu para armazenar os salvados que tinham valor especial,

como o ouro, a prata e as jóias preciosas que haviam encontrado nas praias. Se mais tarde Kongre conseguisse apoderar-se de um navio atraído traiçoeiramente à baía, carregava-o com todos aqueles roubos e voltava para as ilhas do Pacífico, onde fizera as suas primeiras extorsões.

Até então, como não se apresentara ocasião nenhuma para isso, aqueles malfeitores não tinham podido sair da ilha dos Estados.

É verdade que, no espaço de dez anos, a riqueza deles não fez senão aumentar.

Houve outros naufrágios, de que tiraram grande proveito. E até, como os ladrões dos salvados em certas costas perigosas do antigo e novo mundo, muitas vezes provocaram essas catástrofes. De noite, quando as tempestades do leste se desencadeavam com fúria, se aparecia algum navio à vista da ilha, atraíam-no com fogueiras acesas na direção dos recifes, e se, excepcionalmente, algum dos naufragos conseguia salvar-se, era logo assassinado.

Tal foi a obra criminosa destes bandidos, de quem até se ignorava a existência.

Mas a quadrilha continuava a estar prisioneira na ilha. Kongre conseguira provocar a perda de alguns navios, mas não os pudera atrair à baía de Elgor, onde teria tentado apossar-se deles. Por outro lado, nenhum navio viera de moto próprio fundear na baía, que os capitães conheciam pouco, e ainda assim podia ser que, nesse caso, a tripulação fosse capaz de se defender daqueles quinze bandidos.

O tempo ia-se passando e a caverna estava cheia de salvados de grande valor.

Facilmente se percebe quais deviam ser a impaciência e a raiva de Kongre. Era o eterno assunto das conversações entre Carcante e o seu chefe.

— Estamos encalhados nesta ilha como um navio na costa! — repetia ele —, tendo nós para embarcar um carregamento que vale mais de cem mil piastras.

— Sim — respondia Kongre —, é preciso sairmos daqui, custe o que custar!

— Quando e como? — replicava Carcante.

E esta pergunta ficava sempre sem resposta.

— As nossas provisões hão-de esgotar-se de todo — tornava Carcante. — Se a pesca nos dá para todas as necessidades, a caça pode faltar!... E, depois, passam-se nesta ilha uns tais Invernos! Com mil raios! Pensar eu no que ainda seremos obrigados a sofrer!

Que podia dizer Kongre a tudo isto?

Era pouco loquaz, pouco comunicativo. Mas que cólera sentia por ver que não podia fazer nada!

Nada... nada!... A falta de um navio que pudesse apanhar, se alguma barca dos habitantes da Terra do Fogo se aventurasse para o leste da ilha, Kongre não teria grande trabalho para lhe deitar a mão. E então, se não fosse ele, pelo menos Carcante e um dos chilenos poderiam servir-se dela para irem ao estreito de Magalhães, ou, se a ocasião se apresentasse, a Buenos Aires, ou Valparaíso. Com o dinheiro, que não lhe faltava, compraria um navio de cento e cinquenta a duzentas toneladas, que Carcante, com alguns marinheiros, levaria até à baía de Elgor.

Estando esse navio na angra, com facilidade se veria livre da tripulação; depois toda a quadrilha embarcaria nele com as suas riquezas e iriam para as ilhas de Salomão ou para as Novas Hébridas.

Estavam assim as coisas quando, quinze meses antes de começar esta história, a situação se modificou repentinamente.

No princípio de Outubro de 1858, um paquete com a bandeira argentina apareceu à vista da ilha e manobrou direto para a baía de Elgor.

Kongre e os seus companheiros depressa viram que era um navio de guerra e que não podiam tentar nada contra ele.

Depois de fazerem desaparecer todos os sinais da sua presença e de dissimularem os orifícios das duas cavernas, retiraram para o interior da ilha, à espera que o navio se fosse embora.

Era o Santa Fé, que vinha de Buenos Aires, trazendo a bordo um engenheiro encarregado de construir um farol na ilha dos Estados e que vinha escolher o sítio em que se havia de colocar.

O paquete só esteve alguns dias na baía de Elgor e tornou a partir sem ter descoberto o retiro de Kongre e dos seus companheiros.

Mas Carcante, que fora de noite até à angra, tinha podido saber o motivo por que o Santa Fé viera arribar à ilha dos Estados.

Ia ser construído um farol no fundo da baía de Elgor!... A quadrilha não tinha, pois, outro remédio senão sair dali, e era o que teria feito logo, se fosse possível.

— Kongre tomou a única resolução que lhe pareceu razoável.

Já conhecia a parte oeste da ilha nos arredores do cabo Saint-Barthélemy, onde ele e os seus se poderiam refugiar noutras cavernas. Sem perder um dia, porque o navio não se devia demorar a trazer os operários para começarem os trabalhos, levou tudo o que seria necessário para se conservar por lá um ano, tendo toda a razão para crer que, àquela distância do cabo San Juan, não tinha perigo nenhum de que o descobrissem. Mas faltava-lhe o tempo para desocupar as duas cavernas.

Teve de se limitar a tirar a maior parte das provisões, conservas, bebidas, camas, vestuário e também alguns objetos de valor, e depois, obstruídos os orifícios cuidadosamente com pedras e ervas secas, o resto foi deixado à guarda do diabo.

Cinco dias depois da sua partida, o Santa Fé tornava a aparecer de manhã na abertura da baía de Elgor e vinha fundear novamente na angra.

Desembarcaram os operários e o material para os trabalhos. O local escolhido era o terrapleno; os trabalhos de construção começaram logo e, como se sabe, foram dirigidos com rapidez.

Foi assim que a quadrilha Kongre teve de se refugiar no cabo Saint-Barthélemy.

Um regato, alimentado pelo derretimento das neves, forneceu a quantidade de água necessária. A pesca e, numa certa proporção, a caça permitiriam que economizassem as provisões com que se tinham prevenido antes de saírem da baía de Elgor.

Mas com que impaciência Kongre, Carcante e os seus companheiros esperavam que se acabassem os trabalhos do farol e que o Santa Fé partisse para não voltar senão três meses depois, quando trouxesse novos guardas para substituírem os que lá estavam!

Kongre e Carcante estavam ao fato de tudo o que se fazia no fundo da baía.

Costeando o litoral ao sul ou ao norte, aproximando-se dele pelo interior, ou observando-o das alturas que cercam ao sul a angra New-Year, puderam inteirar-se do estado dos trabalhos e calcular a época em que eles acabariam. Seria então que Kongre poria em execução um projeto havia muito tempo meditado. E agora, que ela estava alumiada, talvez algum navio viesse arribar à baía de Elgor e eles conseguissem apossar-se dele depois de terem surpreendido e trucidado a tripulação.

Quanto a uma excursão que os oficiais do navio quisessem fazer à extremidade ocidental da ilha, Kongre não pensou que houvesse razão para a temer. Ninguém se tentaria, pelo menos naquele ano, a aventurar-se até aos arredores do cabo Gómez através daqueles planaltos áridos, daqueles barrancos quase intransitáveis, de toda aquela parte montanhosa que só à custa de enormes fadigas se poderia atravessar.

É verdade que talvez o comandante do navio tivesse a idéia de tornejear a ilha. Mas não era provável que tentasse desembarcar na costa cheia de escolhos e, em todo o caso, a quadrilha tomaria as suas precauções para não a descobrirem.

No fim de contas, essa eventualidade não se deu e chegou o mês de Dezembro, em que deviam acabar as instalações do farol. Os guardas ficariam sós e Kongre seria avisado disso pelos primeiros raios de luz que o farol irradiasse nas trevas da noite.

Por isso, nessas últimas semanas, um ou outro deles ia pôr-se de observação num dos cones de onde se podia avistar o farol à distância de sete ou oito milhas, com ordem de voltar o mais rapidamente possível, logo que se acendesse a luz pela primeira vez.

Foi exatamente Carcante quem, na noite de 9 para 10 de dezembro, levou aquela notícia ao cabo

Saint-Barthélemy.

— Sim — exclamou ele quando se reuniu a Kongre na caverna —, o diabo acabou por acender esse farol, que o diabo apague!

— Não teremos precisão dele! — respondeu Kongre, estendendo a mão para leste, em atitude ameaçadora.

Passaram-se alguns dias e foi no princípio da semana vinte que Carcante, caçando nos arredores do porto Parry, feriu um guanaco com uma bala. Como se sabe, o animal fugiu-lhe e foi cair no sítio onde Moriz o encontrou, na extremidade das rochas, ao pé do faial. E foi desse dia em diante que Vasquez e seus companheiros, tendo a certeza de não serem já os únicos habitantes da ilha, vigiaram mais severamente os arredores da baía de Elgor.

Chegara, pois, o dia em que Kongre ia sair do cabo Saint-Barthélemy para voltar ao cabo San Juan. Os bandidos tinham resolvido deixar o seu material na caverna. Só levariam os mantimentos que lhes fossem precisos para três ou quatro dias de marcha, contando com o abastecimento do farol. Estava-se a 22 de dezembro. Saindo logo de manhã e tomando por um caminho que conheciam no interior da ilha, fariam a terça parte da jornada no primeiro dia. Depois de andarem umas dez milhas em terreno montanhoso, haveria uma paragem ao abrigo das árvores ou em alguma anfractuosidade.

Depois desta paragem, no dia seguinte, antes de nascer o Sol, Kongre começaria segunda caminhada, pouco mais ou menos igual à da véspera, e a seguir, no outro dia, a última, que o levaria à baía de Elgor, aonde poderia chegar na tarde do terceiro dia.

Kongre supunha que só havia dois guardas no farol, quando na realidade eram três. Mas isso, no fim de contas, pouco importava. Vasquez, Moriz e Filipe não poderiam resistir à quadrilha, de cuja presença, tão perto deles, não suspeitavam.

Dois seriam os primeiros a sucumbir na sua habitação e do outro dariam facilmente conta no seu posto de vigia.

Kongre seria então senhor do farol. Teria tempo bastante para trazer depois do cabo Saint-Barthélemy o material que lá ia deixar e de pôr o novo na caverna à entrada da baía de Elgor.

Tal era o plano que se formara no espírito do temível bandido. Era certíssimo que devia ter bom resultado. Mas que a sorte o favorecesse logo é que não era tão certo.

Efetivamente as coisas já não dependiam dele. Era preciso que algum navio viesse arribar à baía de Elgor. É verdade que aquele ancoradouro em breve seria conhecido pelos navegadores depois da viagem do Santa Fé. Não era, pois, impossível que um navio, principalmente se fosse de tonelagem regular, quisesse refugiar-se na baía, daí em diante balizada por um farol, em vez de fugir por um mar revoltoso pelo estreito ou pelo sul da ilha. Kongre tinha resolvido que esse navio cairia em seu poder, o que lhe daria a possibilidade, que havia tanto tempo esperava, de fugir pelo Pacífico fora e ficar assim certo da impunidade dos seus crimes.

Mas era preciso que tudo se passasse assim antes de voltar o Santa Fé com a nova gente. Se ainda estivessem na ilha naquela ocasião, Kongre e os seus seriam obrigados a voltar para o cabo Saint-Barthélemy.

E então as circunstâncias já não seriam as mesmas. Quando o comandante Lafayate soubesse que os três guardas do farol haviam desaparecido, não poderia duvidar de que tinham sido vítimas de um rapto ou de um assassinio. Seriam feitas pesquisas em toda a ilha. O paquete não tornaria a partir sem ela ser visitada por todos os lados. Como poderia a quadrilha escapar às perseguições e como havia de ocorrer às necessidades da sua existência se aquela situação se prolongasse... Se fosse preciso, o Governo argentino mandaria outros navios. Se até mesmo Kongre conseguisse apossar-se de uma embarcação de habitantes da Terra do Fogo — o que não era provável —, o estreito seria vigiado com tanto cuidado que ele não o poderia atravessar e refugiar-se na Terra do Fogo. A fortuna favoreceria tanto aqueles bandidos que lhes permitisse saírem da ilha enquanto fosse tempo?

Na tarde de 22, Kongre e Carcante passeavam, conversando, na extremidade do cabo Saint-Barthélemy e, como o costume dos marinheiros, observavam o céu e o tempo estava regular. Levantavam-se algumas nuvens no horizonte. O vento soprava de noroeste com força.

Eram então seis horas e meia da tarde. Kongre e os companheiros dispunham-se a voltar para o seu retiro habitual no momento em que Carcante dizia:

— Está então assente que deixemos todo o nosso material no cabo Saint-Barthélemy?

— Está, sim — respondeu Kongre. — Será fácil trazê-lo para cá depois... quando formos senhores da ilha... e que...

Não acabou. Com os olhos dirigidos para o largo, parou e disse:

— Carcante... olha... ali... ali... pelo través do cabo...

Carcante observou o mar na direção indicada.

— Oh! — declarou ele — não me engano... é um navio!

— Que parece dirigir-se para a ilha — tornou Kongre — e vem a bordejar porque tem vento contrário.

Efetivamente, um navio, a todo o pano, bordejava a duas milhas, pouco mais ou menos, do cabo Saint-Barthélemy.

Apesar de ter vento contrário, o navio aproximava-se a pouco e pouco e, se procurava o estreito, entraria lá antes da noite.

— É uma escuna — afirmou Carcante.

— Sim... uma escuna, de cento e cinqüenta a duzentas toneladas — acrescentou Kongre.

Não havia dúvida nenhuma a este respeito; a escuna antes queria alcançar o estreito do que dobrar o cabo Saint-Barthélemy. A questão era saber se estaria na sua altura antes de ser profunda a escuridão. Com aquele vento que abonançava, não se arriscava ela a ser atirada pela corrente sobre os recifes?

Toda a quadrilha estava reunida na extremidade do cabo.

Não era a primeira vez, desde que os bandidos ali estavam, que se apresentava um navio a tão curta distância da ilha dos Estados. Sabe-se que eles tentavam, em tal caso, atraí-lo para as rochas por meio de luzes movediças.

Desta vez ainda, propôs-se que recorressem a esse meio.

— Não — respondeu Kongre —, não é conveniente que aquela escuna se perca...

Vamos a ver se nos cai nas mãos... O vento e a corrente são contrários... a noite vai ser escura. Há-de ser-lhe impossível entrar no estreito. Amanhã ainda a teremos pelo través do cabo e então veremos o que se há-de fazer.

Uma hora depois, o navio desapareceu no meio de uma escuridão profunda, sem que nenhuma luz revelasse a sua presença ao largo.

Durante a noite, o vento veio a mudar e rodou para sudoeste.

No dia seguinte, ao romper do dia, quando Kongre e os seus companheiros desceram à praia, viram a escuna encalhada nos recifes do cabo Saint-Barthélemy.

Capítulo V

A ESCUNA MAULE

Kongre não era o único marinheiro ali. Que navio tinha comandado e em que mares navegara? Só Carcante, que era também marinheiro e que fora seu imediato no decurso daquela vida errante, como o era ainda na ilha dos Estados, o poderia dizer. Mas não o dizia.

Não seria certamente caluniar estes dois miseráveis atirar-lhes às faces o nome de piratas. Deviam ter levado essa vida criminosa naquelas paragens das ilhas Salomão e das Novas Hébridas, onde os navios ainda eram atacados freqüentemente naquela época. E, sem dúvida, foi depois de terem escapado aos cruzeiros organizados pelo Reino Unido, pela França e pela América naqueles sítios do oceano Pacífico que vieram refugiar-se no arquipélago de Magalhães e depois na ilha dos Estados, onde de piratas se fizeram ladrões de despojos dos navios que davam à costa.

Cinco ou seis dos companheiros de Kongre e de Carcante tinham igualmente navegado como pescadores ou marinheiros mercantes e, por conseguinte, estavam habituados ao mar. Os homens da Terra do Fogo completariam a tripulação, se a quadrilha conseguisse apossar-se da escuna.

Esta, a avaliar pelo casco e pela mastreação, não devia ter mais de cento e cinqüenta a cento e sessenta toneladas. Uma rajada do oeste tinha-a empurrado de noite para um banco de areia semeado de rochas, contra as quais teria podido fazer-se em pedaços. Mas não parecia que o casco tivesse sofrido qualquer coisa.

Inclinada para bombordo, com a roda de proa voltada obliquamente para a terra, apresentava o lado de estibordo ao largo. Naquela posição, via-se-lhe a tolda desde o castelo da proa até à ré. A mastreação estava intacta, mastro de mezena, mastro grande, gurupés, com os aparelhos, as velas meio ferradas, exceto a mezena e poucas outras.

Na véspera, à tarde, quando se avistou a escuna ao largo do cabo Saint-Barthélemy, lutava ela contra um vento de nordeste muito forte e, em andamento rápido, de amuras a estibordo, tentava alcançar a entrada do estreito de Lemaire. No momento em que Kongre e os seus companheiros a tinham perdido de vista no meio da escuridão, a brisa mostrava tendência para abrandar e tornava-se em breve insuficiente para garantir a um navio uma velocidade apreciável. Havia, pois, razão para admitir que, arrastada pelas correntes de encontro aos recifes, a escuna se tivesse encontrado muito perto deles e não pudesse fazer-se ao largo, quando, durante a noite, com a rapidez habitual naquelas paragens, o vento mudara de repente. A ondulação das vergas mostrava que a tripulação fizera todos os esforços para se pôr na boa direção do vento. Mas por certo fora tarde de mais, porque finalmente, a escuna viera encalhar no banco de areia.

Com respeito ao capitão e à tripulação, não se podiam fazer senão conjecturas.

Mas, provavelmente, vendo-se empurrados pelo vento e pela corrente contra uma costa perigosa, cheia de recifes, tinham-se servido da lancha, com a certeza de que o navio ia despedaçar-se nas rochas e que haviam de morrer todos. Foi uma inspiração péssima. Ficando a bordo, o capitão e os seus homens teriam saído sãos e salvos. Assim, não era duvidoso que tivessem morrido, visto que a lancha aparecia de quilha para o ar, duas milhas para o nordeste, levada pelo vento para o fundo da baía Franklin.

Ir a bordo da escuna, enquanto a maré ainda estava baixa, não apresentava dificuldade nenhuma. Desde o Cabo Saint-Barthélemy, podia-se ir de rocha em rocha até ao lugar do naufrágio, que distava dali meia milha, quando muito. Foi o que fizeram Kongre e Carcante, acompanhados por dois dos seus homens. Os outros ficaram em observação ao pé das rochas, para ver se avistavam os sobreviventes do naufrágio.

Quando Kongre e os seus companheiros chegaram ao banco de areia, a escuna estava completamente fora de água. Mas como as ondas deviam subir sete a oito pés na maré próxima, não havia dúvida de que o navio havia de recobrar o seu calado de água se não estivesse avariado no fundo.

Kongre não se tinha enganado quando avaliou em cento e sessenta toneladas a capacidade do navio. Andou de roda dele e, quando chegou defronte da ré, leu: Maule, Valparaíso.

Era portanto um navio chileno que viera encalhar na ilha dos Estados na noite de 22 para 23 de Dezembro.

— Já temos aqui o que queríamos — disse Carcante.

— Se não tiver água aberta no casco — objetou um dos seus homens.

— Isso ou qualquer outra avaria tem conserto — limitou-se Kongre a responder.

Foi então examinar a querena do lado do largo. A borda parecia não ter sofrido nada. A roda de proa, um pouco enterrada na areia, também parecia estar intacta, o cadaste da mesma forma, e o leme tinha toda a sua ferragem. Da parte do casco que estava no banco de areia, por não se ver de fora, não se podia dizer nada.

Depois de estar duas horas a nado é que Kongre poderia dar a sua opinião.

— Para bordo! — ordenou ele.

Se a inclinação do navio facilitava o embarque por bombordo, não permitia andar na tolda: era preciso ir de rastos. Kongre e os seus homens atravessaram-no encostando-se aos óvens do mastro grande.

O encalhe não devia ter sido muito forte e, a não ser algumas vigas desamarradas, tudo estava no seu lugar. A escuna, muito leve, não ocupava grande espaço, e certamente havia de se levantar por si mesmo com a maré, se não se enchesse de água por causa de alguma avaria que tivesse nas obras vivas.

O primeiro cuidado de Kongre foi procurar o camarote do capitão. Afinal encontrou-o. Entrou, encostando-se às paredes, tirou os papéis de bordo de dentro de um armário e voltou para a tolda, onde Carcante estava à espera dele.

Ambos examinaram a lista da tripulação e souberam assim que:

A escuna Maule, do porto de Valparaíso, Chile, de cento e cinqüenta e sete toneladas, capitão Palha e com seis homens de tripulação, tinha partido a 23 de Novembro, com destino às ilhas Falkland.

Depois de ter dobrado com felicidade o cabo Horn, a Maule preparava-se para entrar no estreito de Lemaire, quando se perdeu nos recifes da ilha dos Estados.

Nem o capitão Palha nem nenhum dos seus homens tinham escapado do naufrágio, porque, no caso de que algum deles tivesse sobrevivido, teria encontrado refúgio no cabo Saint-Barthélemy. Ora, havia duas horas que era dia e ninguém tinha aparecido ainda.

Como se vê, a escuna não trazia carga, porque ia para leste das Maloínas. Mas o essencial era que Kongre tivesse um navio à sua disposição para sair da ilha com o seu stock de rapinas e havia de tê-lo se conseguisse desencalhar a Maule.

Seria preciso deslocar o lastro para verificar o interior do porão.

Esse lastro compunha-se de ferragens velhas atiradas ali em monte. Levaria algum tempo a tirá-lo e a escuna estaria muito exposta a qualquer risco se o vento refrescasse do largo. Convinha, antes de tudo, tirá-la para fora do banco de areia logo que estivesse a nado. Ora, a maré depressa encheria e daí a algumas horas haveria preia-mar. Kongre declarou a Carcante:

— Vamos preparar tudo para rebocar a escuna quando ela tiver a água suficiente debaixo da quilha. É possível que não tenha avarias graves e que não se encha de água.

— Não tarda nada que se saiba isso — respondeu Carcante —, porque a maré começa a subir; e, então, que havemos de fazer, Kongre?

— Tiramos a Maule para fora dos recifes e levamo-la, pelo cabo, para o fundo da angra dos Pinguins, defronte das cavernas. Ali não lhe chegará a água, nem ainda na vazante, porque tem só seis pés de

calado.

— E depois? — perguntou Carcante.

— Depois, embarcaremos nela tudo o que tivermos trazido da baía de Elgor...

— E a seguir?...

— A seguir, resolveremos o que se há-de fazer — respondeu simplesmente Kongre.

Deitaram-se ao trabalho, para não perderem a maré próxima, porque isso demoraria doze horas o desenganche da escuna. Era preciso, a todo o custo, que estivesse na angra antes do meio-dia. Ali estaria sempre a nado, e relativamente em segurança se o tempo se conservasse assim.

Primeiro, Kongre, ajudado pelos seus homens, mandou tirar a âncora do aparelho de estibordo e prendeu-a fora do banco, estendendo a corrente a todo o comprimento.

Desta maneira, quando a quilha já não estivesse na areia, seria possível rebocar a escuna até ao sítio onde se encontrasse água profunda. Antes que a maré começasse a vazar haveria tempo de chegar à angra e, de tarde, visitar o porão todo.

Estas precauções foram tomadas rapidamente e tudo estava pronto quando chegou a primeira onda. O banco de areia ia ser coberto de água num instante.

Por isso, Kongre, Carcante e meia dúzia dos companheiros subiram a bordo, enquanto os restantes iam para o pé das rochas.

Agora o que havia a fazer era esperar. Às vezes o vento do largo refresca com a maré e era o que se devia principalmente recear, porque podia fazer encalhar mais a escuna e levá-la mais adiante no banco que se recortava do lado da terra.

Estava-se quase nas águas mortas e talvez o mar não tivesse subido o bastante para desembaraçar a escuna se ela estivesse puxada para a costa, ainda que fosse a pouca profundidade.

Mas parecia bem que as circunstâncias favoreciam os projetos de Kongre. A brisa aumentou um pouco do sul e veio assim auxiliar o desenganche da escuna.

Kongre e os companheiros estavam à proa, que devia flutuar primeiro que a ré. Se, como se esperava com razão, a escuna pudesse girar na parte inferior do leme, bastaria só virar o cabrestante para pôr a roda de proa ao largo e então, com a corrente, que tinha umas cem braças de comprido, encontraria o seu elemento natural.

Entretanto o mar ia subindo a pouco e pouco. Certos estremecimentos indicavam que o casco sentia a ação da maré. As ondas desenrolavam-se em largo marulho e nem uma se quebrava ao largo. Não se podiam pedir circunstâncias mais felizes.

Mas se Kongre tinha agora a certeza de desenganchar a escuna e pô-la em segurança numa das angras da baía Franklin, havia uma eventualidade que ainda lhe causava séria inquietação. O casco da escuna não estaria arrombado no costado de bombordo, que tinha ficado sobre o banco de areia e que não se pudera examinar? Se existisse aí água aberta, não se podia dar por isso debaixo do lastro e remediar o caso. A escuna não sairia dali, encher-se-ia de água e seria forçoso abandoná-la naquele sítio, onde a primeira tempestade acabaria de a destruir.

Era um caso sério. Por isso com que impaciência Kongre e os companheiros viam os progressos da maré! Se alguma cinta do costado estivesse arrombada, ou se a calafetagem tivesse dado de si, a água não tardaria a invadir o porão e a escuna não se tornaria a levantar.

Mas os espíritos foram-se sossegando a pouco e pouco. A maré subia. A cada instante o casco imergia mais. A água elevava-se ao longo do costado sem penetrar no interior. Alguns abalos indicavam que o casco estava intacto e a tolda retomava a sua horizontalidade normal.

— Não tem água aberta... não tem! — exclamou Carcante.

— Atenção ao cabrestante! — ordenou Kongre.

As manivelas estavam prontas. Os homens só esperavam uma ordem para manobrar com elas.

Kongre, debruçado sobre o aparelho da âncora, observava as ondas que subiam havia já duas horas e

meia. A roda de proa começava a mover-se e a quilha levantava-se. Mas o cadaste ainda estava enterrado na areia e o leme não se movia bem. Era preciso ainda meia hora sem dúvida para a ré ficar livre.

Kongre quis então apressar a operação do desencalhe e, ficando à proa, gritou:

— Vira!

As manivelas, vigorosamente movidas, só puderam esticar a corrente e a roda de proa não se abaixou do lado do largo.

— Segurem bem! — exclamou Kongre. podia, efetivamente, recear-se que o ferro se desprendesse do fundo e então seria difícil ancorar novamente.

A escuna estava levantada de todo e, percorrendo o porão, Carcante certificou-se de que a água não tinha entrado lá. Portanto, se havia alguma avaria, pelo menos a borda não se tinha desconjuntado. Podia-se esperar que a Maule não tivesse sofrido nada, nem na ocasião do encalhe nem durante a dúzia de horas passadas no banco de areia. Nestas condições, a sua demora na angra dos Pinguins não podia ser grande.

Carregavam-na de tarde e no dia seguinte poderia voltar para o mar. De mais, era preciso aproveitar o tempo. O vento favorecia o andamento da escuna, quer ela subisse pelo estreito de Lemaire, quer pela costa meridional da ilha dos Estados, para chegar ao Atlântico.

Era pouco mais ou menos às nove horas que a maré devia estacionar e, como se sabe, a maré do quarto de lua nunca é muito forte. Mas enfim, em vista do calado e água, relativamente fraco, da escuna, havia razão para crer que se tornaria a pôr a nado.

Efetivamente, pouco depois das oito horas e meia, a ré começou a levantar-se. A escuna moveu-se, sem riscos de avaria, naquele mar sereno e sobre o banco de areia.

Kongre, depois de examinar a situação, concluiu que se podia tentar novamente a sirga em boas condições. Por sua ordem os homens puseram-se a virar e, depois de fazerem entrar umas doze braças da corrente, a proa da escuna foi enfim voltada para o largo. O ferro estava bem preso. Encaixado solidamente num intervalo das rochas, era mais fácil quebrar do que ceder à tração do cabrestante.

— Fora, rapazes! — exclamou Kongre.

E todos se puseram à obra, até Carcante, enquanto, debruçado da parte de cima, Kongre observava a popa da escuna.

Houve alguns momentos de hesitação; a segunda metade da quilha continuava a tocar na areia.

Kongre e os seus companheiros estavam muito inquietos.

O mar não subiria mais senão durante uns vinte minutos e era preciso que a escuna fosse desencalhada antes, senão ficaria ali até à próxima maré. Ora, ainda por dois dias, a maré devia diminuir de altura e não tornaria a encher senão daí a quarenta e oito horas.

Era chegada a ocasião de fazer um último esforço. Imagine-se o que podia ser o furor, mais do que o furor, a raiva daqueles homens, vendo que não podiam fazer nada! Terem debaixo dos pés o navio que cobriçavam havia tanto tempo, que lhes assegurava a liberdade, a impunidade talvez, e não o poderem tirar daquele banco de areia!

Rebentaram as pragas e as imprecações, enquanto eles puxavam o cabrestante com receio de que o ferro viesse a quebrar-se ou a despegar-se do fundo. Seria preciso então esperar pela maré da tarde para prender de novo o ferro e juntar-lhe o segundo. Ora, daí a vinte e quatro horas quem sabia o que havia de acontecer e se as condições atmosféricas seriam tão favoráveis?

Efetivamente, formavam-se algumas nuvens, muito grossas, a nordeste. É verdade que, se conservassem daquele lado, a situação do navio não piorava, porque o banco de areia estava abrigado pelas rochas altas do litoral. Mas o mar não se tornaria mais áspero e as ondas não acabariam o que o encalhe tinha começado durante a noite precedente?

E, depois, aqueles ventos de nordeste, ainda mesmo ligeiros, não seriam de molde a favorecer a navegação no estreito. Em vez de andar com as velas pandas, a escuna seria talvez obrigada a bolinar por

muitos dias, e, em matéria de navegação, as conseqüências da demora podem ser sempre graves.

O mar estava então quase quieto e daí a alguns minutos começaria a vazante.

Todo o banco de areia estava coberto de água. Só alguns cabeços de recifes apareciam à superfície. Do cabo Saint-Barthélemy já não se via a ponta, e na praia a última saliência, depois de ter sido por um instante tocada pelas ondas, ficava em seco.

Era evidente que o mar começava a retirar-se devagar e que as rochas iam brevemente descobrir-se à roda do banco.

Então houve novas pragas. Os homens, exaustos, sem fôlego, iam abandonar um trabalho com que não podiam.

Kongre correu para eles, com os olhos enfurecidos e escumando de cólera.

Pegando num machado, ameaçou ferir com ele o primeiro que desertasse do seu posto, e eles sabiam bem que não hesitaria em o fazer.

Todos voltaram portanto para as manivelas e, com grandes esforços, a corrente esticou, esmagando o forro de cobre dos escovéns.

Afinal, ouviu-se um ruído. A lingueta do cabrestante tornara a cair no encaixe. A escuna fizera um movimento leve para o largo. A cana do leme, movendo-se, indicava que o navio ia saindo a pouco e pouco da areia.

— Hurra!... Hurra!... — gritaram os homens, vendo que a Maule estava livre.

A parte inferior do leme acabava de deslizar na areia. O cabrestante virou-se mais depressa e daí a alguns minutos a escuna, puxada pelo ferro, flutuava fora do banco de areia.

Kongre atirou-se logo para a roda do leme. A corrente cedeu, o ferro desprendeuse e foi içado novamente para o aparelho de suspensão. Agora era só ir, por entre os recifes, até à angra da baía Franklin.

Kongre mandou então armar a bujarrona, que devia ser suficiente. No estado em que o mar se encontrava, havia água por toda a parte. Passada meia hora, depois de contornar os últimos rochedos ao longo da praia, a escuna fundeava na angra dos Pinguins, a duas milhas da extremidade do cabo Saint-Barthélemy.

Capítulo VI

NA BAÍA DE ELGOR

A operação do desencalhe tinha pois sido feita com bom resultado. Mas ainda não acabara tudo. Era preciso que a escuna estivesse em completa segurança naquela angra aberta no litoral do cabo Saint-Barthélemy. Estava muito exposta às ondas do mar largo e aos temporais do noroeste. Na época das marés fortes do equinócio nem poderia ficar vinte e quatro horas ali.

Kongre sabia-o muito bem. Por isso a sua intenção era sair da angra na vazante do dia seguinte, que queria aproveitar para tornar a subir em parte o estreito de Lemaire.

Mas antes disso era indispensável acabar de visitar o navio todo e verificar o estado do casco por dentro. Apesar de ter a certeza de que não metia água, podia ser que, se não o costado, pelo menos o cavername tivesse sofrido com o encalhe e fosse necessário fazer consertos por causa de ser demorada a viagem.

Kongre pôs logo os seus homens ao trabalho, para tirarem o lastro que obstruía o porão até à altura das cavernas de bombordo e de estibordo. Demais, não teriam de desembarcar, o que pouparia tempo e fadigas, principalmente tempo, que era preciso aproveitar muito, na situação pouco segura em que a escuna se encontrava.

A ferragem velha que constituía o lastro foi primeiro levada da proa para a ré do porão, para se

poder examinar bem a parte da frente do navio.

Esse exame foi feito com todo o cuidado por Kongre e Carcante, ajudados por um chileno chamado Vargas, que tinha trabalhado antigamente de carpinteiro nos estaleiros de Valparaíso e sabia bem do seu ofício.

Em toda a parte compreendida entre a proa e o mastro de mezena não havia avaria nenhuma. Tudo estava em bom estado; as peças, com cavilhas de cobre, não se ressentiam do choque no banco de areia.

Levado o lastro para a proa, viu-se o casco igualmente intacto do mastro de mezena ao mastro grande. Os pontaletes não estavam dobrados nem torcidos, e a escada que dava para a parte central ficara no mesmo lugar.

Examinou-se então o resto do porão.

Aí é que havia uma avaria de alguma importância.

Se nesse sítio o navio não metia água, o cavername de bombordo mostrava um rombo de metro e meio de comprimento. Este rombo devia ter sido causado pelo embate contra um rochedo antes de a escuna ser arrastada para o banco de areia.

Se o costado não tinha cedido de todo, se a estopa ficara no seu lugar, impedindo que entrasse água no porão, esta avaria não deixava de ter certa gravidade e era para causar inquietação a um marinheiro.

Era preciso pois remediá-la antes de se fazerem ao mar, a não ser que fizessem uma travessia curta com tempo sereno. Demais, era provável que aquele conserto levasse uma semana toda, admitindo ainda que tivessem os materiais e as ferramentas necessárias para esse trabalho.

Quando Kongre e os seus companheiros viram tudo, as maldições muito justificadas pelas circunstâncias em que estavam seguiram-se aos hurras que tinham saudado o desenganche da escuna.

Não estaria ela em estado de navegar? Não poderiam afinal sair da ilha dos Estados?

Kongre interveio então, dizendo:

— Efetivamente a avaria é grave. No estado em que está, não poderíamos contar com a escuna, porque, havendo mau tempo, arriscava-se muito a abrir-se de meio a meio... E temos de andar centenas de milhas antes de chegarmos às ilhas do Pacífico!... Era arriscarmo-nos a soçobrar no caminho. Mas esta avaria tem conserto e havemos de a remediar.

— Onde? — perguntou um dos chilenos, que não ocultava a sua inquietação.

— Aqui não, com certeza — declarou um dos companheiros.

— Não — respondeu Kongre num tom resolutivo —, na baía de Elgor.

Em quarenta e oito horas a escuna podia, efetivamente, transpor a distância que a separava da baía. Só teria de costear o litoral da ilha, para o sul ou para o norte.

Na caverna, onde tinha ficado tudo o que provinha do saque feito aos navios, o carpinteiro teria à sua disposição a madeira e as ferramentas precisas para o conserto. Se fosse preciso ficar arribada quinze dias ou três semanas, a escuna ficaria. A estação boa ainda devia durar dois meses e, pelo menos, quando Kongre e os seus companheiros saíssem da ilha dos Estados, seria a bordo de um navio que, depois de consertado, apresentaria toda a segurança.

Demais, Kongre tivera sempre a intenção de, quando saísse do cabo de Saint-Barthélemy, passar algum tempo na baía de Elgor. Por coisa nenhuma queria perder os objetos de toda a espécie que tinha deixado na caverna, quando os trabalhos do farol obrigaram a quadrilha a refugiar-se na outra extremidade da ilha.

Assim, os seus projetos não seriam modificados senão quanto à duração da arribada, que se prolongaria além do que desejava.

Voltou então a confiança e fizeram-se os preparativos de maneira que pudessem partir na maré do dia seguinte.

Quanto à presença dos guardas do farol, não era coisa que desse cuidado àquele bando de piratas. Em algumas palavras, Kongre expôs os seus projetos a esse respeito.

— Antes de chegar esta escuna — comunicou ele a Carcante quando ficaram sós -

tinha eu resolvido tomar posse da baía de Elgor, e ainda não mudei de tenções. Mas em lugar de irmos para lá pelo interior da ilha, evitando que nos vejam, iremos por mar, bem às claras. A escuna irá fundear na angra... Hão-de receber-nos sem suspeitarem nada... e...

Um gesto que Carcante percebeu perfeitamente completou a idéia de Kongre. E, na realidade, os projetos daquele miserável tinham todas as probabilidades de bom êxito. A não ser por um milagre, como escapariam Vasquez, Moriz e Filipe da sorte que os ameaçava?

A tarde foi consagrada aos preparativos da partida. Kongre mandou pôr o lastro no seu lugar e tratar do embarque das provisões, das armas e de outros objetos que se tinham trazido para o cabo Saint-Barthélemy.

O carregamento efetuou-se com rapidez.

Desde a partida da baía de Elgor — havia já mais de um ano — Kongre e os seus companheiros tinham-se alimentado principalmente das suas reservas e só havia uma pequena quantidade delas, que se guardou na despensa. Quanto às camas, ao fato, às ferramentas, aos objetos de ouro e de prata, foram para diferentes sítios do navio, enquanto não vinha o material que ainda estava armazenado na caverna à entrada da baía.

Em suma, andaram tão diligentes que às quatro horas da tarde essa carregação estava a bordo.

A escuna podia fazer-se ao mar imediatamente, mas Kongre não queria navegar de noite ao longo de um litoral coberto de recifes. Nem sabia se iria ou não pelo estreito de Lemaire para subir à altura do cabo San Juan. Dependeria isso da direção do vento. Sim, se puxasse para o sul, e não se conservasse ao norte e tendesse a refrescar. Nesse caso, parecer-lhe-ia preferível passar ao sul da ilha, porque assim garantiria à escuna o abrigo da terra. Demais, fosse qual fosse o caminho que escolhesse, calculava que esta travessia não devia durar mais de umas trinta horas, incluindo a arribada de noite.

À tarde não tinha havido modificação nenhuma no estado atmosférico. Não se apresentara nevoeiro ao pôr do Sol. e era tal a pureza da linha do céu e da água que, quando o disco desaparecia no horizonte, atravessou o espaço um raio verde.

Parecia, pois, que a noite havia de ser serena, e, efetivamente, assim foi. A maior parte dos homens tinham-na passado a bordo, uns no posto, outros no porão.

Kongre ocupava o camarote do capitão Palha, à direita, e Carcante o do imediato, à esquerda do pavimento.

Por várias vezes foram á tolda observar o estado do céu e do mar e certificar-se de que, ainda mesmo na preia-mar, a escuna não corria nenhum perigo e que nada lhe demoraria a partida no dia seguinte.

Efetivamente, o nascer do Sol foi magnífico. Naquela latitude, é raro vê-lo aparecer acima de um horizonte tão límpido.

Logo às primeiras horas, Kongre desembarcou com a lancha e, através de um barranco estreito, quase ao pé do cabo Saint-Barthélemy, chegou à aresta dos rochedos.

Daquela altura, pôde percorrer com os olhos um vasto espaço de mar nos três quartos do compasso. A leste só encontrava as massas montanhosas que se elevam entre o cabo Saint-Antoine e o cabo Kempe.

O mar, sereno na região do sul, era muito agitado na abertura do estreito, porque o vento tomara força e tendia a refrescar.

Não se via uma vela, nem um fumo ao largo, e sem dúvida a Maule não se cruzaria com outro navio na sua curta travessia até ao cabo San Juan.

Kongre tomou logo uma resolução. Receando com razão que não houvesse muito vento e não querendo, de maneira nenhuma, cansar a escuna, expondo-a às ondas do estreito, muito fortes na mudança da maré, resolveu-se a ir ao longo da costa meridional da ilha e chegar à baía de Elgor dobrando os cabos Kempe, Webster, Several e Diegos. Fosse pelo sul ou pelo norte, a distância era quase igual.

Tornou, pois, a descer, foi pela praia, dirigiu-se para a caverna e verificou que não lhe tinha

esquecido lá coisa nenhuma. Nada revelava a presença de um grupo de homens na extremidade oeste da ilha dos Estados.

Eram pouco mais de sete horas. A vazante, que começava já, favorecia a saída da angra.

O ferro foi posto no aparelho, depois içou-se o traquete e o cutelo, que, com aquela brisa do noroeste, deviam bastar para levar a escuna para fora dos bancos.

Kongre governava o leme e Carcante vigiava na proa.

Não foram precisos mais de dez minutos para saírem dos recifes e daí a pouco a escuna balanceou-se nas águas.

Por ordem de Kongre, Carcante mandou fazer as manobras necessárias e a escuna pôs a proa a sudoeste, para dobrar a ponta extrema do cabo Saint-Barthélemy.

Em meia hora, a escuna contornou as rochas. Então orçou e tomou a direção de leste, para se aproximar mais do vento. Mas ele favorecia-Lhe o andamento, ao abrigo da costa meridional da ilha.

Entretanto, Kongre e Carcante puderam observar que aquele navio leve andava muito bem. Por certo que, com bom tempo, não havia perigo em se aventurarem nos mares do Pacífico, depois de deixarem para trás as últimas ilhas do arquipélago de Magalhães.

Talvez Kongre tivesse podido chegar à entrada da baía de Elgor à tarde, mas preferia parar num ponto qualquer do litoral antes de o Sol desaparecer no horizonte. Contentou-se, pois, com uma média de cinco a seis milhas por hora.

Neste primeiro dia a Maule não encontrou navio nenhum e ia anoitecer quando foi fundear a leste do cabo Webster, tendo feito quase metade da travessia.

Ali amontoavam-se penedos enormes e elevavam-se as rochas mais altas da ilha.

A escuna ancorou numa angra coberta pelo pico; um navio não estaria mais quieto no fundo de um porto ou até num lago. Certamente, se o vento viesse do sul, a escuna estaria muito exposta naquele sítio, onde o mar, quando as tempestades polares o agitam, é tão violento como nas proximidades do cabo Horn.

Mas o tempo parecia querer conservar-se com brisa de nordeste e a sorte continuava a favorecer os projetos de Kongre e dos seus.

A noite de 25 para 26 de Dezembro foi das mais sossegadas. O vento, que tinha descaído às dez horas da noite, tornou a voltar pelas quatro horas da manhã.

Logo aos primeiros alvares da aurora, Kongre tomou as suas disposições para se fazer ao mar. Depois de tudo pronto, a escuna pôs-se a caminho.

O cabo Webster prolonga-se pouco mais ou menos quatro ou cinco milhas pelo mar, de norte para o sul. A escuna teve, pois, de sair, para alcançar a costa que corre para leste até ao pico Several, num comprimento de vinte milhas proximamente.

A Maule continuou a caminhar nas mesmas condições da véspera, desde que chegou ao litoral, onde encontrou águas serenas ao abrigo dos rochedos altos.

Que costa medonha, ainda mais temível do que a do estreito! Montão de blocos enormes e de um equilíbrio instável, porque grande quantidade destes obstruíam as praias até às últimas mudanças da maré, prodigiosa extensão de recifes denegridos, que não deixam um lugar livre para uma embarcação, ainda que seja das mais pequenas, poder atracar. Nem uma angra que fosse acessível, nem um banco de areia em que se pudesse pôr os pés. Era a monstruosa muralha que a ilha dos Estados opunha às ondas terríveis que vinham das paragens antárticas.

A escuna ia andando devagar e estava a menos de três milhas do litoral. Kongre não conhecia aquela costa e, com razão, tinha medo de se aproximar muito dela.

Por outro lado, não querendo fatigar o navio, conservava-se no meio das águas tranqüilas que não teria encontrado ao largo da terra.

Às dez horas, chegando à entrada da baía Blossom, não pôde contudo evitar completamente o

marulho. O vento, entrando pelo golfo que se abre profundamente nas terras, levantava o mar em ondas extensas que a escuna recebia de través, rangendo. Kongre deixou-se levar, para dobrar o pico que limita a baía do lado oriental, e, depois de o passar, virou mais ao vento. A seguir, com as amuras a bombordo, fez-se um pouco ao largo.

Tinha pegado na cana do leme e ia, o mais possível, na direção do vento. Só às quatro horas da tarde calculou que podia alcançar o que desejava. Virando então de ló, mudou as amuras e aprofundou para a baía de Elgor, ficando-lhe naquele momento o pico Several a quatro milhas a noroeste.

Daquela distância, a costa mostrava-se toda até ao cabo San Juan.

Ao mesmo tempo, do outro lado do pico Diegos, aparecia a torre do farol do Cabo do Mundo, que Kongre via pela primeira vez. Com a luneta que encontrara no camarote do capitão Palha, pôde até distinguir um dos guardas que, da galeria, estava olhando para o mar. Como o Sol ainda se devia conservar por três horas acima do horizonte, a escuna havia de arribar certamente antes da noite.

Não pudera a Maule escapar à vista dos guardas e sabiam perfeitamente que estava nas águas da ilha dos Estados. Quando Vásquez e os seus companheiros a tinham visto fazer-se ao largo, deviam pensar que se dirigia para as Maloínas. Mas depois, pelas manobras que fazia, não podiam duvidar de que queria alcançar a baía.

Pouco importava, aliás, a Kongre que tivessem visto a escuna e até que lhe supusessem a intenção de arribar à ilha. Isto em nada lhe modificava os projetos.

Com grande satisfação sua, o fim da travessia efetuava-se em condições muito favoráveis. O vento vinha um pouco mais de leste e a escuna podia dobrar o pico Diegos.

Era uma felicidade. Talvez, no estado em que tinha o casco, ela não pudesse suportar uma série de voltas que a fatigariam e metesse água antes de chegar à angra.

E foi o que aconteceu. Quando a escuna estava só a duas milhas da baía, um dos homens, que tinha ido ao porão, tornou a subir logo, gritando que entrava água por uma fenda do costado.

Era exatamente no sítio que tinha batido na rocha. O costado, que resistira até ali, abrira-se agora no comprimento de algumas polegadas.

Mas esta avaria não era de grande importância. Tirando o lastro, Vargas conseguiu, sem muito trabalho, tapar o rombo com estopa.

Entretanto era indispensável consertar a escuna. No estado em que se encontrava não podia, sem risco de ficar desmantelada, afrontar os mares do Pacífico.

Eram seis horas quando a Maule se encontrou à distância de milha e meia da baía de Elgor. Kongre mandou então caçar as velas altas. Com as outras, a escuna chegaria sem custo à angra no fundo da baía, sob a direção de Kongre, que, repetimos, conhecia perfeitamente o rumo que se havia de seguir e podia servir de piloto.

Às seis horas e meia da tarde projetou-se sobre o mar um feixe de raios luminosos.

Tinham acendido o farol e o primeiro navio que ele ia guiar por aquela baía era uma escuna chilena que caíra nas mãos de um bando de piratas.

Eram quase sete horas e o Sol declinava por detrás dos altos picos da ilha dos Estados quando a Maule deixou por estibordo o cabo San Juan. A baía abria-se diante dela.

Kongre e Carcante, passando por diante das cavernas, puderam certificar-se de que os orifícios pareciam não ter sido descobertos debaixo do montão de pedras e das silvas que os obstruíam. Nada tinha dado sinal da presença deles naquele sítio da ilha e haviam de encontrar o produto das suas rapinas tal qual o tinham deixado.

— Isto vai bem — disse Carcante a Kongre, que estava então à ré.

— E daqui a pouco ainda há de ir melhor! — acrescentou Kongre.

Em vinte minutos, quando muito, a escuna chegou à angra onde havia de fundear.

Naquele instante foi vista por dois homens que tinham descido à praia. Filipe e Moriz estavam ali. Preparavam a lancha para irem a bordo da escuna.

Vasquez estava de serviço.

Quando a escuna chegou ao meio da angra levava só a bujarrona, que Carcante mandou arriar.

Quando fundeou, Moriz e Filipe saltaram para a tolda da escuna.

A um sinal de Kongre, o primeiro levou logo uma machadada na cabeça e caiu.

Simultaneamente, dois tiros de revólver prostraram Filipe ao pé do companheiro.

Num instante, estavam ambos mortos.

Por uma das janelas da torre do farol, Vasquez ouviu os tiros e viu o assassínio dos camaradas.

Se conseguissem apanhá-lo teria a mesma sorte. Sabia que não podia esperar misericórdia daqueles assassinos. Pobre Filipe, pobre Moriz! Não pudera fazer nada para os salvar e ficava ali aterrado por aquele horrível crime que se perpetrara em alguns segundos!

Passado o primeiro momento de espanto, recuperou o sangue-frio e encarou rapidamente a situação. Era preciso, a todo o custo, escapar à fúria daqueles miseráveis. Talvez eles não soubessem que ele estava ali, mas era de supor que, terminadas as manobras para ancorarem, alguns deles tivessem a idéia de subir ao farol, para o apagarem e fazerem com que na baía não pudesse entrar navio nenhum, pelo menos até nascer o dia.

Sem hesitar, Vasquez correu pela escada abaixo para o compartimento do rés-do-chão.

Não havia um instante a perder. Já se ouvia o ruído da lancha que se afastava da escuna para pôr em terra alguns homens da tripulação.

Vasquez pôs dois revólveres à cinta, meteu algumas provisões num saco, deitou-o para o ombro, desceu rapidamente a ladeira do recinto e, sem ninguém o ter visto, desapareceu no meio da escuridão.

Capítulo VII

A CAVERNA

Que horrível noite ia passar o infeliz Vasquez, que situação a sua! Os seus infelizes companheiros assassinados, depois deitados pela borda fora, levando agora a vazante os seus cadáveres para o mar!... Não pensava em que, se não estivesse de guarda ao farol, a sua sorte seria igual à deles. Só pensou nos amigos que acabava de perder.

«Pobre Moriz, pobre Filipe!» — dizia ele consigo —, «foram oferecer, com toda a confiança, os seus serviços àqueles miseráveis, e responderam-lhes com tiros de revólver!... Não os verei mais... não tornarão a ver a sua terra e a sua família! E a mulher do Moriz... que o esperava daqui a dois meses... como ficará quando souber que morreu?»

Vasquez estava aterrado. Tinha um afeto sincero pelos dois guardas, seus subordinados. Conhecia-os havia muitos anos!... Fora pelos conselhos dele que tinham pedido para os empregarem no farol... e agora estava sozinho... sozinho!...

Mas de onde vinha então aquela escuna e que tripulação de bandidos trazia a bordo?... Com que bandeira navegava e porque fundeara na baía de Elgor?...

Conheciam-na então?... Que iam lá fazer?... Porque é que Queriam impedir que outro qualquer navio os seguisse naquela baía?...

Estas perguntas apresentavam-se ao espírito de Vasquez, sem que ele as pudesse resolver.

Nem sequer pensava no perigo em que ele próprio estava. E, contudo, aqueles malfeitores brevemente saberiam que havia três guardas no farol. Iriam então à procura do terceiro e não dariam afinal com ele?

Do sítio onde se refugiara, na margem da baía, a menos de duzentos passos da angra, Vasquez via moverem-se as luzes dos fochos, ora a bordo da escuna, ora no recinto do farol ou pelas janelas da torre. Ouvia até aqueles homens interpelarem-se em voz alta e na sua própria língua. Seriam compatriotas seus, ou chilenos, peruanos, bolivianos, mexicanos, que todos falam espanhol, ou então brasileiros?

Finalmente, pelas duas horas as luzes apagaram-se e nenhum ruído interrompeu mais o silêncio da noite.

Contudo, Vasquez não podia ficar naquele sítio. Quando nascesse o dia dariam logo pela sua presença. Como não tinha a esperar compaixão nenhuma daqueles bandidos, precisava pôr-se fora do alcance deles.

Para que lado dirigiria os seus passos? Para o interior da ilha, onde estaria relativamente em segurança? Iria, pelo contrário, para a entrada da baía, na esperança de ser recolhido por qualquer navio que passasse à vista da terra? Mas, quer fosse no interior, quer no litoral, como havia de viver até que viessem render os guardas? As suas provisões depressa se esgotariam. Antes de quarenta e oito horas já não teria nenhuma. Como as havia de renovar? Nem sequer tinha um aparelho de pesca! E como arranjaria lume? Estaria reduzido a viver de moluscos ou de mariscos?

Afinal a sua energia venceu.

Era preciso tomar uma resolução e tomou-a. Foi dirigir-se ao litoral do cabo San Juan para passar aí a noite. Quando fosse dia, veria o que havia de fazer.

Vasquez saiu pois do sítio de onde estava observando a escuna. Não saía dela nenhum ruído, nenhuma claridade. Os malfeitores sabiam que estavam em segurança naquela angra e ninguém devia estar de guarda a bordo.

Vasquez seguiu então a margem norte, costeando o sopé das rochas. Só ouvia o marulho das ondas na

vazante e às vezes o grito de uma ave retardatária que voltava para o seu ninho.

Eram onze horas quando parou na extremidade do cabo. Ali, na praia, não encontrou outro abrigo senão uma estreita anfractuosidade, onde ficou até romper o dia.

Antes que o Sol iluminasse o horizonte, Vasquez desceu à borda do mar e observou se vinha alguém do lado do farol ou do cotovelo das rochas, para cá do cabo San Juan.

Todo o litoral estava deserto nas duas margens da baía. Nem uma embarcação aparecia, apesar de, agora, a tripulação da escuna ter duas à sua disposição, a lancha e a chalupa que estava ao serviço dos guardas.

Não se via navio nenhum ao largo da ilha.

Veio à idéia de Vasquez como seria daí em diante perigosa a navegação nas proximidades da ilha dos Estados, visto que o farol não funcionava já. Efetivamente, os navios que vinham do largo não saberiam onde ele estava. Na esperança de verem a luz que havia no fundo da baía de Elgor, navegariam confiadamente para oeste e arriscar-se-iam naquela costa temível, entre o cabo San Juan e o pico Several.

«Aqueles miseráveis apagaram o farol — exclamou Vasquez —, e, como o interesse deles é não o tornarem a acender, não o acenderão!»

Era, de fato, uma circunstância muito grave aquela extinção do farol, e de molde a provocar sinistros, de que aqueles malfeitores se podiam aproveitar enquanto ali estivessem. Não precisariam, como dantes, de atrair os navios por meio de fogueiras, porque estes viriam sem desconfiança por causa do farol.

Vasquez, sentado num pedaço de rocha, refletia em tudo o que se passara na véspera. Olhava para o mar, para ver se a corrente levava os corpos dos seus infelizes companheiros. Não, a vazante já fizera isso, sepultando-os nas profundezas do mar!

A situação aparecia-lhe em toda a sua assustadora realidade. Que podia ele fazer?... Nada... nada, senão esperar o regresso do Santa Fé. Mas esse navio não viria ali antes de dois meses. Admitindo que Vasquez não fosse descoberto antes disso, como lhe seria possível alimentar-se? Sempre encontraria abrigo dentro de qualquer gruta, e, além disso, a estação boa devia prolongar-se pelo menos até chegar o navio. Mas, se estivesse no pino do Inverno, Vasquez não poderia resistir àqueles abaixamentos de temperatura que fazem descer o termômetro a trinta e quatro graus abaixo de zero. Morreria de frio antes de sentir a fome.

Primeiro, Vasquez pôs-se à procura de um abrigo. Os piratas por certo tinham visto, pelos quartos, que o serviço do farol estava confiado a três guardas. Sem dúvida nenhuma, quereriam a todo o custo desfazer-se do terceiro, que lhes escapara, e não tardariam a procurá-lo nos arredores do cabo San Juan.

Vasquez tinha recuperado toda a sua energia. O desespero não fazia nada com aquele caráter forte e resoluto.

Depois de procurar muito, acabou por descobrir um orifício estreito, de dez pés de profundidade e cinco a seis de largura, próximo do ângulo que a rocha fazia com a praia no cabo San Juan. O solo era coberto de areia fina; ficava fora do alcance das marés altas e não recebia em cheio os ventos do largo.

Vasquez introduziu-se naquela cavidade e pôs lá os poucos objetos que tinha trazido e as provisões que estavam no saco. Quanto à água doce, um regato, alimentado pelo derretimento das neves e que corria no sopé das rochas para o lado da baía, protegeria-o das agruras da sede.

Acalmou a fome com bolachas e um bocado de carne salgada. Quando se dispunha a sair para beber água, ouviu um ruído a pouca distância e parou.

«São eles», disse consigo.

Deitando-se ao pé da parede, de maneira que visse tudo sem ser visto, pôs-se a olhar na direção da baía.

Uma lancha, tripulada por quatro homens, descia a corrente. Dois iam remando à proa e à ré estavam outros dois, um dos quais dirigia o barco.

Era a lancha da escuna, não era a chalupa do farol.

«Que vêm eles aqui fazer? — perguntou Vasquez de si para si.

— Estarão à minha procura?... Pela maneira como a escuna ia navegando na baía; é certo que estes miseráveis já a conhecem e que não é a primeira vez que vêm à ilha... Não foi para visitar a costa que vieram aqui!... Se não é à minha procura que vêm, que quererão eles?»

Vasquez observava aqueles homens. Na opinião dele, o que governava a lancha, o mais idoso dos quatro, devia ser o chefe, o capitão da escuna. Não pôde conhecer-lhes a nacionalidade, mas pareceu-lhe, pelos tipos, que os seus companheiros pertenciam à raça espanhola da América do Sul.

Naquele momento, a embarcação estava quase à entrada da baía, de que acabava de costear a margem norte, a cem passos acima da anfractuosidade em que Vasquez se ocultou. Este não a perdia de vista:

O chefe fez um sinal e os remos pararam. Uma volta de leme, aproveitando o andamento da lancha, fê-la atracar à praia.

Os quatro homens desembarcaram, depois de um deles ter enterrado a fateixa na areia.

Então chegaram aos ouvidos de Vasquez estas palavras:

— É aqui?

— É. A caverna está ali. A vinte passos antes do cotovelo das rochas.

— Foi uma grande sorte aquela gente do farol não a ter descoberto!

— Nem nenhum dos que trabalharam durante quinze meses na construção do farol!

— Estavam muito atarefados no fundo da baía.

— E, depois, a abertura estava tão bem tapada que seria difícil ver-se.

— Vamos — ordenou o chefe.

Ele e dois companheiros tornaram a subir obliquamente pela praia, que naquele sítio tinha a largura de uns cem pés até ao sopé das rochas.

Do seu esconderijo, Vasquez seguia-lhes todos os movimentos, aplicando o ouvido para não perder uma única palavra. A areia, cheia de conchas, estalava debaixo dos pés deles. Mas aquele ruído depressa cessou e Vasquez não viu senão o homem que andava para cá e para lá ao pé da embarcação.

«Têm por aí alguma caverna,» disse ele consigo.

Vasquez não podia pôr em dúvida que a escuna tivesse trazido um bando de piratas que já estavam na ilha dos Estados antes dos trabalhos. Seria naquela caverna que teriam escondido os seus roubos?... Iriam levá-los para bordo da escuna?

De repente acudiu-lhe à idéia que devia haver lá, de reserva, algumas provisões de que ele se poderia aproveitar. Foi como um raio de esperança que lhe entrou na alma. Logo que a lancha se retirasse sairia do seu esconderijo, procuraria a entrada da caverna, entraria lá e encontraria os meios de subsistência até chegar o Santa Fé.

E o que ele então pedia, se pudesse viver algumas semanas, era que aqueles miseráveis não conseguissem sair da ilha.

— Sim, que ainda cá estejam quando o Santa Fé voltar e que o comandante Lafayate lhes possa dar o devido castigo!

Mas este desejo poderia realizar-se? Refletindo bem, Vasquez concluía que a escuna não devia ter vindo fundear na baía de Elgor senão por dois ou três dias, o tempo preciso para embarcar a carga que estava na caverna, e depois abandonaria a ilha dos Estados para não voltar lá mais.

Vasquez ia ser em breve orientado a este respeito.

Depois de passarem uma hora dentro da caverna, os três homens tornaram a aparecer e puseram-se a passear na praia. Da cavidade em que se escondia, Vasquez ainda pôde ouvir as diversas palavras que eles trocaram em voz alta e de que se devia aproveitar imediatamente.

— Essa boa gente enquanto esteve aqui não nos roubou nada!

— E a Maule, quando se fizer de vela, há-de ter um bom carregamento.

— E provisões suficientes para a viagem que vai fazer!

— Sim; não era com as da escuna que poderíamos ter comida e bebida até às ilhas do Pacífico!

— Que palermas! Em quinze meses não foram capazes de descobrir os nossos tesouros; nem sequer foram ter conosco ao cabo Saint-Barthélemy!

— Efetivamente merecem louvores. Não valia a pena atrair os navios aos rochedos da ilha para perder todos os lucros que tiramos!

Ouvindo estas palavras, de que os miseráveis riam às gargalhadas, Vasquez, cheio de raiva, esteve tentado a atirar-se a eles, de revólver na mão, e esmigalhar-lhe as cabeças. Mas conteve-se. Mais valia não perder nada daquela conversa. Sabia por ela o abominável mister que aqueles malfeitores tinham exercido naquela parte da ilha e não ficou surpreendido quando eles acrescentaram:

— Quanto a esse famoso farol do Cabo do Mundo, os capitães que o venham procurar agora! É como se fossem cegos!

— E é como cegos que continuarão a dirigir-se para a ilha, onde os seus navios não tardarão a despedaçar-se.

— Tenho esperança em que, antes de a Maule sair, um ou dois navios venham naufragar nas rochas do cabo San Juan! Precisamos carregar a nossa escuna até acima, visto que o diabo no-la mandou.

— E o diabo faz as coisas bem!... Chega-nos um bom navio ao cabo Saint-Barthélemy, e ninguém da tripulação, nem capitão, nem marinheiros; também, se viessem, tínhamos dado cabo deles, mas foi melhor assim.

Isto era dizer em que condições a escuna chamada Maule tinha caído nas mãos daquela quadrilha de salteadores no extremo oeste da ilha e de que maneira alguns navios se haviam perdido nos recifes, atraídos pelas manobras daqueles piratas.

— E agora, Kongre — perguntou um dos três homens —, que vamos fazer?

— Voltar para bordo da Maule, Carcante — respondeu Kongre, que Vasquez verificara já ser o chefe da quadrilha.

— Vamos começar a desocupar a caverna?

— Antes de se fazerem os consertos, não, e esses consertos vão durar duas semanas.

— Então — disse Carcante —, levemos algumas ferramentas na lancha.

— Sim... e voltaremos quando for preciso. Vargas deve encontrar aqui tudo o que precisa para o seu trabalho.

— Não percamos tempo — tornou Carcante. — A maré não tardará a subir. Havemos de nos aproveitar dela.

— Está entendido — respondeu Kongre —, quando a escuna estiver consertada, meteremos o nosso carregamento a bordo. Não há medo de que o roubem.

— Mas é preciso não esquecer, Kongre, que no farol estavam três guardas e um deles conseguiu escapar-nos.

— Não me importo com isso, Carcante. Antes de dois dias terá morrido de fome, a não ser que se alimente de musgos e de mariscos. Demais, havemos de fechar o orifício da caverna.

— Deixá-lo — rematou Carcante. — Ainda assim, é pena que tenhamos de consertar o navio. Se não fosse isso, já amanhã poderíamos ir pelo mar fora... É verdade que, enquanto aqui estamos, talvez venha algum navio dar à costa, sem nós termos o trabalho de o fazer naufragar... E o que ele perder não o perderemos nós!

Kongre e os seus companheiros tornaram a sair da caverna, levando tudo o que era preciso para o trabalho que se ia fazer. Depois de terem tapado bem a entrada, desceram até onde estava a lancha e meteram-se nela quando a maré ia encher.

A embarcação pôs-se logo em movimento e, levada pelos remos, não tardou a desaparecer por detrás

de uma saliência da margem.

Quando viu que ninguém podia dar por ele, Vasquez voltou à praia.

Sabia agora tudo o que tinha interesse em conhecer; entre outras, duas coisas importantes: a primeira era que poderia arranjar provisões em quantidade suficiente para algumas semanas; a segunda era que a escuna tinha avarias e que o seu conserto levaria pelo menos uns quinze dias ou talvez mais, mas ainda assim não a demoraria o tempo necessário para ainda ali estar quando o Santa Fé regressasse.

Demorar-lhe a partida quando ela estivesse pronta a navegar, nem Vasquez podia pensar nisso... Sim, se passasse algum navio a pequena distância do cabo San Juan, havia de Lhe fazer sinais... se fosse preciso até se deitaria ao mar para o alcançar a nado.

Depois de estar a bordo, informaria de tudo o capitão e, se ele dispusesse de tripulação numerosa, não hesitaria em entrar na baía de Elgor e apossar-se da escuna. Se aqueles malfeitores fugissem então para o interior da ilha, não poderiam sair dela e, quando viesse o Santa Fé, o comandante Lafayate havia de os apanhar ou exterminá-los até ao último!

Mas chegaria algum navio à vista do cabo San Juan?... E, se chegasse, perceberia os sinais que Vasquez lhe fizesse?

A respeito dele, apesar de Kongre não ter dúvida nenhuma de que existia um terceiro guarda, estava sem inquietações: havia de escapar às pesquisas dos piratas. O essencial, por agora, era saber se podia arranjar alimento até à chegada do Santa Fé.

Sem mais demora, dirigiu-se portanto para a caverna.

Capítulo VIII

O CONCERTO DA MAULE

KONGRE e OS seus companheiros iam empregar-se, sem perda de tempo, em consertar as avarias da escuna, pô-la em estado de fazer uma viagem longa pelo Pacífico e embarcar todo o carregamento que estava armazenado na caverna.

Os concertos do casco haviam de dar muito que fazer.

Mas o carpinteiro Vargas sabia bem o seu ofício; não faltariam ferramentas nem materiais e o trabalho havia de se fazer em boas condições.

Em primeiro lugar, era preciso deslastrar a escuna, depois puxá-la para a praia, onde ficaria descaída a estibordo, para se poder consertar por fora, substituindo o cavername e o costado do casco. ; Era, pois, possível que isso levasse um certo tempo, mas Kongre tinha-o bastante, porque calculava que a estação boa havia de durar pelo menos dois meses.

Quanto à chegada do navio Santa Fé, sabia o que havia de pensar a esse respeito.

Efetivamente, o livro do farol tinha-Lhe mostrado tudo o que ele precisava conhecer; como os guardas só se rendiam de três em três meses, o Santa Fé não voltaria à baía de Elgor antes dos primeiros dias de Março, e ainda se estava nos últimos de Dezembro.

Ao mesmo tempo, no livro estavam os nomes dos três guardas: Moriz, Filipe e Vasquez. Demais, a disposição do compartimento indicava que era ocupado por três pessoas.

Um dos guardas tinha podido, pois, fugir à sorte dos camaradas. Onde se refugiara Como se sabe, Kongre pouco se preocupava com isso.

Sozinho e sem recursos, o fugitivo em breve sucumbiria à fome.

Contudo, se não faltasse o tempo para os concertos da escuna, devia sempre contar-se com as demoras possíveis, e exatamente no princípio teve de se interromper o trabalho, apenas começado.

Mal tinham acabado o descarregamento da escuna, na noite de 3 para 4 de Janeiro, houve uma repentina mudança atmosférica.

Nessa noite acumularam-se grandes nuvens no horizonte do sul. Enquanto a temperatura se elevava até dezesseis graus, o barômetro acusava subitamente temporal.

Numerosos relâmpagos abrasavam o céu. Os raios estalavam por todos os lados.

O vento desencadeava-se com extraordinária violência; as ondas, revoltas, passavam por cima dos recifes e quebravam-se de encontro às rochas. Era uma felicidade estar a escuna fundeada na baía de Elgor, bem abrigada daquele vento de sueste. Com o tempo assim, um navio grande, de vela ou a vapor, arriscava-se a ser atirado para as costas da ilha. E com maior razão aconteceria isso a um navio tão fraco como a Maule.

Eram tais a impetuosidade daquele temporal e a agitação do oceano ao largo, que as ondas invadiam a angra. Na maré cheia a água subia ao sopé das rochas e a praia, por baixo da torre do farol, estava completamente inundada. A água chegava ao quarto dos guardas e a espuma passava meia milha adiante do faial.

Todos os esforços de Kongre e dos seus companheiros deviam tender a conservar a escuna no seu ancoradouro. Deu muitos balanços, ameaçando encalhar na praia.

Foi preciso juntar outro ferro para ajudar o primeiro. Por duas vezes se receou um desastre completo.

Mas ainda assim, olhando pela escuna de dia e de noite, a quadrilha tinha-se instalado nas dependências do farol, onde não tinha nada a recear da tempestade.

As camas dos beliches e da tripulação foram levadas para lá e arranjou-se lugar suficiente para

aqueles quinze homens. Nunca tinham estado tão bem acomodados na ilha.

Das provisões não tinham de se preocupar. As do armazém do farol eram suficientes e até de mais, ainda que houvesse o dobro das bocas a sustentar. E, além disso, em caso de necessidade podiam recorrer às reservas da caverna. Em suma, o abastecimento da escuna estava garantido para uma travessia demorada nos mares do Pacífico.

O mau tempo demorou até 12 de Janeiro e só acabou na noite de 12 para 13. Uma semana toda perdida, porque fora impossível trabalhar. Kongre tinha julgado prudente tornar a levar uma parte do lastro para a escuna, que jogava como uma lancha. Já havia de custar muito a afastá-la das rochas do fundo, contra as quais se quebraria como à entrada da baía de Elgor.

O vento mudou nessa noite e rodou de repente para oés-sudoeste. Foi do lado do cabo Saint-Barthélemy que o mar se tornou mais áspero porque soprava uma brisa forte. Se a escuna ainda estivesse na angra do cabo, ficaria com certeza demolida.

Nessa semana passou um navio à vista da ilha dos Estados. Era de dia. Não pôde, pois, tomar conhecimento do farol nem ver que não se tinha acendido entre o pôr e o nascer do Sol. Vinha de nordeste e dirigiu-se para o estreito de Lemaire, arvorando a bandeira francesa.

Passou a três milhas da terra e foi preciso empregar a luneta para lhe conhecer a nacionalidade. Portanto, se Vasquez lhe fizesse sinais do cabo San Juan, não podiam ser vistos, e não o foram, porque um capitão francês não teria hesitado em deitar a lancha ao mar para recolher um naufrago a bordo.

Na manhã de 13, o lastro de ferragem foi novamente desembarcado e posta na areia, ao abrigo da maré, e a visita ao interior do porão pôde efetuar-se mais completamente do que no cabo Saint-Barthélemy. O carpinteiro declarou que as avarias eram mais graves do que se supunha. A escuna tinha lutado muito contra o mar embravecido. Foi então que se abriu água na ré. Visivelmente, o navio não poderia prolongar a sua navegação para além da baía de Elgor. Tinham de o pôr a seco, para lhe fazerem os consertos de que precisava.

Como se sabe, havia objetos de toda a casta na caverna e por isso não faltavam os materiais. O carpinteiro Vargas, ajudado pelos companheiros, não duvidava acabar o trabalho. Se não o conseguisse, teria sido impossível à escuna, incompletamente consertada, aventurar-se pelo Pacífico. Ainda assim, era uma felicidade a mastreação, o velame e os aparelhos do navio não terem sofrido prejuízo algum.

A primeira operação consistia em puxar a escuna para a areia e fazê-la descansar sobre o lado de estibordo. Não se podia fazer isto senão na maré, por falta de aparelhos fortes. Houve outra demora de dois dias para esperar a maré cheia da lua nova, que permitiria levantar a escuna a boa altura na praia para ficar a seco em toda a lunação.

Kongre e Carcante aproveitaram esta demora para voltarem à caverna, e desta vez foram na chalupa do farol, que era maior do que a lancha da escuna. Traria ela uma parte dos objetos de valor, o ouro e a prata provenientes dos saques, jóias e outros materiais preciosos, que se guardariam nos armazéns das dependências do farol.

A chalupa fez-se ao mar na manhã de 14 de Janeiro. A vazante já se fazia sentir havia duas horas; voltariam, pois, com a maré da tarde.

O tempo estava magnífico. Alguns raios de Sol passavam por entre as nuvens que uma brisa leve impelia do sul.

Antes de partir, como fazia todos os dias, Carcante subira à galeria do farol para observar o horizonte. O mar estava deserto, não se via navio nenhum, nem sequer uma dessas barcas dos habitantes da Terra do Fogo que se arriscavam às vezes até ao leste das ilhotas New-Yar.

A ilha, tão longe quanto a vista se podia alongar, estava deserta.

Enquanto a chalupa descia com a corrente, Kongre examinava atentamente as duas margens da baía. Onde estava então esse terceiro guarda que lhe tinha escapado?... Apesar de não o inquietar muito isso, melhor seria desembaraçar-se dele, e havia de o fazer na ocasião propícia.

A terra estava tão deserta como a baía. Não se animava senão com os vôos e os gritos de miríades de aves que tinham os seus ninhos nos rochedos.

Pelas onze horas, a chalupa atracou defronte da caverna; tinha sido muito auxiliada não só pela vazante como também pela brisa.

Kongre e Carcante desembarcaram, deixando de guarda dois dos seus homens, e penetraram na caverna, saindo de lá duas horas depois.

Pareceu-lhes que tudo estava no estado em que o tinham deixado. Demais, havia ali um tal montão de objetos de toda a espécie que seria difícil, até mesmo à claridade de um archote, verificar se faltava alguma coisa.

Kongre e o companheiro levaram duas caixas muito bem fechadas, resultantes do naufrágio de uma galera inglesa e onde havia uma quantia importante em moedas de ouro e em pedras preciosas. Meteram-nas na chalupa e, quando se dispunham para partir, Kongre manifestou a intenção de ir até ao cabo San Juan. Dali podia ver o litoral na direção do sul e do norte.

Carcante e ele chegaram ao cume dos rochedos e desceram o cabo até à extremidade.

Daquele sítio a vista abrangia de um lado a praia, em volta, que se contornava para o estreito de Lemaire numa extensão de duas milhas pouco mais ou menos; do outro, até ao pico Several.

— Ninguém — disse Carcante.

— Não... ninguém! — confirmou Kongre.

Voltaram ambos para a chalupa e, como a maré começava a encher ela seguiu a corrente. Antes de três horas, estavam de volta no fundo da baía de Elgor.

Dois dias depois, a 16, Kongre e os seus companheiros procederam aos trabalhos da escuna. A preia-mar devia ser às onze horas e tomaram-se disposições nesse sentido.

Uma amarra, que vinha de terra, permitia içar a escuna até à praia quando a altura da água fosse suficiente.

A operação em si não apresentava dificuldades nem riscos e era a maré que se encarregava de tudo.

Quando o mar serenou puxaram a escuna o mais possível para a praia.

Só havia que esperar pela vazante. Pela uma hora, a água começou a descobrir as rochas mais próximas da penedia e a quilha da escuna encontrou a areia. Às três horas, completamente a seco, estava descaída para estibordo.

Podiam agora trabalhar. Mas, como não era possível levar a escuna até ao sopé dos rochedos, esse trabalho seria forçosamente interrompido todos os dias por algumas horas, porque o navio havia de flutuar na volta da maré. Por outro lado, como, desse dia em diante, o mar iria perdendo a pouco e pouco a sua altura, o tempo de descanso diminuiria gradualmente, e durante quinze dias poderia continuar-se o trabalho sem interrupção.

O carpinteiro deitou mãos à obra. Se não se podia contar com os homens da Terra do Fogo que estavam na adrilha, pelo menos os outros, incluindo Kongre e Carcante, haviam de o ajudar.

A parte do costado que estava deteriorada levantou-se com facilidade, depois de se tirarem as folhas de cobre da lindagem. Isto deixou a descoberto as peças que era preciso substituir.

A madeira que viera da caverna chegava perfeitamente para os consertos e não era preciso deitar abaixo uma faia, cortá-la e serrá-la, o que daria muito trabalho.

Nos quinze dias que se seguiram, Vargas e os companheiros, favorecidos pelo tempo, que continuou a estar bom, tinham trabalhado muito. O que custou mais foi levantar o cavername que se havia de substituir. Mas o conjunto do navio estava bom: aquela escuna tinha sido construída num dos melhores estaleiros de Valparaíso. Vargas teve grande dificuldade em acabar esta primeira parte do seu trabalho e, se não fossem as ferramentas de carpinteiro que estavam na caverna, não teria podido fazê-lo.

Nos primeiros dias foi preciso interromper-se o trabalho durante a preia-mar.

Depois, a maré tornou-se tão fraca que mal chegava aos primeiros declives da praia.

A quilha já não estava em contacto com a água e podia-se trabalhar tanto por dentro como por fora do casco. Mas era conveniente pelo menos pôr o costado no seu lugar antes que o mar fosse mais forte.

Por prudência, sem chegar a tirar a blindagem de cobre, Kongre mandou consertar todas as fendas por debaixo da linha de flutuação. Renovou-se a calafetagem com o alcatrão e a estopa que havia em depósito.

O trabalho seguiu nestas condições até ao fim de Janeiro e quase sem interrupção. O tempo continuava a estar favorável. É certo que houve, senão alguns dias, pelo menos algumas horas de chuvas, mas, enfim, pouco duraram.

Durante este período assinalou-se a presença de dois navios nas paragens da ilha dos Estados.

O primeiro era um paquete inglês que vinha do Pacífico e que, depois de ter subido o estreito de Lemaire, se afastava, de proa para nordeste, provavelmente com destino a algum porto europeu. Foi de dia que passou nas alturas do cabo San Juan.

Apareceu antes de nascer o Sol e antes de ele se ter ocultado já não se avistava.

Portanto, o capitão não percebeu que o farol estava apagado.

O outro navio era uma galera grande de que não se pôde conhecer a nacionalidade. Começava a anoitecer quando apareceu nas alturas do cabo San Juan para se prolongar pela costa oriental da ilha até ao pico Several. Carcante, que estava no quarto de vigia, não lhe viu senão a luz verde de estibordo. Mas o capitão e a tripulação daquele navio de vela, se estavam em viagem havia muitos meses, deviam ignorar que o farol já estivesse construído naquela época.

Esta galera seguiu a costa de perto e os marinheiros podiam ver perfeitamente qualquer sinal; por exemplo, uma luz acesa na extremidade de um cabo. Váquez tentaria atrair-lhes a atenção?... Fosse como fosse, ao pôr do Sol o navio tinha desaparecido na direção do sul.

Ainda se divisaram no horizonte outros navios de vela e paquetes, provavelmente com rumo para as Maloínas, mas nem deram pela ilha dos Estados.

No último dia do mês de Janeiro, na ocasião das marés fortes da lua cheia, o tempo sofreu modificações profundas. O vento rodara para leste e assaltava diretamente a entrada da baía de Elgor.

Felizmente, se os consertos não estavam acabados de todo, o casco da escuna estava agora sólido. Já não havia receio de que a água entrasse no porão.

Foi uma felicidade para a quadrilha, porque durante quarenta e oito horas, na maré cheia, o mar subiu e a escuna endireitou-se, sem contudo a quilha se lhe desprender do fundo de areia.

Kongre e os companheiros tiveram de tomar grandes precauções para evitar novas avarias, que poderiam atrasar-lhes muito a partida. Por uma circunstância das mais favoráveis, a escuna continuou a estar segura pelo fundo. Rolou de um lado para o outro com alguma violência, mas não se arriscou a ser atirada de encontro aos rochedos.

Além disso, do dia 2 de Fevereiro em diante a maré começou a diminuir e a escuna imobilizou-se novamente na praia. Foi então possível calafetar o casco em cima e os martelos trabalharam continuamente desde o nascer até ao pôr do Sol.

Quanto ao mais, não seria o embarque da carga que demoraria a partida da escuna. A chalupa ia freqüentemente à caverna com os homens que não estavam ao serviço do carpinteiro e esses homens eram acompanhados ora por Kongre ora por Carcante.

Em cada viagem a embarcação trazia uma parte dos objetos que deviam ir para o porão da escuna. Estes objetos eram guardados provisoriamente no armazém do farol. Assim, o carregamento poderia fazer-se mais fácil e regularmente do que se a escuna o fosse buscar defronte da caverna, à entrada da baía, onde essa operação podia ser contrariada pelo tempo. Naquela costa que se alongava pelo cabo San Juan não havia outro abrigo senão a angrazinha ao pé do farol.

Era questão de esperar ainda mais alguns dias; depois os consertos estariam definitivamente

acabados, a escuna ficaria em estado de voltar para o mar e a carga poderia ir para bordo.

Efetivamente, no dia 12 os últimos rombos da tolda e do casco estavam todos calafetados. Tinha-se podido até, com algumas latas de tinta que foram encontradas nos navios naufragados, tornar a pintar a escuna da popa à proa.

Kongre aproveitou a ocasião para lhe mudar o nome e pôs-lhe o de Carcante, em honra do seu imediato. Não se descuidara de examinar novamente os aparelhos e de fazer leves modificações no velame, que aliás devia ser novo quando a escuna saíra do porto de Valparaíso.

O navio estava, pois, em estado de voltar para o seu ancoradouro na angra desde o dia 12 de Fevereiro e poderia meter-se-lhe a carga se, com grande desgosto de Kongre e dos companheiros, que estavam impacientes por sair da ilha dos Estados, não fosse preciso esperar pela próxima maré da lua para a pôr a nado.

Esta maré deu-se a 14 de Fevereiro. Naquele dia a quilha levantou-se da cova que tinha feito na areia da praia e a escuna deslizou sem esforço pela água profunda.

Faltava só tratar do carregamento.

Salvo circunstâncias imprevistas, a Carcante poderia fazer-se ao mar daí a alguns dias, sair da baía de Elgor, descer o estreito de Lemaire e, pondo a proa a sudoeste, singrar a todo o pano para os mares do Pacífico.

Capítulo IX

VASQUEZ

Depois que a escuna fundeara na baía de Elgor, Vasquez tinha vivido no litoral do cabo San Juan, de que não queria afastar-se. Se viesse algum navio ancorar à baía, ao menos estaria ali para o chamar quando passasse.

Haviam de o recolher a bordo; preveniria o capitão do perigo que corria indo na direção do farol, dizendo-lhe que um bando de malfeitores se tinha assenhoreado dele e, se o capitão não tivesse gente bastante para lhes deitar a mão ou afastá-los para o interior da ilha, teria tempo de se fazer ao largo.

Mas não havia probabilidades de que aquela eventualidade se desse. Um navio, a não ser obrigado a isso, nunca iria fundear naquela baía quase desconhecida dos navegadores.

Era contudo uma circunstância favorável que aquele navio se dirigisse para as Maloínas — uma viagem de alguns dias apenas. Assim as autoridades inglesas seriam rapidamente prevenidas do que acontecia na ilha dos Estados. Talvez um navio de guerra pudesse ir imediatamente à baía de Elgor, chegar lá antes que a escuna saísse, destruir, até ao último, Kongre e os seus, e fazer o necessário para que o farol fosse logo posto em funcionamento.

«Para isso — repetia Vasquez consigo — será preciso esperar que regresse o Santa Fé?... Dois meses!... Daqui até lá, a escuna estará longe... e onde se há-de encontrar no meio das ilhas do Pacífico?»

Como se vê, o bom do Vasquez, esquecendo-se de si mesmo, pensava sempre nos seus companheiros, assassinados desapiadadamente, na impunidade de que talvez gozassem aqueles malfeitores depois de abandonarem a ilha e nos graves perigos que ameaçavam a navegação naquelas paragens depois de extinto o farol do Cabo do Mundo.

No ponto de vista material, contando que não descobrissem onde estava, tinha ele segurança desde a sua visita à caverna dos piratas.

Esta vasta caverna entranhava-se profundamente no rochedo. Fora ali que a quadrilha se abrigara por muitos anos. Fora ali que se tinham amontoado todos os salvados, ouro, dinheiro e objetos preciosos apanhados no litoral por ocasião da baixa-mar. Fora lá, finalmente, que Kongre e os seus tinham passado longos meses, vivendo, primeiro das provisões que possuíam quando desembarcaram e depois das que obtiveram por grande quantidade de naufrágios, muitos dos quais haviam sido provocados por eles.

Vasquez tirou de lá só o indispensável, de modo que Kongre e os seus não dessem por isso: uma caixa de bolacha de bordo, uma lata de carne salgada, um fogão portátil que lhe permitia acender lume, uma cafeteira, uma chávena, um cobertor de lã, uma camisa e meias de reserva, uma capa de oleado, dois revólveres com vinte cartuchos, um fuzil, uma lanterna grande e isca. Tirou também uma porção de tabaco para o cachimbo. Segundo o que tinha ouvido, o conserto da escuna devia durar algumas semanas e nesse caso poderia renovar as suas provisões.

Convém dizer que, por precaução, achando que a estreita gruta que ocupava estava muito próxima da caverna, e receando que o descobrissem, tinha procurado um abrigo um pouco mais afastado e mais seguro.

Foi a cinqüenta passos dali, no reverso do litoral, para lá do cabo San Juan, na parte que formava cercadura, que o encontrou. Entre duas rochas altas abria-se uma gruta de que não se podia ver a entrada. Para lá chegar era preciso deslizar por esse intervalo, que mal se distinguia no meio da acumulação dos blocos. Na maré alta o mar chegava-lhe quase à base, mas nunca subia o bastante para inundar aquela cavidade, em cuja areia fina não havia concha nenhuma nem sinal de umidade.

Podia-se passar cem vezes por diante daquela gruta sem se suspeitar que existia, e fora por acaso que

Vasquez a descobrira, alguns dias antes.

Foi pois para lá que levou os diversos objetos que tinha tirado da caverna e de que se ia servir.

Demais, era raro que Kongre, Carcante ou alguns dos seus viessem àquele sítio da costa. A única vez que o fizeram, depois de uma segunda visita à caverna, Vasquez tinha-os avistado logo que pararam na ponta do cabo San Juan. Agachado no fundo do intervalo, não o podiam ver, e não o viram.

É escusado acrescentar que não se aventurava nunca para fora sem as mais minuciosas precauções e preferia sair à tarde, principalmente para ir à caverna.

Antes de voltar a esquina das rochas, à entrada da baía, certificava-se de que nem a lancha nem a chalupa estavam amarradas na praia.

Mas como o tempo lhe parecia interminável na sua solidão, e que dolorosas recordações lhe vinham incessantemente à memória! Aquela cena de carnificina de que tinha escapado:

Filipe e Moriz caindo mortos pelos golpes dos assassinos. Sentia um desejo irresistível de encontrar o chefe da quadrilha e de vingar por suas próprias mãos a morte dos seus infelizes companheiros!

— Não... não! — repetia ele —, hão-de ser punidos cedo ou tarde!... Deus não há-de permitir que escapem ao castigo... Hão de pagar esses crimes com as vidas!

Esquecia-se de que a sua corria grande risco enquanto a escuna estivesse fundeada na baía de Elgor.

— E contudo — dizia ele —, Deus queira que esses miseráveis não se vão embora... que ainda cá estejam quando vier o Santa Fé... que a Providência não deixe que se retirem!

Seria cumprido esse desejo?... Ainda faltavam mais de três semanas para se avistar o navio nas alturas da ilha!

Por outro lado, a demora da escuna ali não deixava de surpreender Vasquez. As avarias seriam tão importantes que não bastasse um mês para o conserto completo?... Kongre devia ter visto no livro do farol a data em que o Santa Fé havia de vir. Não podia ignorar que, se não tivesse saído dali antes dos primeiros dias de março, estava perdido.

Estava-se a 16 de fevereiro. Vasquez, devorado pela impaciência e pela inquietação, quis saber o que havia de fazer. Por isso, ao pôr do Sol, dirigiu-se para a entrada da baía e subiu a margem norte, encaminhando-se para o farol.

Apesar de ser já profunda a escuridão, não deixava de se arriscar a ser encontrado se algum dos bandidos fosse para ali. Deslizava, pois, ao longo dos rochedos com precaução, olhando na sombra, e parando, de ouvido á escuta, para ver se havia algum ruído suspeito.

Vasquez tinha de andar ainda umas três milhas para chegar ao fundo da baía. Era a direção contrária à que tinha seguido, fugindo, depois do assassinio dos companheiros.

Também ninguém o viu, como lhe acontecera naquela ocasião.

Às nove horas parava a duzentos passos do recinto do farol e daí viu brilhar algumas luzes nas janelas do anexo. Fez um movimento de cólera e um gesto de ameaça, lembrando-se de que os bandidos estavam ali, no lugar dos homens a quem tinham morto e daquele a quem matariam se lhes caísse nas mãos!

Do sítio onde se encontrava, Vasquez não podia avistar a escuna, que estava envolvida na sombra. Teve de se aproximar uns cem passos, não pensando que nisso houvesse perigo. Toda a quadrilha estava no farol e ninguém por certo sairia de lá.

Aproximou-se ainda mais e desceu com precaução até à angrazinha. Na maré da antevéspera a escuna fora tirada do banco de areia e agora já flutuava.

Ah! Se ele pudesse, se não dependesse senão dele, com que satisfação a teria metido a pique!

Portanto aquele navio já estava consertado. Em todo o caso, Vasquez notou que, se a escuna flutuava, faltavam-lhe, pelo menos, dois pés para estar na sua linha de água. Isto indicava que ainda não tinha a bordo o lastro nem a carga. Podia ser que a partida fosse adiada por alguns dias. Mas por certo o seria pela última vez e era provável que daí a quarenta e oito horas se fizesse ao mar, dobrasse o cabo San

Juan e desaparecesse para sempre no horizonte.

Vasquez tinha então já poucos mantimentos. Por isso, no dia seguinte foi à caverna para renovar as suas provisões.

Era ainda muito cedo: mas, calculando que a chalupa iria buscar naquela manhã tudo o que havia de ser embarcado na escuna, apressou-se, tomando, contudo, as maiores precauções.

Quando chegou à esquina dos rochedos, não viu a chalupa; a praia estava deserta.

Vasquez entrou na caverna.

Estavam ali muitos objetos sem valor e com que Kongre não quereria por certo obstruir o porão da escuna. Mas quando Vasquez procurou a bolacha e a carne, sentiu uma grande decepção.

Tinham levado todos os comestíveis!... E daí a quarenta e oito horas estaria sem mantimentos!

Vasquez não teve tempo para se entregar às suas reflexões. Naquele momento ouviu-se um ruído de remos.

Chegava a chalupa, trazendo a bordo Carcante e dois companheiros seus.

Vasquez foi à entrada da caverna e, deitando a cabeça de fora, espreitou.

A chalupa atracava. Só teve tempo de se meter para dentro e depois esconder-se no canto mais escuro, por detrás de um montão de velas e de vigas que não podiam ir na escuna e que por isso ficariam na caverna.

Vasquez estava bem resolvido a vender cara a vida, caso fosse descoberto. O revólver que trazia à cinta servia-lhe para isso. Mas era ele sozinho contra três!

Só dois entraram, Carcante e o carpinteiro Vargas. Kongre não os tinha acompanhado.

Carcante levava uma lanterna acesa e, seguido por Vargas, escolheu diferentes objetos para completarem o carregamento da escuna.

Ao mesmo tempo conversavam.

O carpinteiro disse:

— Estamos a 17 de fevereiro. Já é tempo de irmos embora.

— Pois iremos — respondeu Carcante.

— Amanhã?

— Sim, calculo que seja amanhã. Estamos prontos.

— Ainda é preciso que o tempo o permita — ponderou Vargas.

— Por certo, e parece que esta manhã não está lá muito bom... Mas há de melhorar.

— É que se ainda nos demorássemos oito ou dez dias aqui...

— Sim — disse Carcante — arriscávamo-nos a encontrar-nos com os homens que vêm render os do farol.

— Isso não! — exclamou Vargas. — Não podemos tomar de assalto um navio de guerra.

— Não, ele é que nos levaria, e provavelmente no lais da verga! — replicou Carcante, acompanhando esta resposta com uma praga formidável.

— Quem me dera — tornou o outro — estar já daqui a cem milhas no mar!

— Amanhã, já te disse, amanhã! — afirmou Carcante —, a não ser que haja um vento que leve tudo pelos ares!

Vasquez ouvia estas palavras imóvel e custava-lhe respirar:

Carcante e Vargas andavam de um lado para o outro, com a lanterna na mão.

Tiravam certos objetos, escolhiam outros e punham-nos para o lado.

Às vezes aproximavam-se tanto do canto em que Vasquez estava agachado que ele só teria de estender o braço para lhes apontar o revólver ao peito.

Esta visita durou meia hora.

Carcante chamou o homem que tinha ficado na chalupa. Este veio logo ajudar a transportar os fardos.

Carcante deitou um último olhar para dentro da caverna.

— É pena deixar aqui o resto! — disse Vargas.

— Assim é preciso — respondeu Carcante. — Ah! Se a escuna tivesse trezentas toneladas!... Mas levamos tudo o que tem mais valor e calculo que havemos de fazer bom negócio.

Saíram e daí a pouco a embarcação, de vento em popa, desapareceu para além de um extremo da baía.

Vasquez saiu também e voltou para o seu esconderijo.

Daí a quarenta e oito horas já não teria que comer, e não havia dúvida de que, quando saíssem, Kongre e os seus companheiros levariam todas as reservas do farol; portanto não encontraria nada lá.

Como havia de viver até ao regresso do Santa Fé, que, admitindo que não se demorasse, não chegaria ali senão daí a quinze dias?

Como se vê, a situação era das mais graves. Nem a coragem nem a energia de Vasquez conseguiriam melhorá-la. a não ser que se pudesse alimentar de raízes arrancadas no faial ou de peixes pescados na baía.

Mas para isso era preciso que a escuna saísse definitivamente da ilha dos Estados.

Se alguma circunstância a obrigasse a ficar lá ainda muitos dias, Vasquez morria inevitavelmente de fome na sua gruta do cabo San Juan.

O dia avançava e o céu ia-se tornando mais ameaçador. Para leste, acumulavam-se massas de nuvens espessas e lívidas. A força do vento aumentava à proporção que ia para o largo. As rápidas vagas que corriam à superfície do mar mudaram-se depressa em ondas grandes com a crista coroada de escuma e que não tardariam a quebrar-se com estrondo de encontro aos rochedos do cabo.

Se o tempo assim continuasse, não poderia a escuna certamente partir no dia seguinte.

De tarde não houve melhoria nenhuma no estado atmosférico. Pelo contrário, a situação piorou.

Não era uma tempestade com a duração de poucas horas. Preparava-se um pé-de-vento. Via-se isso na cor do céu e do mar, nas nuvens desordenadas que corriam com velocidade crescente, no tumulto das ondas contrariadas pela corrente e no estrondo que faziam quando se quebravam nos recifes.

Um marinheiro como Vasquez não se podia enganar com estes sintomas. No compartimento do farol, a coluna barométrica tinha com certeza descido abaixo do grau de temporal.

Contudo, apesar da fúria do vento, Vasquez não tinha ficado na gruta.

Andava pela praia, olhando para o horizonte, que escurecia gradualmente. Os últimos raios do Sol, que descia para o poente, não se extinguiram sem ele avistar uma massa negra que se movia no mar largo.

— Um navio! — exclamou ele —, e parece que se dirige para a ilha!

Era efetivamente um navio que vinha de leste, ou para entrar no estreito, ou para passar pelo sul.

O temporal desencadeava-se então com extraordinária violência. Era mais do que um pé-de-vento, era um desses furacões a que nada resiste e que fazem perder os maiores navios. Quando não têm fuga, para empregar uma locução marítima, quer dizer, quando têm uma terra na direção do vento, é raro que escapem ao naufrágio.

— E aqueles miseráveis não acendem o farol! — exclamou Vasquez. — Aquele navio, que o procura, não o verá!... Não saberá que tem uma costa defronte dele apenas a algumas milhas... O vento empurra-o para lá e vai despedaçar-se nos cachopos!

Sim! Era de recear um sinistro, e que seria causado por Kongre e pelos seus companheiros.

Sem dúvida, do alto do farol, tinham avistado aquele navio, que não pudera pôr-se de capa e estava reduzido a fugir, de vento em popa, à superfície de um mar encapelado. Era mais do que certo que, por não se poder guiar pela luz daquele farol que o capitão procurava debalde no oeste, não chegaria a dobrar o cabo San Juan, para entrar no estreito, nem o pico Several, para passar ao sul da ilha! Antes de meia hora seria atirado para os recifes à entrada da baía de Elgor, sem ter dado sequer por aquela terra que não pudera avistar nas últimas horas do dia.

O temporal estava então em toda a sua força.

A noite ameaçava ser medonha e, depois da noite, o dia seguinte, porque não parecia possível que o furacão se acalmasse nas vinte e quatro horas mais próximas.

Vasquez não pensava em recolher ao seu abrigo e não perdia de vista o horizonte.

Se já não distinguia o navio no meio daquela profunda escuridão, as luzes dele apareciam-lhe às vezes, quando, com o choque das ondas, guinava ora sobre uma borda, ora sobre a outra.

Assim, era impossível sentir francamente a ação do leme. Mal se podia dirigir.

Talvez até estivesse desarvorado, e sem parte da mastreação. Em todo o caso, era fácil ver que o vento não o ajudava.

No meio daquela luta dos elementos desencadeados, um navio não podia conservar-se firme no mar.

Como Vasquez não via senão luzes verdes ou vermelhas, concluiu que era um navio de vela; um paquete teria mostrado a luz branca suspensa no estai de mezena. Portanto não tinha máquina que lhe permitisse lutar com o vento.

Vasquez andava de um lado para o outro na praia, desesperado por não poder impedir aquele naufrágio.

Seria preciso que a luz do farol se projetasse naquelas trevas. E o guarda voltava-se para o lado da baía de Elgor, estendendo a mão para o sítio onde essa luz devia brilhar.

Mas debalde. O farol também não se acenderia naquela noite, como acontecia havia quase dois meses, e o navio estava destinado a naufragar nos rochedos do cabo San Juan.

Vasquez teve então uma idéia.

Talvez o navio ainda pudesse fugir da terra se tivesse conhecimento dela.

Admitindo que lhe fosse impossível conservar-se de capa, talvez, modificando um pouco o andamento, evitasse chegar ao litoral, que, do cabo San Juan ao pico Several, tem pouco mais de oito milhas. Para diante, o mar abria-se-lhe francamente.

Havia madeira e outros objetos na praia. Transportar aqueles objetos para uma eminência, juntar-lhes um punhado de sargaços, deitar-lhes fogo e deixar ao vento o cuidado de desenvolver a chama, era coisa fácil. E o navio, ainda que estivesse só a uma milha da costa, podia ver aquela chama e desviar-se a tempo.

Vasquez deitou logo mãos à obra.

Apanhou alguns bocados de madeira e levou-os para a extremidade do cabo. As plantas secas não faltavam, porque, embora houvesse vento, a chuva ainda não tinha começado a cair. Depois de tudo pronto, preparou-se para acender a fogueira.

Mas já era muito tarde.

Apareceu, no meio da escuridão, uma massa enorme. Levantada por ondas monstruosas, corria com impetuosidade assustadora. Antes de Vasquez poder fazer um gesto, vinha ela, como uma tromba, para a barreira dos recifes.

Ouviu-se um estrondo espantoso e daí a pouco alguns gritos de angústia, logo abafados. Depois, só o silvo das rajadas e os bramidos do mar que vinha quebrar-se na praia.

Capítulo X

DEPOIS DO NAUFRÁGIO

No dia seguinte, ao nascer do Sol, a tempestade continuava com a mesma fúria.

O mar aparecia todo branco até onde a vista podia alcançar.

Na extremidade do cabo, as ondas levantavam-se a quinze e vinte pés de altura e os seus vapores, dispersos pelo vento, voavam por cima dos rochedos.

A maré vazante e as rajadas, encontrando-se na baía de Elgor, embatiam-se com extraordinária

violência. Nenhum barco poderia entrar nem sair dali.

Pelo aspecto do céu, sempre ameaçador, parecia muito provável que o temporal devia durar alguns dias, o que não era para admirar naquelas paragens do estreito de Magalhães.

Era, pois, evidente que a escuna não sairia naquela manhã do seu ancoradouro e é fácil imaginar como este contratempo excitou a cólera de Kongre e da sua quadrilha.

Tal era a situação que Vasquez conheceu, quando se levantou logo ao nascer do Sol, no meio dos turbilhões de areia.

Viu então o seguinte:

A duzentos passos, na vertente norte do cabo e por conseguinte fora da baía, estava o navio naufragado.

Era uma galera de quinhentas toneladas, pouco mais ou menos. Da mastreação só lhe restavam três pedaços quebrados ao nível dos paveses, ou porque o capitão se tivesse visto na necessidade de os cortar para se desembaraçar deles, ou porque tivessem caído na ocasião do encalhe.

Não se via objeto nenhum à superfície do mar, mas, com a violência do vento, era possível que os destroços tivessem sido atirados para o extremo da baía de Elgor.

Sendo assim, Kongre já sabia que tinha dado à costa um navio nos recifes do cabo San Juan.

Vasquez tinha, pois, de tomar precauções e não avançou mais senão depois de estar certo de que ainda não estava ninguém da quadrilha à entrada da baía.

Em alguns minutos, chegou ao lugar da catástrofe. Como o mar estava baixo, pôde andar à roda do navio encalhado e ler na

popa: Centúry, Mobile.

Era, pois, um navio de vela americano, que pertencia ao porto da capital do estado de Alabama, no Sul da União, no golfo do México. A Century tinha-se perdido completamente.

Não se via nenhum sobrevivente do naufrágio e, quanto ao navio, só restava dele um esqueleto informe. No choque, tinha-se partido o casco ao meio e o mar levava e dispersara o carregamento. Havia destroços de toda a espécie nos escolhos, descobertos agora, apesar da violência das rajadas. Ao longo do cabo e na praia estavam espalhadas caixas, barricas e fardos.

Como a Century estava em seco, Vasquez pôde entrar lá dentro.

A devastação era completa. As ondas tinham destruído tudo. Haviam arrancado as tábuas da coberta, demolido os beliches do tombadilho, quebrado os castelos da popa e da proa, desmanchado o leme, e o choque nos recifes tinha acabado a obra de destruição.

E ninguém vivo, nem um dos oficiais, nem um dos homens da tripulação!

Vasquez chamou com voz forte, sem obter resposta. Foi até ao fundo do porão e não encontrou um cadáver.

Ou aqueles infelizes tinham sido levados por algum golpe de mar, ou se tinham afogado no momento em que a Century se despedaçara contra as rochas.

Vasquez desceu à praia, certificou-se novamente de que nem Kongre nem nenhum dos seus companheiros se dirigiam para o sítio do naufrágio e depois tornou a subir, apesar do temporal, até à extremidade do cabo San Juan.

«Talvez — dizia ele consigo — encontre algum dos homens da Century que ainda esteja vivo e a quem eu possa socorrer.»

Mas debalde procurou. Voltando ao litoral, pôs-se a examinar os objetos de toda a espécie que o mar tinha arrojado para ali.

«Não é impossível — pensava ele — que eu encontre alguma caixa de conservas com que me possa alimentar por duas ou três semanas!»

Efetivamente apanhou uma barrica e uma caixa que o mar atirara para lá dos recifes. O conteúdo estava escrito por fora. Na caixa havia bolachas e na barrica uma provisão de carne salgada.

Tinha garantidos o pão e a carne por dois meses pelo menos.

Vasquez transportou primeiro a caixa para a gruta, que distava dali quando muito duzentos metros, e depois levou a barrica a rolar diante de si.

Depois voltou à extremidade do cabo e deitou os olhos para a baía.

Não duvidava de que Kongre tivesse conhecimento do naufrágio. Na véspera, antes da noite, por certo ele pudera ver, do alto do farol, aquele navio que corria para terra.

Ora, uma vez que a escuna estava presa na angra, a quadrilha iria certamente à entrada da baía de Elgor para tirar a parte que lhe cabia do naufrágio.

Se alguma coisa havia, talvez objetos de valor, aqueles bandidos com certeza que não deixariam escapar esta ocasião.

Quando Vasquez chegou ao cotovelo das rochas, foi surpreendido pela violência do vento que entrava na baía.

Não seria possível à escuna resistir-lhe e, admitindo que ela chegasse às alturas do cabo San Juan, nunca poderia ir para o largo.

Naquele instante, tendo o vento abrandado um pouco, ouviram-se gritos.

Era uma voz muito fraca que pedia socorro.

Vasquez correu na direção daquela voz, do lado da primeira cavidade onde se tinha refugiado ao pé da caverna.

Tendo dado, o muito, cinqüenta passos, viu um homem estendido ao pé de uma rocha.

Movia a mão como para pedir auxílio.

Num segundo, Vasquez chegou ao pé dele.

O homem que ali estava podia ter trinta a trinta e cinco anos e parecia robusto.

Vestido com um fato de marinheiro, deitado sobre o lado direito, com os olhos fechados e a respiração arquejante, era agitado por sobressaltos convulsivos. Mas não parecia estar ferido, pois não se lhe via nenhum sinal de sangue no fato.

Este homem, que era talvez o único sobrevivente da Century, não tinha ouvido Vasquez aproximar-se. Mas quando ele lhe pôs a mão no peito, fez um esforço inútil para se endireitar e, como estava muito fraco, tornou a cair na areia. Contudo tinha aberto por um instante os olhos e dissera a custo:

— Acudam-me!... Acudam-me!...

Vasquez, ajoelhado ao pé dele, encostou-se à rocha com precaução e disselhe:

— Meu amigo!... Meu amigo... Estou aqui... Olhe para mim!... Hei-de salvá-lo.

O infeliz estendeu a mão e perdeu os sentidos.

Era preciso sem demora proporcionar-lhe os cuidados que o seu estado de extrema fraqueza exigia.

«Deus permita que não seja tarde!», disse Vasquez consigo.

O essencial, primeiro que tudo, era sair dali. A cada momento podia chegar a quadrilha com a chalupa ou com a lancha, ou então a pé, indo pela praia.

Transportar aquele homem para a gruta, onde estaria em segurança, era o que Vasquez devia fazer, e foi o que fez.

Depois de um trajeto de quase duzentos metros, no que gastou um quarto de hora, meteu-se no intervalo das rochas com o homem inerte às costas, e estendeu-o num cobertor, encostando-lhe a cabeça a uma trouxa de roupa.

O homem não tinha voltado a si, mas respirava. Contudo, se não tinha nenhuma ferida aparente, não teria fraturado os braços ou as pernas, rolando pelos recifes?

Era o que Vasquez temia e, num caso desses, não saberia o que havia de fazer.

Apalpou-o, fez-lhe mover os membros e pareceu-lhe que todo o corpo estava intacto.

Vasquez deitou uma pouca de água numa chávena, misturou-lhe algumas gotas de aguardente que ainda tinha na cabaça e introduziu um golo daquela bebida por entre os lábios do naufrago; a seguir friccionou-

lhe os braços e o peito, depois de lhe substituir o fato molhado pelo que encontrara na caverna dos piratas.

Não podia fazer mais.

Afinal teve a satisfação de ver que o doente tornava a si. Conseguiu até endireitar-se e, olhando para Vasquez, que o amparava nos braços, disse, com voz menos fraca:

— Tenho sede... Tenho sede!

Vasquez apresentou-lhe a chávena cheia de água com aguardente.

— Vai melhor? — perguntou-lhe.

— Sim!... Sim!... — respondeu o naufrago.

E como se reunisse as recordações ainda vagas no espírito, acrescentou, apertando brandamente a mão do seu salvador:

— Aqui?... O senhor?... Onde estou eu?

Exprimiam-se em inglês e, como Vasquez também falava essa língua, respondeu-lhe:

— Está em segurança. Encontrei-o na praia, depois do naufrágio da Century.

— A Century... Sim, recordo-me...

— Como se chama?

— Davis... John Davis.

— Era o capitão da galera?

— Não... Era o imediato!... E os outros?

— Morreram todos — respondeu Vasquez —, todos. Só o senhor escapou do naufrágio!

— Todos?...

— Todos!

John Davis ficou como aterrado com o que acabava de ouvir.

Fora ele o único sobrevivente! E porquê? Compreendeu que devia a vida àquele desconhecido que o tratava com tanta solícitude.

— Obrigado, obrigado!... — disse ele.

E correu-lhe pelos olhos uma grossa lágrima.

— Tem fome?... Quer comer?... Um bocadinho de bolacha e de carne? — tornou Vasquez.

— Não... não... Quero beber mais!

A água fresca, misturada com aguardente, fez muito bem a John Davis, porque daí a pouco pôde responder a todas as perguntas.

Eis, em poucas palavras, o que ele contou:

A Century, uma galera de quinhentas e cinquenta toneladas, do porto de Mobile, tinha largado, vinte dias antes, da costa americana. A sua tripulação compunha-se do capitão, Harry Steward, do imediato, John Davis, e de doze homens, incluindo um grumete e um cozinheiro. Ia carregada de níquel e de objetos de pacotilha para Melbourne, Austrália.

Navegou bem até ao grau 55 de latitude sul no Atlântico. Sobreveio então a violenta tempestade que agitava aquelas paragens desde a véspera. Logo ao princípio, a Century, surpreendida pelo primeiro pé-de-vento, perdeu o artemão e todo o velame da ré. Pouco depois uma onda enorme, entrando por bombordo, varreu a tolda, demoliu em parte o tombadilho e levou dois marinheiros que não se puderam salvar.

A intenção do capitão Steward tinha sido procurar um abrigo por detrás da ilha dos Estados, no estreito de Lemaire. Julgava estar certo da sua situação em latitude, porque o ponto fora tirado naquele dia. Com razão lhe parecia preferível aquele caminho para dobrar o cabo Horn e subir depois para a costa australiana.

À noite o temporal redobrou de violência. Caçaram-se todas as velas, exceto a de mezena e a da gávea nos rizes, e a galera foi de vento em popa.

Naquele momento, o capitão julgava estar ainda a mais de vinte milhas longe da terra. Não via perigo nenhum em ir para diante, até avistar a luz do farol. Deixando-o então muito para o sul, não se arriscava a ir bater nos recifes do cabo San Juan e entraria sem custo no estreito.

A Century continuou, pois, a navegar, não duvidando Harry Steward de que havia de ver o farol antes de uma hora, porque a sua luz estendia-se num raio de dez milhas.

Mas afinal não viu a luz.

Então, quando lhe parecia estar ainda a grande distância da ilha, deu-se um choque tremendo. Desaparecem três marinheiros, com o mastro de mezena e o mastro grande. Ao mesmo tempo, as ondas assaltaram o casco, que se abriu, e o capitão, o imediato e os sobreviventes da tripulação foram atirados pela borda fora, no meio de uma ressaca que não deixava salvar ninguém.

Portanto, a Century tinha naufragado. Só o imediato, John Davis, devido a Vasquez, se tinha salvo da morte.

E, agora, Davis não sabia em que costa se tinha a galera ido perder.

Perguntou novamente a Vasquez:

— Onde estamos?

— Na ilha dos Estados.

— Na ilha dos Estados! — exclamou John Davis, estupefato com aquela resposta.

— Sim... a ilha dos Estados — tornou Vasquez —, à entrada da baía de Elgor.

— Mas o farol?

— Não estava aceso.

John Davis, que mostrava no rosto a mais profunda surpresa, esperava que Vasquez se explicasse; mas este, levantando-se de repente, pôs-se à escuta.

Tinha-lhe parecido ouvir uns ruídos suspeitos e queria saber se não andaria por ali perto a quadrilha.

Meteu-se pelo intervalo das rochas e deitou a vista pelo litoral até ao extremo do cabo San Juan.

Estava tudo deserto.

O furacão continuava com a mesma força. As ondas iam ali quebrar-se com prodigiosa violência; pelo horizonte, todo enevoadado, corriam nuvens ainda mais ameaçadoras.

O ruído que Vasquez ouvira provinha do desmantelamento da Century.

Com o vento, a ré do navio tinha-se voltado e a rajada, penetrando dentro, empurrava-a mais para a praia.

Rolava como um enorme tonel arrombado e acabou por se despedaçar definitivamente contra a esquina das rochas. No lugar do naufrágio, coberto de mil objetos diferentes, só ficava a outra metade da galera.

Vasquez voltou para dentro e estendeu-se na areia ao pé de John Davis.

Iam voltando as forças ao imediato da Century. Já se poderia levantar e ir à praia, encostado ao braço do companheiro. Mas ele não o deixou sair. Foi então que John Davis lhe perguntou porque não se tinha acendido o farol naquela noite.

Vasquez pô-lo ao fato dos casos abomináveis que se tinham passado sete semanas antes na baía de Elgor.

Depois de sair dali o aviso Santa Fé, nada, durante perto de duas semanas, tinha interrompido o serviço do farol, que estava confiado a ele, Vasquez, e aos seus dois companheiros, Filipe e Moriz. Durante aquele período, chegaram muitos navios à vista da ilha e fizeram sinais, que lhes foram regularmente correspondidos.

Mas a 26 de Dezembro apareceu uma escuna às oito horas da noite, à entrada da baía. Do quarto de vigia, onde estava de guarda, Vasquez não cessara de avistar as suas luzes de posição e tinha assistido a toda a manobra. Na opinião dele, o capitão que a comandava devia conhecer bem o rumo que havia de seguir, porque não mostrou a mais pequena hesitação.

A escuna chegou à angra ao pé do recinto do farol e fundeu aí.

Foi então que Filipe e Moriz, que tinham saído, foram a bordo para oferecer os seus serviços ao capitão e, feridos covardemente, morreram sem se poderem defender.

— Desgraçados! — exclamou John Davis.

— Sim... os meus desgraçados companheiros! — repetiu Vasquez cuja mágoa renascia com aquelas recordações dolorosas.

— E o senhor? — perguntou John Davis.

— Eu, do alto da galeria, ouvi os gritos dos meus companheiros... Compreendi o que se tinha passado... Aquela escuna era um navio de piratas... Nós éramos três guardas!... Tinham assassinado dois e não se importaram com o terceiro.

— Como pôde escapar-lhes?

— Desci rapidamente a escada do farol, fui ao meu quarto, peguei na minha roupa e nalgumas provisões, fugi antes de a tripulação da escuna desembarcar e vim refugiar-me nesta parte do litoral.

— Miseráveis! Miseráveis! — exclamou John Davis. — Estão senhores do farol e não o acendem. Foram eles que causaram a morte do meu capitão e de todos os nossos homens.

— Sim, estão senhores de tudo — afirmou Vasquez —, e como surpreendi uma conversa do chefe com um dos seus companheiros, pude conhecer-lhes os projetos.

John Davis soube então como aqueles salteadores, que estavam havia muitos anos na ilha dos Estados, para ali atraíam os navios e trucidavam os sobreviventes dos naufrágios, metendo numa caverna todos os objetos que tinham algum valor, enquanto Kongre não se podia apossar dalgum navio.

Sobrevieram os trabalhos da construção do farol, e a quadrilha foi obrigada a abandonar a baía de Elgor e a refugiar-se no cabo Saint-Barthélemy, na outra extremidade da ilha dos Estados, onde ninguém suspeitava da sua presença.

Acabados os trabalhos, tornou ela a voltar, já havia mais de mês e meio, mas agora possuía uma escuna que viera encalhar no cabo Saint-Barthélemy e cuja tripulação morrera.

— E porque não saiu já daqui a escuna com o carregamento desses salteadores? — perguntou John Davis.

— Tem sido demorada até agora por causa de consertos importantes de que precisava. Mas já me certifiquei de que têm tudo preparado para saírem esta manhã.

— Para?...

— Para as ilhas do Pacífico, onde esses bandidos se julgarão em segurança e continuarão o seu mister de piratas.

— Mas não poderão sair enquanto durar este temporal.

— Por certo — concordou Vasquez —, e, a julgar pelo aspecto do tempo, é possível que essa demora se prolongue uma semana inteira.

— E, enquanto aqui estiverem, nunca acenderão o farol?

— Nunca.

— E arriscam-se a perder-se outros navios como se perdeu a Century?

— É a pura verdade.

— Mas não se podia dar sinal da costa aos marinheiros que se aproximam dela de noite?

— Sim... talvez por meio de fogueiras acesas na praia, no extremo do cabo San Juan. Foi o que eu quis fazer para avisar a Century. Quis acender uma fogueira com lenha e ervas secas. Mas o vento soprava com tal fúria que não o pude conseguir.

— Pois o que o senhor não pôde fazer havemos de fazê-lo nós — declarou John Davis. — A lenha não nos faltará. Os restos do meu pobre navio... e, infelizmente, os de tantos outros, hão-de fornecê-la com abundância. Porque, afinal, se a escuna ainda se demorar aqui, se o farol da ilha dos Estados não puder ser visto pelos navios que vêm do mar largo, quem sabe se não se darão outros naufrágios?

— Em todo o caso — observou Vasquez —, Kongre e a sua quadrilha não se podem demorar muito na ilha e tenho a certeza de que a escuna se há-de fazer ao mar logo que o tempo o permitir.

— Porquê? — perguntou John Davis.

— Porque eles sabem que brevemente vêm render os guardas do farol.

— Render os guardas?

— Sim, nos primeiros dias de Março, e já estamos a 18 de Fevereiro.

— Vem então um navio nessa época?

— Sim, o aviso Santa Fé deve chegar de Buenos Aires a 10 de Março, ou talvez mais cedo.

John Davis teve a mesma idéia que tinha acudido ao espírito de Vasquez.

— Ah! — exclamou ele. — Isso vai mudar tudo! Deus queira que o mau tempo dure até lá e que esses miseráveis ainda aqui estejam quando o Santa Fé fundear na baía de Elgor!

Capítulo XI

OS PIRATAS

Estavam alguns quinze, incluindo Kongre e Carcante, atraídos pelo instinto da pilhagem.

Na véspera, ao pôr do Sol, Carcante, da galeria do farol, tinha visto a galera que vinha de leste.

Preveniu logo Kongre, que pensou que aquele navio, acossado pela tempestade, queria alcançar o estreito de Lemaire e depois procurar abrigo na costa ocidental da ilha.

Enquanto o dia lho permitiu, seguiu-lhe os movimentos, e, depois de ser noite, distinguiu-lhe as luzes.

Em breve conheceu que o navio estava meio desarvorado e esperou que iria encalhar naquela terra que não via.

Se Kongre tivesse acendido o farol, todo o perigo teria desaparecido. Mas não o fez e, quando as luzes da Century se apagaram, não pôs em dúvida que o navio tivesse naufragado entre o cabo San Juan e o pico Several.

No dia seguinte o furacão estava com a mesma fúria. Era impossível sair com a escuna. Impunha-se uma demora que podia prolongar-se por alguns dias, e isso não deixava de ser grave, com a ameaça constante da chegada do Santa Fé.

Fosse qual fosse o despeito de Kongre e dos seus companheiros, era forçoso esperar. No fim de contas, ainda se estava a 19 de Fevereiro e o temporal havia de acalmar por certo antes do fim do mês. À primeira aberta, o Carcante levantaria ferro e seguiria o seu rumo.

Ora, visto que viera dar à costa um navio, era boa ocasião para se aproveitarem do naufrágio, apossarem-se dos objetos valiosos e aumentarem assim o valor da carga que a escuna havia de levar. O aumento dos lucros compensaria pelo menos os perigos que corressem.

A questão nem sequer se discutiu. Pode dizer-se que todo aquele bando de aves de rapina soltou o vôo ao mesmo tempo.

Preparou-se a chalupa e embarcaram nela doze homens e o chefe.

Foi preciso lutar, à força de remos, contra o vento que soprava furiosamente, revolvendo as águas da baía. Bastou hora e meia para chegarem aos últimos rochedos; mas, com auxílio da vela, o regresso havia de efetuar-se rapidamente.

A chalupa atracou à margem norte da baía, defronte da caverna. Todos desembarcaram e correram para o lugar do naufrágio.

Neste momento rebentaram gritos que interromperam a conversa de John Davis e de Vasquez.

Este trepou então até à entrada, tomando o maior cuidado em que não o vissem.

Um instante depois, John Davis estava ao pé dele.

— O senhor aqui! — disselhe Vasquez. — Deixe-me só!... Precisa descansar.

— Não — respondeu John Davis —, já estou bom. Também venho ver essa récua de ladrões.

O imediato da Century era um homem enérgico e tão resoluto como Vasquez, um desses filhos da América, de temperamento de ferro, e por certo devia ter, como se diz vulgarmente, a alma pregada ao corpo, porque uma não se tinha separado do outro depois do naufrágio da galera!

Ao mesmo tempo era um excelente marinheiro. Tinha servido como primeiro-mestre na esquadra dos Estados Unidos antes de pertencer à marinha mercante e, quando a Century voltasse para Mobile, como Harry Steward se retirava do serviço, os armadores tinham resolvido confiar-lhe o comando do navio. Isto era para ele outro motivo de cólera e ódio! Daquele navio, de que em breve iria ser capitão, não via agora senão restos informes entregues a uma quadrilha de salteadores.

Se Vasquez precisasse de que lhe estimulassem a coragem, tinha ali homem para isso!

Mas, por muito resolutos e enérgicos que os dois fossem, que poderiam fazer contra Kongre e os seus companheiros?

Abriando-se atrás das rochas, Vasquez e John Davis observaram prudentemente o litoral até à extremidade do cabo San Juan.

Kongre, Carcante e outros bandidos tinham parado primeiro naquele recanto para onde o furacão acabava de atirar com metade do casco da Century, todo desmantelado no sopé dos rochedos.

Os piratas estavam a menos de duzentos passos da gruta e de lá distinguíam-se facilmente as feições.

Tinham capotes de oleado, muito justos ao corpo, para não se exporem ao vento, e na cabeça uns chapéus presos fortemente ao queixo. Via-se que lhes custava a resistir às rajadas. Às vezes tinham de se escorar contra um objeto qualquer ou contra alguma rocha para não serem atirados ao chão.

Vasquez designou a John Davis os que conhecia por os ter visto quando foi pela primeira vez à caverna.

— Aquele alto — informou ele —, que está ao pé da roda de proa da Century, é o que se chama Kongre.

— O chefe?

— Sim, o chefe.

— E o homem com quem está conversando?

— É Carcante, seu ajudante. Foi um dos que mataram os meus dois companheiros.

— Metia-lhe uma bala na cabeça com muito gosto, hem? — perguntou John Davis.

— A ele e ao chefe, como a dois cães danados! — respondeu Vasquez.

Passou-se quase uma hora antes de os salteadores acabarem de visitar aquela parte do casco. Tinham-lhe querido revistar todos os cantos.

O níquel, que formava a carga da Century, e de que eles não precisavam para nada, ficaria na praia, mas no resto talvez houvesse coisas que lhes conviessem.

Efetivamente, viram-nos transportar duas ou três caixas e outros tantos pacotes, que Kongre mandou pôr a bordo da chalupa.

— Se os patifes procuram ouro, prata, dinheiro ou jóias de valor, não encontrarão nada disso — declarou John Davis.

— É, o que eles preferem, está visto — retorquiu Vasquez. — Tinham bastante na caverna. Com certeza que os navios que se perderam neste litoral traziam objetos de muito valor. A escuna deve ter agora uma carga que vale muito dinheiro.

— Compreendo — tornou John Davis — que eles tenham pressa de se pôr em segurança. Mas talvez não tenham essa sorte!

— Para isso era preciso que o mau tempo se conservasse ainda por quinze dias - observou Vasquez.

— Ou que nós encontrássemos um meio...

John Davis não completou o seu pensamento.

Como se havia de impedir a partida da escuna, quando, depois de acabar a violência da tempestade, o tempo se pusesse melhor e o mar ficasse sereno?

Naquele momento os piratas, abandonando aquela metade do navio, dirigiram-se para a outra, no lugar do naufrágio, na extremidade do cabo.

Do sítio onde estavam, Vasquez e John Davis ainda os podiam ver, mas a maior distância.

A maré baixava e, apesar de serem as águas revolvidas pelo vento, a superfície dos recifes estava em grande parte descoberta. Era muito fácil chegar ao esqueleto da galera.

Kongre e mais dois ou três entraram lá. Na ré do navio, por debaixo do tombadilho, é que era a despensa, como John Davis disse a Vasquez.

Muito provavelmente, essa despesa devia ter sido devorada pelo mar, mas era possível que ainda estivesse intacta uma certa quantidade de provisões.

Efetivamente, saíram de lá uns homens com caixas de conservas, alguns barris e pipas, que fizeram rolar pela areia até à chalupa. Também foram tiradas trouxas de roupa dos restos do tombadilho e levadas para o mesmo sítio.

As buscas duraram pouco mais ou menos duas horas; depois Carcante e dois dos seus companheiros, munidos de machados, atacaram a parte superior do navio, que estava só a dois ou três pés do solo.

— Que estão a fazer? — perguntou Vasquez. — Então o navio não está já bastante demolido?—Porque diabo querem acabar com ele?

— Já percebo o que eles querem — explicou John Davis -. É que não fique indício nenhum do seu nome nem da sua nacionalidade. Para que nunca se saiba que a Century naufragou nestas paragens do Atlântico!

John Davis não se enganava.

Alguns instantes depois, Kongre saía do tombadilho com a bandeira americana que encontrara no camarote do capitão e rasgava-a em mil bocados.

— Ah! que patife! — exclamou John Davis. — A bandeira... a bandeira do meu país!

Vasquez mal teve tempo de lhe segurar no braço, porque ele, sem ser já senhor de si, ia arremessar-se para a praia.

Acabado o saque — e a chalupa ficou bem cheia —, Kongre e Carcante tornaram a subir para o sopé dos rochedos.

No seu caminho, passaram duas ou três vezes por diante do intervalo das rochas onde estava a gruta. Vasquez e Davis puderam então ouvir o que eles diziam.

— Ainda não será possível partirmos amanhã.

— Não. Receio até que este mau tempo dure alguns dias.

— Não teremos perdido com a demora.

— Por certo, mas esperava encontrar coisa melhor num navio deste tamanho!... O último que fizemos naufragar aqui rendeu-nos cinquenta mil dólares.

— Os náufragos seguem-se, mas não se parecem uns com os outros! — respondeu Carcante, com filosofia. — Agora demos com uns pelintras.

John Davis, exasperado, tinha pegado num revólver e, num movimento de cólera irrefletida, teria esmigalhado a cabeça ao chefe da quadrilha se Vasquez não lhe segurasse no braço pela segunda vez.

— Sim, tem razão! — concordou John Davis. — Mas não me posso conformar com a idéia de que aqueles miseráveis fiquem impunes... E, se saírem da ilha, onde se hão-de encontrar... onde se poderão perseguir?

— O temporal parece que não abranda — observou Vasquez. — Ainda que o vento amaine, o mar há-de ficar agitado ainda por alguns dias. Não poderão sair da baía, creia no que Lhe digo.

— Sim, Vasquez, mas não me disse que o aviso não deve chegar antes do princípio do mês que vem?

— Talvez antes, Davis, quem sabe?...

— Deus o queira, Vasquez, Deus o queira!

O certo era que a tempestade não diminuía de violência e, naquela latitude, até mesmo no Verão, as perturbações da atmosfera duram às vezes quinze dias.

Se o vento mudasse para o sul traria os vapores do mar antártico, em que a estação invernososa iria brevemente começar. Os pescadores de baleias já deviam pensar em sair das regiões polares, porque, a contar do mês de Março, começam a formar-se os gelos novos.

Mas, afinal, era para rezear que, em quatro ou cinco dias, houvesse uma calma, de que a escuna se aproveitaria para se fazer novamente ao mar.

Eram quatro horas quando Kongre e os seus companheiros tornaram a embarcar.

Com a vela içada, a chalupa desapareceu daí a alguns instantes, seguindo pela margem norte da baía.

À tarde acentuaram-se as rajadas. Das nuvens que vinham de sudoeste caiu uma chuva fria e fustigante.

Vasquez e John Davis não puderam sair da gruta. O frio foi tanto que até tiveram de acender lume para se aquecerem.

Estabeleceram a lareira no estreito corredor. Como o litoral estava deserto e a escuridão era profunda, não tinham nada a temer.

A noite foi terrível.

O mar ia bater furiosamente no sopé das rochas. Era de crer que um refluxo, ou antes um crescimento extraordinário do mar, se desse na costa oeste da ilha. Por certo que as ondas haviam de penetrar impetuosamente no fundo da baía, e Kongre teria dificuldade em sustentar a Carcante no seu ancoradouro.

— Que se faça em pedaços — exclamava John Davis — e que os seus restos vão parar ao largo na maré próxima!

Quanto ao casco da Century, no dia seguinte só ficariam dele os destroços entre os rochedos ou dispersos na praia.

O temporal teria atingido a máxima intensidade? Foi o que Vasquez e o seu companheiro quiseram ver logo de manhã.

Mas não. Era impossível imaginar uma tal agitação dos elementos. As águas do céu confundiam-se com as do mar.

E assim foi em todo o dia e na noite seguinte. Naquelas quarenta e oito horas não apareceu nenhum navio à vista da ilha, e compreende-se que se quisessem afastar a todo o custo daquelas perigosas terras de Magalhães, aÇoitadas diretamente pela tempestade.

Não seria no estreito de Magalhães nem no de Lemaire que encontrariam refúgio contra os assaltos de um furacão daqueles. A única salvação era a fuga e precisavam de ter diante deles a extensão livre dos mares.

Como previam John Davis e Vasquez, o casco da Century estava completamente destruído e na praia havia inúmeros destroços até à base dos penedos.

Felizmente, a questão dos alimentos não devia preocupar Vasquez nem o companheiro.

As conservas que provinham da Century chegavam-lhes para mais de um mês. Até lá, talvez dentro duns doze dias, o Santa Fé chegaria à vista da ilha. Acabaria então o mau tempo e o aviso não recearia vir fazer o reconhecimento do cabo San Juan.

Era a respeito do navio, tão apaixonadamente esperado, que eles conversavam as mais das vezes.

— O que era preciso era que a tempestade durasse para não deixar sair a escuna e parasse a tempo de chegar aqui o Santa Fé — dizia ingenuamente Vasquez.

— Ah! — exclamou John Davis —, se nós dispuséssemos dos ventos e do mar, era coisa resolvida.

— Infelizmente, isso pertence a Deus.

— Ele não há-de querer que aqueles miseráveis escapem ao castigo dos seus crimes — afirmava John Davis, apropriando-se dos termos que Vasquez empregara algum tempo antes.

Como ambos tinham o mesmo motivo de ódio e a mesma sede de vingança, estavam unidos num pensamento igual.

A 21 e 22 a situação não se modificou, pelo menos sensivelmente.

Talvez o vento indicasse uma certa tendência para virar ao nordeste. Mas, depois de uma hora de hesitação, recaiu e trouxe sobre a ilha todo um cortejo de rajadas medonhas.

É escusado dizer que nem Kongre nem nenhum dos seus tinham tornado a aparecer. Estavam sem dúvida ocupados em preservar a escuna de qualquer avaria naquela angra que as marés, engrossadas pelo furacão, deviam encher completamente.

No dia 23, de manhã, as condições atmosféricas melhoraram um pouco.

Depois de alguma indecisão, o vento pareceu fixar-se a nor-nordeste. Umas abertas, ao princípio raras e depois maiores, desobstruíram o horizonte do sul. A chuva cessou e, se o vento continuava a soprar com violência, o céu ia aclarando gradualmente.

Mas o mar ainda estava muito revoltado e as ondas iam quebrar-se com fúria no litoral. Por isso não se podia entrar na baía e a escuna por certo não poderia sair naquele dia nem no seguinte. Kongre e Carcante aproveitariam aquela calmaria para voltarem ao cabo San Juan a fim de observarem o estado do mar? Era possível, era até provável, e por isso não se desatenderam as medidas de prudência. Mas de manhã não era de rezear que viessem. Por isso John Davis e Vasquez arriscaram-se a sair da gruta, onde tinham estado por quarenta e oito horas.

— O vento não mudará? — perguntou Vasquez.

— Receio-o muito — respondeu John Davis, a quem o seu instinto de marinheiro não podia enganar. — Precisávamos ainda de dez dias de mau tempo... dez dias!... e não os teremos.

De braços cruzados, olhava para o céu e para o mar.

Como Vasquez se tinha afastado alguns passos, seguiu-o, costeando os rochedos.

De repente um dos pés esbarrou-lhe num objeto meio enterrado na areia, ao pé de uma rocha, e que, com o choque, produziu um som metálico.

Baixou-se e viu que era a caixa onde se guardava a pólvora de bordo, tanto para os mosquetes como para as duas peças que a Century empregava nos sinais.

— Isto não nos serve de nada — disse ele. — Ah! Se nós pudéssemos acendê-la no porão da escuna que leva aqueles bandidos!

— Nem pensar nisso é bom —olveu Vasquez, abanando a cabeça. — Mas deixa. Na volta levaremos esta caixa para a gruta.

Continuaram a descer pela praia e dirigiam-se para o cabo, cuja extremidade, aliás, não poderiam alcançar, porque, àquela hora da maré, as ondas batiam ali com furor; nisto, chegando aos recifes, Vasquez viu, na cavidade de uma rocha, uma boca de fogo pequena que tinha rolado para ali, com a sua carreta, depois do naufrágio da Century.

— Isto lhe pertence — disse ele a John Davis —, bem como estas balas que as ondas atiraram para ali.

Como da primeira vez, John Davis afirmou: — Não nos serve de nada!

— Quem sabe? — replicou Vasquez. — Já que temos com o que carregar esta peça, talvez se apresente a ocasião de nos servirmos dela.

— Duvido — disse o companheiro.

— Por que, Davis? Visto que o farol não está aceso de noite, se aparecesse um navio nas condições em que veio a Century, não poderíamos dar tiros para indicarmos a costa?

John Davis olhava para o companheiro com singular fixidez. Parecia que lhe atravessava o espírito um pensamento muito diferente.

Limitou-se a responder: — Foi a idéia que teve, Vasquez?

— Foi, Davis, e não me parece que seja má. Por certo que as detonações se haveriam de ouvir no fundo da baía e revelariam a nossa presença nesta parte da ilha. Os bandidos viriam nos procurar... Talvez nos descobrissem e isso nos custaria a vida!... Mas quantas salvaríamos em troca das nossas! E não tínhamos feito senão um dever!

— Talvez haja outra maneira de fazermos o nosso dever! — murmurou John Davis, sem se explicar mais.

Contudo não fez mais objeções e, conforme a opinião de Vasquez, a peça foi arrastada para a gruta; depois levaram a carreta, as balas e a caixa de pólvora.

Este trabalho foi custoso e levou muito tempo. Quando Vasquez e John Davis foram almoçar, a altura

do Sol no horizonte indicava que deviam ser, pouco mais ou menos, dez horas.

Apenas eles se retiraram, Kongre, Carcante e o carpinteiro Vargas voltavam a esquina dos rochedos. A chalupa não podia arcar com o vento e a maré, que começava a encher. Tinham vindo a pé pela praia, mas desta vez não era para roubar.

Vieram observar o estado do céu e do mar depois da mudança do tempo, como Vásquez calculara. Por certo sabiam que a Carcante corria muitos perigos se saísse da baía e que não poderia lutar com as grandes ondas que vinham do largo.

Antes de estar no estreito, ou se quisesse dirigir-se para oeste, encontraria vento pela popa, teria de dobrar o cabo San Juan e poderia dar à costa, ou, pelo menos, receber algum golpe de mar.

Tal foi efetivamente a opinião de Kongre e de Carcante.

Parados ao pé do lugar do naufrágio, onde só havia raros destroços da ré da Century, custava-lhes a segurar-se de pé por causa do vento. Falavam com animação, mas gesticulavam, mostravam o horizonte com as mãos, recuando às vezes, quando uma onda, toda branca por cima, vinha quebrar-se na praia.

Vásquez e o companheiro não os perderam de vista na meia hora que eles passaram a vigiar a entrada da baía.

Por fim retiraram-se, tendo olhado muitas vezes para trás, depois desapareceram no cotovelo das rochas e tomaram novamente o caminho do farol.

— Foram-se — disse Vásquez. — Deus permita que eles ainda venham alguns dias ver o estado do mar. Mas John Davis abanou a cabeça.

Era evidente para ele que o temporal terminaria daí a quarenta e oito horas. O mar então havia de serenar, senão de todo, pelo menos para deixar que a escuna dobrasse o cabo San Juan.

Vásquez e John Davis passaram parte daquele dia no litoral.

Acentuava-se a modificação do estado atmosférico. O vento

parecia ter estacionado no nor-nordeste, e um navio poderia entrar no estreito de Lemaire..

À tarde, Vásquez e John Davis entraram na gruta. Acalmaram a fome com bolacha e carne salgada e a sede com água misturada com aguardente. Depois, Vásquez preparava-se para se embrulhar no cobertor, mas o companheiro observou-lhe:

— Antes de adormecer, Vásquez, ouça uma proposta que tenho a fazer-lhe.

— Diga, Davis.

— Devo-lhe a vida e não quero fazer nada sem a sua aprovação. Vou submeter-lhe uma idéia.

Examine-a e responda depois, sem receio de me desagradar.

— Estou ouvindo, Davis.

— O tempo muda, a tempestade passou e o mar vai pôr-se brando. Provavelmente a escuna sai daqui a quarenta e oito horas, o máximo.

— Infelizmente, é muito provável! — admitiu Vásquez, completando a sua idéia com um gesto que queria dizer: «Não podemos fazer nada!»

John Davis continuou:

— Sim, daqui a dois dias estará na parte de baixo da baía, sairá, dobrará o cabo, desaparecerá no oeste, descerá o estreito, não se tornará mais a ver, e os seus camaradas, Vásquez, o meu capitão e os meus companheiros da Century não serão vingados!

Vásquez tinha baixado a cabeça; depois, levantando-a, olhou para John Davis, a quem os últimos clarões do lume davam no rosto.

Este continuou:

— Só uma eventualidade podia impedir a partida da escuna, ou, pelo menos, demorá-la até chegar o aviso; alguma avaria que a obrigasse a voltar para o fundo da baía. Ora nós temos uma peça, pólvora e projéteis. Ponhamos a peça no recanto dos rochedos, carreguemo-la e, quando a escuna passar, atiremos-lhe em cheio. É

possível que não se afunde logo, mas não poderá fazer a longa viagem para que se prepara. Os miseráveis serão obrigados a voltar ao ancoradouro para a consertar e terão de desembarcar a carga. Isso talvez leve uma semana inteira... e daqui até lá o Santa Fé...

John Davis calou-se.

Tinha pegado na mão do companheiro e apertava-a.

Vasquez, sem hesitar, apenas Lhe respondeu:

— Está dito!

Capítulo XII

A SAÍDA DA BAÍA

Como sucede muitas vezes depois de um temporal muito forte, o horizonte estava enevoado na manhã de 25 de Fevereiro. Mas o vento acalmara e manifestavam-se todos os indícios da mudança de tempo.

Naquele dia resolveu-se que a escuna saísse do ancoradouro e Kongre fez os seus preparativos para essa saída se efetuar de tarde.

Havia razão para crer que o Sol dissiparia os vapores que se tinham acumulado antes. A maré, que devia baixar às seis horas da tarde, favorecia a saída da baía de Elgor. A escuna chegaria às alturas do cabo San Juan pelas sete horas e o longo crepúsculo daquelas altas latitudes havia de lhe permitir que o dobrasse antes da noite.

Certamente poderia sair com a vazante da manhã, se não fosse o nevoeiro. Tudo estava pronto a bordo, carga completa e mantimentos em abundância, os que provinham da Century e os que tinham sido tirados dos armazéns do farol. No anexo só ficaram a mobília e os utensílios, porque Kongre não podia meter mais nada no porão.

Apesar de aliviada de uma parte do seu lastro, a escuna afundava-se mais algumas polegadas do que a sua altura de água normal e não seria prudente profundar mais a linha de flutuação.

Pouco depois do meio-dia, quando passeavam no recinto do farol, Carcante disse a Kongre:

— O nevoeiro começa a espalhar-se e daqui a pouco podemos ver ao longe.

Ordinariamente o vento abranda com estas névoas e o mar desce com mais rapidez.

— Parece-me que afinal poderemos sair agora – respondeu Kongre — e que nada incomodará a nossa navegação até ao estreito...

— Espero que até mais para além — concluiu Carcante. — Mas a noite há-de ser escura, Kongre. Estamos apenas no primeiro quarto da Lua e o crescente vai desaparecer quase ao mesmo tempo que o Sol.

— Isso pouco importa, Carcante; não preciso de lua nem de estrelas para costear a ilha. Conheço toda a costa norte e tenciono dobrar as ilhotas New-Year e o cabo Colnett a boa distância, para lhes evitar as rochas!

— Amanhã já estaremos longe, Kongre, com este vento de nordeste que faz enfunar as velas.

— Amanhã teremos perdido de vista o cabo Saint-Barthélemy e espero que à tarde estaremos a umas vinte milhas da ilha dos Estados.

— Já não é muito cedo, Kongre. Estamos aqui há que tempos.

— Tens pena disto, Carcante?

— Não, agora que tudo acabou, visto que fizemos fortuna, como se costuma dizer, e que vamos num bom navio com as nossas riquezas!... Mas, com mil diabos, cheguei a julgar que estava tudo perdido quando a Maule... não, a Carcante, entrou na baía com água aberta! Se não pudéssemos fazer os

consertos, quem sabe quanto tempo teríamos de estar aqui! Quando chegasse o aviso seríamos obrigados a voltar para o cabo Saint-Barthélemy... E eu já estou farto do cabo Saint-Barthélemy!

— Sim — concordou Kongre, cujo rosto feroz se anuviava —, e a situação seria muito grave... Vendo o farol sem guardas, o comandante do Santa Fé teria tomado as suas medidas... Faria buscas... Revistaria toda a ilha e quem sabe se não descobriria o nosso retiro?... E, depois, o terceiro guarda, que nos escapou, não poderia ir ter com ele?

— Não era de recear, Kongre. Nunca mais vimos sinais desse homem e como poderia ele viver, há perto de dois meses, sem recursos nenhuns? Porque há quase dois meses que a Carcante...

— Ah! desta vez não me esqueci do seu novo nome — veio fundear na baía de Elgor, e, a não ser que o tal guarda tenha vivido em todo esse tempo de peixe cru e de raízes...

— Afinal sairemos daqui antes de voltar o aviso — interrompeu Kongre — e é mais seguro.

— Segundo diz o livro do farol, não deve chegar senão daqui a oito dias.

— E daqui a oito dias, Carcante, já estaremos longe do cabo Horn, a caminho das ilhas de Salomão ou das Novas Hébridas.

— É isso, Kongre. Vou subir pela última vez à galeria para observar o mar. Se houver algum navio à vista...

— Que nos importa isso? — disse Kongre, encolhendo os ombros. — O Atlântico e o Pacífico pertencem a todos. A Carcante tem os seus papéis em regra. Fez-se tudo quanto era preciso a esse respeito, podes fiar-te em mim. E até, se o Santa Fé o encontrasse à entrada do estreito, havia de lhe retribuir o cumprimento, porque uma delicadeza requer outra!

Como se vê, Kongre não duvidava do bom êxito dos seus projetos. Efetivamente parecia que tudo concorria para os favorecer.

Enquanto o seu capitão tornava a descer para a angra, Carcante subiu a escada e, chegando à galeria, ficou ali em observação durante uma hora.

O céu estava então completamente limpo e a linha do horizonte, recuada uma dúzia de milhas, mostrava-se em toda a sua nitidez. O mar, embora ainda agitado, já não estava embranquecido pelas ondas furiosas, e o marulho, se bem que muito forte, não poderia incomodar a escuna. Demais, se apenas se metessem no estreito, haviam de encontrar o mar bom e navegariam nele como num rio, ao abrigo da terra, e de vento em popa.

Ao largo, não se via outro navio senão uma galera que, pelas duas horas, apareceu por um instante a leste e a uma distância tal que, se não fosse o seu óculo de longo alcance, Carcante não lhe poderia conhecer o velame. Corria para o norte. Não ia, pois, com destino ao oceano Pacífico e não tardou a desaparecer.

Uma hora depois, Carcante teve um motivo de inquietação e pensou se não o devia referir a Kongre.

Acabava de aparecer a nor-nordeste um fumo ainda distante. Era um paquete que descia para a ilha dos Estados ou para o litoral da Terra do Fogo.

As consciências más têm medo de tudo. Bastou aquele fumo para que Carcante sentisse sérios receios.

— Será o aviso?... — pensou ele.

A bem dizer, estava-se a 25 de fevereiro e o Santa Fé só devia chegar nos primeiros dias de março. Teria antecipado a sua partida?... Se assim fosse, daí a duas horas viria em direção oblíqua do cabo San Juan. Tudo estaria perdido. Teria ele de renunciar à liberdade, no momento de a conquistar, e voltar à existência medonha do cabo Saint-Barthélemy?

Aos seus pés, Carcante via a escuna que se balançava graciosamente, como se quisesse zombar dele. Estava tudo pronto. Faltava-lhe só levantar ferro para sair.

Mas não podia, com vento contrário, resistir à corrente que começava a subir, e o mar não estaria

sereno antes de duas horas e meia.

Era impossível estar já ao largo antes de chegar aquele navio, e se fosse o aviso...

Carcante não pôde conter uma praga que o sufocava, Contudo, não quis incomodar Kongre, que estava muito ocupado com os seus últimos preparativos, antes de ter a certeza da verdade, e ficou sozinho em observação na galeria do farol.

O navio aproximava-se rapidamente, favorecido pela corrente e pela brisa. O capitão fazia-o andar a todo o vapor, porque saía um fumo espesso da chaminé, que Carcante não podia ainda avistar, por detrás do velame, fortemente tendido. Por isso o navio virava muito para estibordo. Continuando naquele andamento, não tardaria a estar oblíquo ao cabo San Juan.

Carcante não largava a luneta e a sua inquietação ia crescendo à proporção que o paquete se aproximava. A distância ficou em breve reduzida a algumas milhas e o casco do navio foi visível em parte.

No momento em que eram maiores, os receios de Carcante dissiparam-se de repente.

O paquete ia na direção do estreito e todo o seu aparelho lhe apareceu então à vista.

Era um navio a vapor, que devia ter umas cento e cinqüenta toneladas, e que não se podia confundir com o Santa Fé.

Carcante, assim como Kongre e os companheiros, conhecia bem o aviso, que tinha visto muitas vezes quando estivera fundeado na baía de Elgor. Sabia que estava armado em escuna, e o que se aproximava estava-o em galera.

Carcante sentiu um grande alívio e ficou muito satisfeito por não ter perturbado inutilmente o sossego da quadrilha.

Deixou-se estar ainda por uma hora na galeria e viu passar o navio ao norte da ilha, mas a três ou quatro milhas, isto é, muito longe para poder mandar o seu sinal que, aliás, ficaria sem resposta, por motivo justificado.

Quarenta minutos depois, aquele navio, que deitava pelo menos doze nós por hora, desaparecia ao largo do pico Colmett.

Carcante desceu, depois de se certificar de que não se avistava nenhum outro navio no horizonte.

Aproximava-se a hora da maré. Era o momento marcado para a partida da escuna.

Estavam acabados os preparativos e as velas prontas para se içarem. Depois de soltas ao vento, a Carcante singraria para o mar a panos largos.

Às seis horas, Kongre e a maior parte dos homens estavam a bordo. A lancha trouxe os restantes e depois foi içada.

A maré começava a baixar a pouco e pouco. Já descobria o sítio onde se tinha posto a escuna durante os consertos. Do outro lado da angra, os rochedos mostravam os seus cabeços pontiagudos. O vento penetrava pelas aberturas da penedia e uma leve ressaca ia morrer na praia.

Chegara o momento da partida. Kongre deu ordem para se virar o cabrestante. A corrente retesou-se, rangeu no escovém e, depois de estar a prumo, pôs-se o ferro no aparelho e atravessou-se, em vista de uma navegação que devia ser demorada.

As velas foram então orientadas e a escuna começou o seu movimento para o mar.

Como o vento soprava do és-sueste, a Carcante dobraria facilmente o cabo San Juan. Demais, não havia perigo nenhum em passar muito perto dos rochedos naquele sítio.

Kongre sabia isso.

Conhecia bem a baía. De pé, ao leme, deixava audaciosamente a escuna pôr-se a um quarto para aumentar a velocidade quanto possível fosse.

O andamento da Carcante era, efetivamente, muito irregular. Afrouxava quando o vento enfraquecia e depressa quando a brisa era mais forte. Adiantava-se assim à vazante, deixando atrás de si uma esteira muito lisa, o que mostrava as suas boas linhas de água e permitia augurar o bom seguimento da viagem.

Às seis horas e meia, Kongre já não estava senão a uma milha do último pico. Via o mar desdobrar-se até o horizonte. O Sol descia do lado oposto e em breve as estrelas brilhariam no zênite, que se sombreava com o véu do crepúsculo.

Carcante aproximou-se de Kongre e disselhe com satisfação:

— Estamos quase fora da baía!

— Daqui a vinte minutos — respondeu Kongre —, mando afrouxar as escotas e ponho o leme a estibordo para contornar o cabo San Juan.

— Teremos de bordejar quando estivermos no estreito?

— Não me parece — disse Kongre. — Logo que dobrarmos o cabo San Juan mudaremos as amuras e espero que as poderei conservar a bombordo até ao cabo Horn. A estação começa a adiantar-se e creio que poderemos contar com a persistência destes ventos de leste. Em todo o caso, chegando ao estreito faremos tudo o que nos obrigar a bordejar.

Se, como esperava, Kongre pudesse evitar a mudança das amuras, ganharia um tempo considerável. Se fosse preciso, amainaria as velas quadradas e só conservaria as auricas e latinas. Assim a escuna ficaria a três quartos do vento.

Naquele instante um homem da tripulação gritou:

— Sentido à proa!

— Que foi? — perguntou Kongre.

Carcante correu para o homem e debruçou-se por cima dos paveses.

— Chega... chega, devagar! — gritou Kongre.

A escuna estava então oblíqua à caverna que a quadrilha tinha ocupado por muito tempo.

Naquele sítio da baía via-se uma parte da quilha da Century, que a vazante empurrava para o mar.

Podia haver um choque de terríveis conseqüências e era preciso evitá-lo.

Kongre virou o leme para estibordo. A escuna desviou-se um quarto e passou perto da quilha, que só lhe roçou pela querena.

A manobra deu em resultado aproximar-se um pouco da margem norte a Carcante, que logo retomou a sua direção. Andando mais uns quarenta metros passava-se o recanto dos rochedos; Kongre podia largar o leme e dar o rumo para o norte.

Neste momento ouviu-se um silvo no ar e um choque fez estremecer o casco da escuna, sendo seguido imediatamente por uma detonação violenta.

Ao mesmo tempo levantou-se do litoral um fumo esbranquiçado, que o vento impeliu para o interior da baía.

— Que é isto? — exclamou Kongre.

— Atiraram sobre nós — respondeu Carcante.

— Pega-me no leme! — ordenou Kongre.

Correndo para bombordo, olhou por cima do resguardo e viu um buraco no casco, meio pé acima da linha de flutuação.

Toda a tripulação correu logo para aquele lado.

Um ataque vindo daquele sítio do litoral!... Uma bala que a Carcante, na ocasião de sair, recebia no costado, e que, se a tivesse apanhado mais abaixo, a teria indubitavelmente afundado!... Se aquela agressão era para assustar, era também para causar grande surpresa.

Que podiam fazer Kongre e os companheiros?

Soltarem a lancha, embarcaram nela, correrem para a praia, no sítio de onde saíra o fumo, deitarem as mãos aos que tinham atirado aquele projétil, matá-los ou pelo menos desalojá-los dali?.

Mas sabiam por acaso se aqueles agressores tinham sobre eles a superioridade do número?

O melhor, portanto, era afastarem-se para verem primeiro a importância da avaria.

Esta resolução impôs-se com mais evidência porque se ouviu outra detonação. Viu-se fumo no mesmo

sítio e a escuna sentiu novo choque. Tinha recebido outra bala, um pouco atrás da primeira.

— Orça! — rugiu Kongre, correndo para a ré, ao pé de Carcante, que se apressava a executar a ordem.

Logo que a escuna sentiu a ação do leme, orçou e depois descaiu para estibordo.

Em menos de cinco minutos começou a afastar-se da praia, e daí a pouco estava fora do alcance daquela peça que fizera fogo sobre ela.

Não se ouviu mais detonação nenhuma. A praia estava deserta até à extremidade do cabo. Era de esperar que não se repetisse o ataque.

O mais urgente era verificar o estado do casco. Dentro não se podia fazer isso, porque era preciso tirar a carga para outro lado; mas o que não oferecia dúvida era que as duas balas tinham atravessado o costado do navio e estavam metidas no porão.

Foram logo buscar a lancha, enquanto a Carcante se punha de capa e não sofria senão o efeito da vazante.

Kongre e o carpinteiro desceram na lancha e examinaram o casco, para saberem se o conserto se podia fazer ali mesmo.

Viram então que duas balas de quatro tinham batido na escuna e furado o costado de um lado ao outro. Felizmente as obras vivas tinham escapado. Os dois buracos estavam no princípio da blindagem e justamente na linha de flutuação: Se as balas tivessem vindo alguns centímetros mais abaixo, o navio abriria água naquele sítio e a tripulação não teria tempo de remediar esse mal. O porão ficaria cheio e a Carcante afundar-se-ia à entrada da baía.

Sem dúvida, Kongre e os seus companheiros poderiam chegar à praia na lancha, mas a escuna ficaria completamente perdida.

Em suma, a avaria não devia ser de extrema gravidade, mas impedia certamente a Carcante de se arriscar mais ao largo. Ao menor balanço que desse para bombordo, a água entraria dentro. Era, pois, preciso que os dois buracos feitos pelos projéteis fossem tapados antes de se continuar a viagem.

— Mas quem nos terá feito isto? — repetia sempre Carcante.

— Talvez o guarda que nunca encontramos — respondeu Vargas. — E talvez também algum sobrevivente da Century que esse guarda tenha salvo. Porque, enfim, para mandar balas é necessário uma peça e aquela não caiu da Lua.

— Evidentemente — aprovou Carcante. — Não há dúvida de que provém da galera. Foi pena que não a encontrássemos nós.

— Não se trata agora disso — interrompeu Kongre, de repente. — Trata-se de fazer os consertos o mais depressa possível!

Efetivamente o que havia a fazer não era discutir as circunstâncias do ataque contra a escuna, era proceder aos consertos necessários.

Em rigor, podia-se levar para o pé da praia oposta da baía no pico Diegos. Bastaria uma hora para isso. Mas naquele sítio estaria muito exposta aos ventos do largo e até ao pico Several a costa não apresentava abrigo nenhum. Ao primeiro sinal de mau tempo quebrava-se logo de encontro aos recifes.

Kongre resolveu-se, pois, a voltar naquela mesma tarde para o fundo da baía de Elgor, onde o trabalho se poderia fazer com toda a segurança e o mais rapidamente possível.

Mas naquele momento a maré descia e não se podia fazer nada. Era forçoso esperar pela maré, que não viria senão daí a três horas.

Ora a Carcante começava a andar com muita força, levada pelas ondas, e seria arrastada até ao pico Several, em risco de se encher de água. Já se ouvia o ruído que ela fazia entrando pelos buracos do casco a cada balanço mais acentuado.

Kongre teve de se resignar a deitar ferro perto do pico Diegos.

Em suma, a situação era muito inquietadora. Chegava a noite e em breve seria profunda a escuridão.

Era preciso todo o conhecimento que Kongre tinha daquelas paragens para não encalhar num dos muitos recifes que impedem a entrada da costa.

Finalmente, às dez horas, veio a maré alta.

Levantou-se ferro e antes da meia-noite a Carcante, depois de ter corrido muitos perigos, estava de volta ao seu antigo ancoradouro na angra da baía de Elgor.

Capítulo XIII

DURANTE TRÊS DIAS

Pode imaginar-se o grau de desespero a que tinham chegado Kongre, Carcante e os companheiros.

No próprio momento em que iam definitivamente sair da ilha, aquele obstáculo fizera-os parar!... E daí a quatro dias, ou talvez menos, o aviso podia-se apresentar na baía de Elgor!...

Por certo que, se as avarias da escuna fossem menos graves, Kongre não teria hesitado em ir para outro ancoradouro. Teria ido, por exemplo, refugiar-se na angra San Juan, que, por detrás do cabo, se abre profundamente na costa setentrional da ilha. Mas no estado em que o navio estava, seria loucura querer ir tão longe; a escuna afundava-se antes de lá chegarem. Na parte do percurso que seria obrigada a fazer de vento em popa, não tardaria a encher-se de água e pelo menos a carga ficaria irremediavelmente perdida.

Era, pois, necessário voltar para a angra e Kongre não teve remédio senão resignar-se a isso.

Naquela noite ninguém dormiu a bordo. Os homens tiveram de estar de quarto e cingir-se a uma vigilância de todos os instantes.

Quem sabia se não se daria novo ataque? Se um bando numeroso, superior ao de Kongre, tinha desembarcado recentemente nalgum outro ponto da ilha?... Se a presença daquela quadrilha de piratas fora afinal conhecida em Buenos Aires e se o Governo argentino procurava destruí-la?

Sentados à ré, Kongre e Carcante conversavam a respeito de tudo isto, ou, para melhor dizer, só o segundo falava, porque Kongre estava muito absorto e não lhe respondia senão por palavras breves.

Fora Carcante que emitira primeiro esta hipótese: a vinda à ilha dos Estados de soldados para perseguirem Kongre e os seus companheiros. Mas, admitindo que não houvesse conhecimento desse desembarque, não era assim que uma tropa regular procederia. Atracaria francamente, ou então, se lhe tivesse faltado tempo para isso, teria à entrada da baía muitas embarcações que apresariam a escuna, ou à viva força por meio de abordagem, ou depois de a pôr na impossibilidade de continuar o seu rumo. Em todo o caso, não se teria escondido depois de uma única escaramuça, como faziam aqueles assaltantes desconhecidos, cuja prudência demonstrava serem muito fracos.

Carcante abandonou, pois, esta hipótese e voltou à suposição que Vargas emitira.

— Sim, os que deram os tiros tinham unicamente em mira impedir que a escuna saísse da ilha e, se são muitos, é porque alguns homens da Century escaparam da morte... Encontraram talvez esse guarda e souberam por ele que o aviso chegava brevemente... Aquela peça encontraram-na eles nos salvados!

— O aviso ainda aqui não está — disse Kongre, com uma voz que a cólera fazia tremer. — Antes de ele voltar, a escuna já há-de estar longe.

Efetivamente, era muito improvável, admitindo que o guarda do farol tivesse encontrado alguns naufragos da Century, que eles fossem mais de dois ou três, o muito. Como se podia admitir que um temporal tão violento tivesse poupado mais vidas?

E que poderia fazer aquele punhado de homens contra um bando numeroso e bem armado? Depois de concertada, a escuna havia de se fazer de vela e ir para o largo, seguindo, desta vez, pelo meio da baía. O que se fizera da primeira vez não se podia fazer da segunda.

Era, pois, apenas questão de tempo.

Quantos dias duraria o novo conserto?

Não houve nenhuma novidade naquela noite e no dia seguinte a tripulação deitou-se ao trabalho.

Primeiro tiraram parte da carga que estava no porão, a bombordo. Foi preciso meio dia para levar todos aqueles objetos para a coberta. Demais, não seria necessário desembarcar a carga nem levantar a escuna no banco de areia. Como os buracos das balas estavam um pouco acima da linha de flutuação, encostando a canoa ao pé do costado do navio, podiam tapá-los sem custo. O essencial era que o cavername não estivesse deteriorado pelos projéteis.

Kongre e o carpinteiro desceram então ao porão e viram o seguinte: As duas balas só tinham atingido o costado, atravessando-o quase à mesma altura, e encontraram-nas quando se tirou a carga. Passaram ao de leve pelas cintas, sem lhes comprometerem a solidez. Os buracos, a dois ou três pés um do outro, pareciam feitos à serra. Podiam ser tapados hermeticamente, com buchas, sem grande trabalho.

Em suma, as avarias não eram grandes. Não comprometiam o bom estado do casco e iam ser consertadas prontamente.

— Quando? — perguntou Kongre.

— Vou preparar as travessas de dentro para se porem esta tarde — respondeu Vargas.

— E as buchas?

— Fazem-se amanhã de manhã e também se põem à tarde.

— Então poderemos arrumar a carga de noite e partir depois de amanhã?

— Por certo — declarou o carpinteiro.

Bastariam quarenta horas para aqueles consertos e a partida da Carcante só seria demorada dois dias.

Carcante perguntou então a Kongre se, de manhã ou de tarde, não tencionava ir ao cabo San Juan.

— Para ver o que se passa — disse ele.

— Para quê? —olveu Kongre. — Não sabemos com quem tratamos. Era preciso irmos dez ou doze e por conseguinte não deixarmos senão dois ou três homens de guarda à escuna. E quem sabe o que sucederia durante a nossa ausência?

— É verdade — concordou Carcante —; e, depois, que ganharíamos com isso?

Deixemos lá os que atiraram sobre nós. Que vão fazer com que os enforcem noutra parte! O que importa é sairmos da ilha o mais depressa possível.

— Depois de amanhã de manhã já estaremos no mar — declarou Kongre.

Havia todas as probabilidades de que o aviso, que só devia chegar daí a alguns dias, não viesse antes de eles partirem.

Demais, se Kongre e os seus companheiros tivessem ido ao cabo San Juan, não encontrariam sinais de Vasquez e de John Davis.

Eis o que se passara: Na tarde da véspera, a proposta que John Davis fizera ocupou-os a ambos até à noite.

O sítio que escolheram para montar a peça foi no recanto da penedia. Entre os rochedos que havia ali, John Davis e Vasquez puderam pôr facilmente o suporte, mas custou-lhes muito a levar a peça para lá.

Foi preciso tirá-la da areia e depois atravessar um espaço cheio de cabeços, onde não era possível puxar por ela. Tiveram de a levantar com alavancas, o que levou tempo e os cansou muito.

Eram quase seis horas quando a peça foi posta no suporte de maneira que se pudesse apontar para a entrada da baía.

John Davis carregou-a, introduziu-lhe um grande cartucho, com uma bucha de folhas secas, pondo-lhe a bala por cima, e depois escorvou-a.

Faltava só dar-lhe fogo na ocasião propícia.

John Davis disse então a Vasquez:

— Refleti muito no que convém fazer. Não devemos meter a escuna a pique. Todos aqueles patifes

nadavam para a praia e talvez nós não lhes pudéssemos escapar: O essencial é que sejam obrigados a voltar para o ancoradouro e ficarem aí alguns dias.

— Sim — admitiu Vasquez —, mas o rombo de uma bala pode consertar-se só numa manhã.

— Não pode — respondeu John Davis — porque hão-de ser obrigados a mudar a carga para outro sítio. Calculo que isso deve durar quarenta e oito horas, pelo menos, e já estamos a 28 de fevereiro.

— E se o aviso não chegar senão daqui a uma semana — objetou Vasquez. — Não seria melhor atirar à mastreação do que ao acaso?

— Evidentemente, Vasquez; sem o mastro de mezena ou o mastro grande (e não me parece que os pudessem substituir), a escuna ficaria aqui por muito tempo. Mas acertar num mastro é mais difícil do que no casco, e é preciso que as nossas balas não falhem.

— Sim, tanto mais que, se aqueles miseráveis não saírem senão na maré da tarde, o que é provável, já não se há-de ver muito. Faça como entender melhor, Davis.

Estando tudo preparado, Vasquez e o companheiro só tiveram de esperar e puseram-se ao lado da peça, prontos para disparar logo que a escuna lhes passasse ao alcance.

Sabe-se qual foi o resultado dos tiros e em que condições a Carcante teve de voltar para o ancoradouro.

John Davis e Vasquez não saíram do mesmo sítio enquanto não o viram voltar para o fundo da baía.

E, agora, mandava-lhes a prudência que procurassem refúgio em qualquer outro ponto da ilha.

Efetivamente, como Vasquez dissera, talvez no dia seguinte Kongre e uma grande parte dos seus homens fossem ao cabo San Juan. Talvez os quisessem perseguir.

Tomaram rapidamente a sua resolução.

Era saírem da gruta e procurarem, a uma ou duas milhas dali, outro abrigo situado de forma que pudessem ver todos os navios que chegassem pelo norte.

Se o Santa Fé aparecesse faziam-lhe sinais, depois de irem ao cabo San Juan. O comandante Lafayette mandava uma lancha, recolhia-os a bordo e era informado da situação; então resolvia-se tudo, quer a escuna ainda estivesse na angra, quer o que era, infelizmente, possível já se tivesse feito ao mar.

— Queira Deus que isso não aconteça! — diziam John Davis e Vasquez.

Pelo meio da noite puseram-se ambos a caminho, levando as provisões, as armas e uma reserva de pólvora.

Seguiram pela praia pouco mais ou menos umas seis milhas, contornando a enseada San Juan. Depois de muito procurarem, acabaram por descobrir, do outro lado daquele golfo, uma cavidade que bastaria para os abrigar até à chegada do aviso.

Demais, se a escuna saísse, poderiam voltar para a gruta.

Vasquez e John Davis ficaram todo o dia em observação.

Enquanto a maré enchia, sabiam eles que não podia sair a escuna, e não se inquietavam. Mas, com a vazante, voltava-lhes o receio de que eles acabassem os consertos naquela noite.

Quando a partida fosse possível Kongre não a demoraria certamente nem uma hora.

Era tanto o seu terror de ver aparecer o Santa Fé como a vontade que John Davis e Vasquez tinham de que ele viesse.

Estes ao mesmo tempo vigiavam o litoral. Mas nem Kongre nem nenhum dos seus companheiros apareceram:

Como se sabe, Kongre tinha resolvido não perder tempo com buscas que seriam por certo inúteis. O melhor que tinha a fazer, e que fazia, era ativar o trabalho e acabar os consertos o mais depressa possível.

Como dissera o carpinteiro Vargas, as travessas estavam prontas de tarde e no dia seguinte tudo estaria concluído.

Vasquez e John Davis não tiveram nenhum alarme naquele dia.

Mas como lhes pareceu longo!

De tarde, depois de terem a certeza de que a escuna ainda não tinha saído, foram meter-se no seu esconderijo, onde o sono lhes deu um descanso de que muito precisavam.

No dia seguinte estavam de pé ao amanhecer.

A primeira coisa que fizeram foi olhar para o mar.

Não se via navio nenhum.

O Santa Fé não aparecia e não havia o mais pequeno sinal de fumo no horizonte.

A escuna iria partir na maré da manhã?

Começava a vazante. Se a aproveitasse, daí a uma hora teria dobrado o cabo San Juan.

John Davis não podia pensar em recomeçar a tentativa da véspera.

Kongre devia estar precavido. Passaria de longe e as balas não poderiam alcançar a escuna.

Compreendem-se as impaciências e inquietações em que estiveram John Davis e Vasquez até ao fim daquela maré. Afinal, pelas sete horas, veio a maré. Kongre já não podia sair senão na maré da tarde.

O tempo estava bom e o vento conservava-se a nordeste.

O mar já não se ressentia do último temporal.

O Sol brilhava entre nuvens leves, muito elevadas, que a brisa não alcançava.

Foi mais um dia interminável para Vasquez e John Davis.

Também não houve rebate nenhum.

A quadrilha não tinha saído da angra. Parecia pouco provável que qualquer dos piratas se afastasse de lá, de manhã ou de tarde.

— Isto prova que aqueles patifes estão a trabalhar — afirmou Vasquez.

— Sim! Apressam-se — acrescentou John Davis. — Daqui a pouco têm tudo pronto e podem sair.

— Talvez saiam esta noite... embora a maré seja tarde — lembrou Vasquez. — É verdade que eles conhecem a baía. Não precisam de luz para a alumiar. Subiram-na na noite passada e, se a descerem esta noite, vão-se de todo.

E concluiu, com desespero: — Que pena que os mastros deles não quebraram!

— Que quer, Vasquez? — respondeu Davis —, fizemos tudo o que pudemos!... Deus que faça o resto!

— Nós o ajudaremos! — proferiu por entre os dentes Vasquez, que pareceu tomar de repente uma resolução enérgica.

John Davis continuava pensativo e andava de um lado para outro na praia, com os olhos voltados para o norte. Nada no horizonte... nada!

De repente, parou. Chegou ao pé do companheiro e propôs-lhe: — Vasquez... e se nós fôssemos ver o que eles estão fazendo?

— Lá no fundo da baía, Davis?

— Sim... Veríamos se a escuna está consertada... se se apronta para sair.

— E para que nos serviria isso?

— Para saber, Vasquez? — exclamou John Davis. — Morro de impaciência. Não consigo me conter... Não está mais na minha mão!

E realmente o pobre homem já não era senhor de si.

— Vasquez — continuou ele —, que distância há daqui ao farol?

— Três milhas, no máximo, passando as colinas e indo em linha reta até o fundo da baía.

— Pois vou lá, Vasquez... Às quatro horas... chegarei antes das seis... alcançarei o mais longe que me for possível. Ainda será dia... mas ninguém me verá... e eu... hei de ver!

Seria inútil querer dissuadi-lo. Vasquez não o tentou. O companheiro recomendou:

— Ficará aqui e vigiará o mar. Eu voltarei antes da noite. Irei sozinho.

Vasquez respondeu, como quem já tem o seu plano: — Acompanho-o, Davis. Também tenho vontade de dar uma volta pelos lados do farol.

Estava resolvido e havia de se fazer.

Nas horas que se haviam de passar até eles partirem, Vasquez, deixando o companheiro sozinho na praia, isolar-se-ia na cavidade que lhes tinha servido de refúgio e entregar-se-ia a trabalhos misteriosos.

O imediato da Century surpreendeu-o uma vez afiando a navalha num pedaço de rocha e outra vez a rasgar uma camisa em tiras, enrolando-as depois à maneira de corda bamba.

Vasquez respondeu evasivamente às perguntas que ele lhe fez, dizendo que à tarde se explicaria melhor.

John Davis não insistiu.

Às quatro horas, depois de comerem uma bolacha e um bocado de carne salgada, puseram-se os dois a caminho, armados de revólveres. Um barranco estreito facilitou-lhes a subida das colinas e chegaram acima sem custo.

Diante deles estendia-se uma planície árida, onde só cresciam alguns tufos de bérberis. Não se via uma única árvore. Algumas aves marinhas, dando gritos estridentes, voavam aos bandos, fugindo para o sul.

A direção que tinham a seguir para chegarem ao fundo da baía estava indicada por si própria.

— É ali — indicou Vasquez.

E apontava para o farol, que se levantava a menos de duas milhas.

— Vamos! — respondeu John Davis.

Caminhavam ambos a passo rápido. Só tinham de tomar algumas precauções nas proximidades da angra.

Depois de meia hora de caminho pararam, arquejantes.

Mas não sentiam a fadiga.

Faltava ainda andar meia milha.

Era preciso muita prudência, porque Kongre ou um dos seus homens podiam estar em observação na galeria do farol e àquela distância haviam de ser vistos.

Como o tempo estava claro, a galeria via-se perfeitamente. Não estava lá ninguém naquele momento, mas talvez Carcante ou outro qualquer estivessem no quarto de vigia, de onde, pelas janelas estreitas, que davam para todos os pontos cardeais, se podia ver a ilha numa grande extensão.

John Davis e Vasquez meteram-se por entre as rochas, que estavam dispersas aqui e ali, numa confusão caótica.

Passavam de uma para a outra, indo a um de fundo e às vezes de rastos para atravessarem um espaço descoberto. Demoraram-se muito com esta caminhada.

Eram quase seis horas quando chegaram ao último ressalto das colinas que enquadravam a angra.

Olharam para baixo.

Não era possível que os vissem, a não ser que algum dos homens da quadrilha subisse a colina. Nem do alto do farol os poderiam ver, no meio das rochas com que se confundiam.

A escuna estava na angra, em muito bom estado.

A tripulação ocupava-se em levar para o porão parte da carga que viera para cima durante os concertos. A lancha estava à ré, o que indicava que se tinha acabado o trabalho.

— Estão prontos — murmurou John Davis, comprimindo a cólera quase a estalar.

— Quem sabe se irão aparelhar antes da maré, daqui a duas ou três horas?

— E não se pode fazer nada... nada! — repetia John Davis. Efetivamente, o carpinteiro Vargas cumprira a sua palavra.

Tudo fora feito rapidamente e não havia sinal nenhum da avaria.

Tinham bastado aqueles dois dias. A Carcante estava em estado de agüentar o mar.

Mas o tempo foi passando, o Sol baixou, desapareceu, e fez-se noite sem haver indício nenhum que

indicasse a próxima partida da escuna.

Do seu abrigo, Vasquez e John Davis ouviam a bulha que os homens faziam. Eram risadas, gritos, pragas, o ruído dos fardos que arrastavam para a coberta. Às dez horas ouviram claramente fechar-se uma porta. Depois, completo silêncio.

Davis e Vasquez esperaram, com o coração oprimido.

Por certo, como tinham acabado os trabalhos, iam fazer-se ao mar.

Mas não, a escuna continuava no fundo da angra.

Passou-se uma hora.

O imediato da Century pegou a mão de Vasquez e disse:

— A maré vai mudar.

— Não podem sair.

— Hoje não. Mas amanhã?...

— Nem amanhã, nem nunca — asseverou Vasquez.

E acrescentou, saindo do refúgio em que estavam de emboscada:

— Venha comigo.

Davis, muito admirado, acompanhou Vasquez, que avançava prudentemente para o farol. Em poucos instantes chegaram ao outeiro que servia de pedestal à torre. Ali, Vasquez, depois de procurar por pouco tempo, deslocou uma rocha, que girou sem grande esforço.

— Meta-se aí dentro — ordenou ele a Davis, apontando-lhe para a parte de baixo do rochedo. — Descobri este esconderijo por acaso quando estava no farol e nem suspeitava de que me havia de servir dele um dia. Não é uma caverna, é um simples buraco em que mal poderemos caber os dois. Mas podem passar mil vezes por diante da nossa porta sem saberem que a casa está habitada.

Davis, obedecendo ao convite, meteu-se na cavidade, onde Vasquez logo entrou também. Apertados um contra o outro, a ponto de não se poderem mexer, falavam a meia voz.

— O meu plano é este — declarou Vasquez. — Vai esperar aqui por mim.

— Esperar por você? — perguntou Davis.

— Sim; vou à escuna.

— À escuna! — repetiu Davis, estupefato.

— Resolvi que aqueles patifes não hão de sair daqui — afirmou Vasquez com firmeza.

Tirou de dentro da camisa dois embrulhos e uma navalha.

— Isto — explicou ele — é um cartucho que fiz com a nossa pólvora e um pedaço de camisa. Com o outro pedaço da camisa e o resto da pólvora, fabriquei esta mecha. Ponho tudo na cabeça e vou a nado até a escuna. Subo pelo comprimento do leme e com esta navalha faço uma abertura entre ele e o cadaste. Ponho o cartucho nessa abertura, acendo a mecha e me retiro. É o meu projeto, que nada no mundo me impedirá de cumprir.

— É maravilhoso! — exclamou John Davis, entusiasmado. — Mas não o deixarei se expor sozinho a um perigo desses. Vou acompanhá-lo.

— Para quê? — replicou Vasquez. — Um homem passa melhor pelos lugares quando vai só, e um homem basta para o que eu quero fazer.

Por mais que Davis insistisse, Vasquez foi inflexível. A idéia dele queria executá-la sozinho. A seu pesar, Davis teve de ceder.

Quando a noite estava mais escura, Vasquez, depois de se despir, trepou para fora da cavidade e começou a descer a ladeira da colina.

Chegando ao mar, atirou-se à água e nadou vigorosamente para a escuna, que se balançava frouxamente a pouca distância da praia.

À proporção que ele se aproximava, o conjunto do navio tornava-se mais negro e mais imponente.

Ninguém se movia a bordo, mas por certo estavam de vela.

Daí a pouco o nadador viu perfeitamente o perfil do marinheiro de guarda. Sentado no castelo de proa, com as pernas pendentes ao de cima da água, o homem assobiava uma cantiga marítima cujas notas se ouviam claramente no silêncio da noite.

Vasquez descreveu uma curva e, aproximando-se do navio pela ré, ficou invisível na sombra projetada pelo arqueamento.

O leme arredondava-se por cima dele. Pegou-lhe na superfície viscosa e, à custa de esforços sobre-humanos, pôde levantar-se, agarrando-se à ferragem. Depois, escarranchando-se, apertou-o entre os joelhos.

Com as mãos livres, pegou no saco que levava à cabeça e, segurando-o nos dentes, viu o que tinha dentro.

A navalha começou logo a trabalhar; o buraco ia-se fazendo cada vez mais largo e mais fundo.

Depois de uma hora de trabalho, a folha saiu do outro lado. Vasquez meteu dentro o cartucho, adaptou-lhe a mecha e depois procurou o fuzil no fundo do saco.

Naquele momento os joelhos afrouxaram-lhe. Sentiu-se escorregar e isso era a perda irremediável da sua tentativa. Se o fuzil se molhasse, não feria lume.

No movimento involuntário que fez para recuperar o equilíbrio, o saco oscilou e a navalha, que já estava dentro, caiu ao mar, fazendo saltar a água com ruído.

O homem de guarda deixou de assobiar. Vasquez ouviu-o descer e ir primeiro à coberta e depois ao tombadilho. Viu desenhar-se-lhe a sombra na superfície do mar.

O marinheiro procurava por certo discernir a causa do ruído insólito que lhe atraía a atenção. Ficou assim por muito tempo, enquanto Vasquez, com as pernas retesadas e as unhas crispadas na madeira viscosa, sentia faltarem-lhe as forças a pouco e pouco.

Afinal, sossegado pelo silêncio que havia, o marinheiro afastou-se e, voltando para a proa, continuou a assobiar:

Vasquez tirou o fuzil do saco e bateu na pedra. Saíram algumas faíscas. A mecha, acesa, começou a crepitar dissimuladamente.

Vasquez, deixando-se escorregar, entrou novamente na água e, nadando em silêncio, fugiu para terra.

No seu esconderijo, onde tinha ficado sozinho, o tempo parecia interminável a John Davis:

Passaram-se meia hora, três quartos de hora, uma hora; e Davis, sem se poder conter, saiu de rastos da cavidade e olhou ansiosamente para o mar.

Que podia ter sucedido a Vasquez? Abortaria a sua tentativa? Em todo o caso, não devia ter sido descoberto; porque não se ouvia ruído nenhum.

De repente, repercutida pelo eco da colina, rebentou uma explosão sumida no silêncio da noite, explosão que foi imediatamente seguida por um concerto ensurdecido de gritos e de bater de pés.

Alguns instantes depois, um homem, todo sujo de água e de lama, chegava a correr, empurrava Davis, metia-se no fundo do esconderijo e deixava cair o rochedo que lhe ocultava a entrada.

Quase a seguir passou um grupo de homens gritando. Os sapatos grossos, batendo com grande ruído nos rochedos, não conseguiam encobrir-lhes as vozes.

— Depressa! — dizia um. — Temos que pegá-lo.

— Vi-o como estou vendo a ti — dizia outro. — Está sozinho.

— Não nos leva cem metros de dianteira.

— Ah! Canalha! Havemos de apanhá-lo.

O ruído foi diminuindo até se extinguir de todo.

— Pronto? — perguntou Davis, em voz baixa.

— Sim.

— Parece-lhe que deu resultado?

De manhã, um estrondo de martelos que se ouviu fez desaparecer todas as incertezas.

Se trabalhavam assim a bordo da escuna, era porque tinha avarias e a tentativa de Vasquez dera bom resultado. Mas a importância dessas avarias era o que nem um nem outro podiam saber.

— Deus queira que sejam tão graves que os façam estar mais um mês na baía! — exclamou Davis, esquecendo-se de que, nesse caso, o seu companheiro e ele morreriam de fome no sconderiço.

— Silêncio! — murmurou Vasquez, pegando-lhe a mão.

Aproximava-se outro grupo, mas este vinha silencioso. Era talvez o mesmo, que voltava da caçada infrutífera. Fosse como fosse, os homens que o compunham não pronunciavam uma palavra.

Só se lhes ouvia o ruído dos sapatos batendo no chão.

Toda a manhã Vasquez e Davis ouviram-nos assim andar em redor deles.

Passavam bandos em perseguição do invisível assaltante, mas, à proporção que as horas decorreram, essa perseguição pareceu afrouxar.

Havia já muito tempo que nada perturbava o silêncio; pelo meio-dia, porém, pararam três ou quatro homens a dois passos da cavidade onde Davis e Vasquez estavam agachados.

— Decididamente, não somos capazes de o encontrar! — declarou um deles, sentando-se no próprio rochedo que obstruía o orifício.

— É melhor deixarmo-nos disso — afirmou outro. — Os nossos companheiros já foram para bordo.

— E nós vamos fazer o mesmo. De mais a mais, o patife errou o golpe.

Vasquez e Davis, que estavam invisíveis, estremeceram e aplicaram os ouvidos ainda com mais atenção.

— Sim — aprovou um quarto interlocutor. — Vejam lá, queria fazer o leme ir pelos ares!

— A alma e o coração de um navio!

— Fazia-nos uma boa partida!

— Foi uma felicidade o cartucho rebentar onde não fez quase mal nenhum. Só arrancou alguma ferragem e o leme pouco sofreu.

— Fica tudo consertado hoje — continuou o primeiro que tinha falado. — E esta tarde, antes da maré, toca a marchar! O outro que morra de fome, se quiser!

— Ainda não achas tempo, Lopez? — interrompeu brutalmente uma voz áspera. — Já é falar de mais. Vamo-nos.

— Vamo-nos! — disseram os outros três, pondo-se a caminho.

No esconderiço onde estavam metidos, Vasquez e Davis, aterrados pelo que acabavam de ouvir, olhavam um para o outro em silêncio.

Aos olhos de Vasquez assomaram duas grossas lágrimas e deslizaram-lhe pelas pestanas, sem que o rude marinheiro se importasse com ocultar aquele testemunho do seu impotente desespero.

Aí estava o resultado irrisório da sua heróica tentativa: Doze horas de demora suplementar era a que se reduzia o prejuízo que os piratas tinham sofrido. À tarde, feitos todos os consertos, a escuna havia de afastar-se pelo vasto mar e desapareceria no horizonte!

O ruído dos martelos que se ouvia provava que Kongre fazia trabalhar com ardor para porem a Carcante em bom estado.

Às cinco horas e um quarto, com grande desespero de Vasquez e de Davis, esse ruído cessou de repente. Compreenderam que a última pancada do martelo tinha completado o trabalho. Alguns minutos depois, o ranger da corrente no escovém confirmou esta hipótese. Kongre punha o ferro a prumo. Aproximava-se o instante da partida.

Vasquez não se pôde conter: Fazendo girar o rochedo, arriscou prudentemente um olhar para fora.

Para oeste, o Sol declinava, alcançando o cume das montanhas que limitavam a vista. Naquela data, próximo do equinócio do Outono; não levaria uma hora a desaparecer.

A escuna continuava fundeada na angra.

Já não tinha sinal nenhum das avarias que sofrera. Tudo parecia estar em regra a bordo. A corrente,

vertical como Vasquez supusera, mostrava que bastaria um último esforço para levantarem ferro quando quisessem.

Vasquez, esquecendo-se de toda a prudência, tinha deitado meio corpo fora da cavidade: Davis, por detrás dele, encostava-se-lhe ao ombro. Ambos, arquejantes, olhavam para fora.

A maior parte dos piratas tinha já ido para bordo.

Entre os que ainda estavam em terra, Vasquez conheceu perfeitamente Kongre, que se encontrava no recinto do farol com Carcante.

Cinco minutos depois separaram-se e Carcante dirigiu-se para a porta do anexo.

— Cuidado — recomendou Vasquez em voz baixa. — Vai por certo subir ao farol.

Ambos se deixaram escorregar para o fundo do esconderijo. Efetivamente, Carcante subia pela última vez ao farol.

A escuna ia partir daí a um instante e ele queria observar o horizonte, para ver se aparecia algum navio à vista da ilha.

A noite havia de estar serena; o vento abrandara com a tarde e isto prometia bom tempo ao nascer do Sol.

Quando Carcante chegou à galeria, John Davis e Vasquez viram-no muito distintamente. Andava em volta dela, girando a luneta para todos os pontos do horizonte.

De repente saiu-lhe da boca um urro formidável.

Kongre e os outros piratas levantaram a cabeça na sua direção.

Com voz que todos ouviram, Carcante gritava:

— O aviso!... O aviso!

Capítulo XIV

O AVISO SANTA FÉ

Não se pode descrever a agitação que então se produziu no fundo da baía.

Aquele grito, o aviso!... o aviso!..., tinha caído como um raio, como uma sentença de morte na cabeça daqueles miseráveis.

O Santa Fé era a justiça que chegava à ilha, era o castigo de tantos crimes, a que não poderiam escapar!

Mas Carcante não se teria enganado?

O navio que se aproximava seria o aviso da marinha argentina? Viria com destino à baía de Elgor? Não se dirigiria simplesmente para o estreito de Lemaire, ou para o pico Several para passar ao sul da ilha?

Apenas Kongre ouviu o grito de Carcante, subiu correndo ao cimo do outeiro, precipitou-se para a escada do farol e chegou à galeria em menos de cinco minutos.

— Onde está esse navio? — perguntou ele.

— Ali... a nor-nordeste.

— A que distância?

— Duas milhas, pouco mais ou menos.

— Então não pode chegar à entrada da baía antes da noite?

— Não.

Kongre tinha pegado na luneta.

Olhou para o navio com extrema atenção, sem pronunciar uma palavra.

Era um navio a vapor. Via-se-lhe sair o fumo em espirais espessas, indicando que vinha com toda a

força.

Kongre e Carcante não podiam duvidar de que fosse o aviso. Tinham visto muitas vezes o navio argentino durante os trabalhos de construção, quando vinha para a ilha dos Estados ou quando saía de lá. Além disso, aquele navio dirigia-se diretamente à baía. Se o capitão quisesse ir para o estreito de Lemaire teria navegado mais para oeste, e mais para sul se pretendesse passar ao largo do pico Several.

— Sim — afirmou Kongre afinal —, é efetivamente o aviso!

— Maldito azar que nos reteve aqui! — exclamou Carcante. — Se não fossem aqueles patifes, que nos fizeram demorar por duas vezes, já estaríamos ao largo, no Pacífico.

— Agora não serve de nada estarmos a falar nisso — replicou Kongre. — É preciso tomar uma resolução.

— Qual?

— Levantar ferro.

— Quando?

— Imediatamente.

— Mas antes de nos encontrarmos longe, o navio estará pelo través da baía.

— Sim... mas ficará fora.

— Porquê?

— Porque não poderá ver a luz do farol e não se arriscará a navegar para a angra no meio da escuridão.

Este raciocínio, muito lógico, que Kongre fazia, também John Davis e Vasquez o tinham feito.

Não queriam sair de onde estavam enquanto pudessem ser vistos da galeria. No seu estreito esconderijo, exprimiam exatamente a mesma idéia que o chefe dos piratas.

O Farol já devia ter sido aceso, porque o Sol acabava de desaparecer. Não lhe vendo a luz, embora provavelmente conhecesse a ilha, o comandante Lafayate não hesitaria em continuar o seu rumo?... Não podendo encontrar explicação para isso, ficaria talvez toda a noite a cruzar ao largo.

Já tinha entrado umas dez vezes na baía de Elgor, mas só de dia, e, sem ter agora o farol para lhe indicar o caminho, por certo que não se arriscaria a entrar naquela baía escura. Demais, devia pensar que na ilha se tinham dado acontecimentos graves, visto os guardas não estarem no seu posto.

— Mas — lembrou então Vasquez —, se o comandante não viu a terra e continua a navegar com esperança de avistar o farol, não lhe poderá acontecer o mesmo que á Century? Não poderá vir dar à costa nos recifes do cabo San Juan?

John Davis apenas respondeu com um gesto evasivo.

Era verdade. Podia dar-se a eventualidade de que Vasquez falava. O vento não era de temporal e o Santa Fé não estava na situação da Century; mas, enfim, era possível uma catástrofe.

— Vamos ao litoral — tornou Vasquez. — Daqui a duas horas estaremos no cabo.

Talvez ainda seja tempo de acendermos uma fogueira para indicar a terra.

— Não — objetou John Davis —, já seria muito tarde. Antes de uma hora talvez o aviso esteja à entrada da baía.

— Que havemos então de fazer?

— Esperar.

Eram mais de seis horas e o crepúsculo começava a envolver a ilha.

Os preparativos da partida faziam-se com a maior atividade a bordo da Carcante.

Kongre queria sair a todo o custo.

Devorado pela inquietação, resolvera levantar ferro imediatamente. Se não o fizesse senão na manhã da manhã, expunha-se a encontrar o aviso.

Vendo sair aquele navio, o comandante Lafayate não o deixaria passar. Daria ordem para o apanharem e interrogaria o seu capitão. Certamente queria saber porque não estava aceso o farol. A

presença da Carcante havia de parecer-lhe, com razão, suspeita. Depois de fazer parar o navio, iria a bordo, chamaria Kongre, examinaria a tripulação e, só por ver as caras daqueles homens, teria as mais legítimas suspeitas. Obrigaria o navio a virar de bordo, a segui-lo e não o deixaria sair sem obter informações mais amplas.

Então, quando o comandante do Santa Fé não encontrasse os três guardas do farol, não poderia explicar a sua ausência senão por um atentado de que tivessem sido vítimas. E não seria levado a crer que os autores desse atentado deviam ser os homens desse navio que lhe queria fugir?

E ainda se podia dar outra complicação.

Visto que Kongre e a sua quadrilha tinham avistado o Santa Fé ao largo, não era provável, certo até, que o tivessem também visto os que, por duas vezes, tinham atacado a Carcante quando ela ia a sair da baía?

Aqueles inimigos desconhecidos seguiriam todos os movimentos do aviso, estariam lá quando ele chegasse à angra e se, como havia razão para pensar, estava entre eles o terceiro guarda, Kongre e os companheiros não poderiam escapar ao castigo dos seus crimes.

Kongre encarou logo todas estas eventualidades e as suas conseqüências. Por isso tinha só uma coisa a fazer: levantar ferro imediatamente, e como o vento, que soprava do norte, era favorável, aproveitar a noite para chegar ao largo, a todo o pano.

Então a escuna teria o oceano diante de si. Podia ser que o aviso, na impossibilidade de ver o farol e não se querendo aproximar da terra no meio das trevas, estivesse, naquele momento, muito distante da ilha dos Estados.

Se fosse preciso, para mais prudência ainda, em vez de se dirigir para o estreito de Lemaire, Kongre navegaria para o sul, iria dobrar o pico Several e depois esconder-se atrás da costa meridional. Por isso, apressava as manobras.

John Davis e Vasquez, compreendendo o plano dos piratas, procuravam uma idéia para o impedirem e, desesperados, sentiam que o não podiam fazer!

Às sete horas e meia Carcante chamou os poucos homens que ainda estavam em terra. Logo que a tripulação se achava toda a bordo, içou-se a lancha e Kongre mandou levantar ferro.

John Davis e Vasquez ouviram o ruído das manobras.

Ao fim de cinco minutos estava tudo pronto e a escuna começou a sua evolução.

Tinha todas as velas erguidas, para não perder nada da brisa que ia enfraquecendo.

Saiu lentamente da angra e, para receber melhor o vento, conservou-se no meio da baía.

Mas em breve a navegação se tornou muito difícil.

Como a maré estava quase na vazante, a corrente não favorecia a escuna, e naquele andamento, com três quartos de largo, não adiantava caminho. Talvez até o perdesse quando viesse a maré, daí a duas horas.

Calculando as coisas pelo melhor, não estaria antes da meia-noite nas alturas do cabo San Juan.

Pouco importava isso. Não entrando o Santa Fé na baía, Kongre não se arriscava a ser encontrado. Ainda que tivesse de esperar pela maré seguinte, estaria fora dali ao nascer do dia.

A tripulação não descurava nada para apressar o andamento da Carcante, mas o navio estava desarmado contra o grande perigo que vinha do desvio no rumo.

O vento empurrava o navio pouco a pouco para a margem sul da baía de Elgor.

Kongre não conhecia bem essa margem, mas sabia que era muito perigosa por causa dos rochedos.

Uma hora depois da partida, pareceu-lhe até estar tão próximo dela que julgou prudente virar de bordo para se afastar.

Essa manobra era perigosa de executar com o vento que caía cada vez mais com a noite.

Mas era urgente. Com tudo isso, por falta de velocidade, não pôde a escuna orçar e continuou a desviar-se para a costa.

Kongre percebeu o perigo.

Só lhe restava um meio; empregou-o.

Trouxeram a lancha, desceram seis homens para ela com um cabo e, à força de remos, conseguiram fazer andar a escuna. Um quarto de hora depois pôde tomar a direção primitiva sem receio de ser atirada para os recifes do sul.

Infelizmente para a quadrilha, não havia um sopro de vento; as velas batiam de encontro aos mastros. Debalde a lancha tentaria rebocar a Carcante até à entrada da baía. Kongre ia ser obrigado a fundear naquele sítio, a menos de duas milhas da angra.

Depois daquelas manobras, John Davis e Vasquez tinham-se levantado e, descendo até quase ao mar, seguiram todos os movimentos da escuna.

Como a brisa caíra de todo, compreenderam que Kongre seria obrigado a parar, esperando pela próxima vazante. Mas sempre teria tempo, antes da madrugada, de chegar à entrada da baía, e havia grandes probabilidades de sair sem que o vissem.

— Temo-lo seguro! — exclamou de repente Vasquez.

— Como? — perguntou John Davis.

— Venha... Venha!

Vasquez levou rapidamente o companheiro na direção do farol.

Na sua opinião, o Santa Fé devia cruzar defronte da ilha. Podia até estar muito próximo dela, o que, no fim de contas, não apresentava grande perigo com aquele mar sereno.

Por certo o comandante Lafayate, muito surpreendido por não ver o farol, estava ali com pouca pressão, esperando o nascer do Sol.

Era também o que Kongre pensava; mas calculava igualmente que tinha as maiores probabilidades de desnorrear o aviso. Quando a vazante trouxesse as águas da baía para o mar, até mesmo sem precisar de vento, a Carcante continuaria a sua rota e em menos de uma hora estaria no mar alto.

Depois não se afastaria para o largo.

Bastava-lhe uma dessas brisas fracas, que não deixam de se levantar de um momento para o outro, até mesmo nas noites mais serenas, e que a corrente o levasse para o sul, para ir impunemente ao longo da costa, no meio daquela noite muito escura. Tendo dobrado o pico Several, que estava a sete ou oito milhas o muito, a escuna seria abrigada pelas rochas e não teria mais nada a recear.

O único perigo era ser vista pelos vigias do Santa Fé, se estivesse acima da baía e não nas alturas do cabo San Juan. Certamente, o comandante Lafayate, se a Carcante fosse assinalada à saída da baía, não a deixaria afastar-se, ainda que não fosse senão para interrogar o capitão a respeito do farol. Com o auxílio do vapor, alcançaria o navio fugitivo antes que ele desaparecesse por detrás das alturas do sul.

Eram mais de nove horas.

Kongre teve de fundear, esperando pela vazante. Mas ainda faltavam quase seis horas. Só às três da manhã a corrente lhe seria favorável.

A escuna fez um movimento de rotação, com a proa voltada para o largo. A lancha tornou a ser içada. Kongre, na ocasião propícia, não perderia um minuto para se pôr a caminho.

De repente, a tripulação soltou um grito que se ouviu nas duas margens da baía.

Acabava de rasgar as trevas uma grande claridade. A luz do farol, com todo o seu brilho, iluminava o mar ao longo da ilha.

— Ah! Patifes! Estão lá! — exclamou Carcante.

— Para terra! — ordenou Kongre.

Efetivamente, para escapar ao perigo imediato que o ameaçava só tinha uma coisa a fazer: desembarcar, deixando poucos homens a bordo da escuna, correr para o recinto do farol, entrar no anexo, subir a escada da torre, entrar no quarto de vigia, atirar-se ao guarda ou aos companheiros, se é que os tinha, dar cabo deles e apagar o farol. Se o aviso se tivesse posto a caminho para entrar na baía, por

certo havia de parar... Se já lá estava, tentaria sair, por não ter luz para o guiar. Na pior das hipóteses, fundearia à espera que amanhecesse.

Kongre mandou buscar a lancha.

Meteram-se nela Carcante e doze piratas, armados de espingardas, revólveres e navalhas. Num minuto chegaram à praia e correram para o farol, que estava a milha e meia de distância.

Fizeram o trajeto num quarto de hora.

Não se tinham separado uns dos outros.

Toda a quadrilha, menos os dois homens que tinham ficado a bordo, estava reunida ao pé do terraplano.

Sim... John Davis e Vasquez estavam lá.

A correr, sem tomarem precaução nenhuma, porque bem sabiam que não podiam encontrar ninguém, tinham subido o outeiro e entrado no recinto.

O que Vasquez queria era tornar a acender o farol, para que o aviso pudesse chegar à angra sem esperar pelo dia. Receava — e muito — que Kongre tivesse destruído as lentes, quebrado os lampiões e que o aparelho já não estivesse em estado de funcionar. Então a escuna, segundo todas as probabilidades, fugiria sem ser vista pelo Santa Fé.

Correram ambos para dentro, meteram-se pelo corredor, empurraram a porta da escada, tornando a fechá-la, e, correndo os ferrolhos, subiram os degraus e chegaram acima.

A lanterna estava em bom estado e os lampiões no seu lugar, ainda com torcidas e azeite desde o dia em que os tinham apagado.

Não! Kongre não tinha destruído o aparelho dióptrico da lanterna, só pensara em impedir que o farol funcionasse enquanto ele estivesse na baía de Elgor. E como poderia ter previsto as circunstâncias em que seria obrigado a sair dali?

Mas o farol tornava a brilhar. O aviso podia entrar à vontade no seu ancoradouro antigo.

Ouviram-se pancadas violentas na parte de baixo da torre. Toda a quadrilha se atirava de encontro à porta, querendo subir à galeria e apagar a luz. De boamente arriscariam as vidas para demorarem a chegada do Santa Fé.

Não tinham encontrado ninguém no terraço nem no quarto dos guardas.

Os que estavam em cima não podiam ser muitos. Facilmente dariam conta dele.

Matavam-nos, e o farol nunca mais projetaria à noite os seus raios temíveis.

Como se sabe, a porta que dava para o corredor tinha uma chapa grossa de ferro.

Era impossível forçar os ferrolhos que a fechavam e também impossível fazê-la saltar com alavancas ou com machados. Carcante, experimentando-o, logo percebeu isso. Depois de alguns esforços inúteis, foi juntar-se com Kongre e com os outros piratas.

Que haviam de fazer?

Haveria meio de subir por fora até à lanterna do farol?

Se não havia, só lhes restava fugir para o interior da ilha, para não caírem nas mãos do comandante Lafayate e da sua tripulação.

Não podiam voltar para bordo da escuna. Faltava-lhes o tempo. O aviso já devia estar na baía, dirigindo-se para a angra.

Se, pelo contrário, o farol estivesse apagado daí a alguns minutos, não só o Santa Fé não poderia continuar a navegar, mas seria obrigado a voltar para trás e talvez a escuna conseguisse passar.

Mas havia um meio de chegar lá EM cima.

— A corrente do pAra-raios! — exclamou Kongre.

Efetivamente, ao longo da torre estendia-se uma corrente metálica, segura, de três em três pés, por ganchos de ferro. Levantando-se de um para o outro, com os pulsos, era certamente possível chegar à galeria e talvez surpreender os que lá estavam.

Kongre ia tentar este meio último de salvação.

Carcante e Vargas foram adiante. Levantaram-se nos bicos dos pés, lançaram as mãos à corrente e começaram a subir um atrás do outro, esperando que não os vissem no meio da escuridão.

Chegaram finalmente ao parapeito e agarraram-se às travessas de madeira, prontos para saltar.

Naquele instante, soaram tiros de revólver.

John Davis e Vasquez estavam na defensiva.

Os dois bandidos, feridos na cabeça, largaram as mãos e foram esmagar-se no telhado do anexo.

Ouviram-se assobios ao pé do farol.

O aviso chegava à angra e o apito soltava os seus sons agudos pelo espaço.

Só restava fugir. Daí a alguns minutos, o Santa Fé estaria no seu ancoradouro.

Kongre e os seus companheiros, percebendo que nada mais podiam tentar, deitaram a correr e meteram-se pelo interior da ilha.

Um quarto de hora depois, quando o comandante Lafayate fundeava, a lanca dos guardas, que fora recuperada, chegava ao navio de guerra com alguns impulsos de remos.

John Davis e Vasquez estavam a bordo do Santa Fé.

Capítulo XV

DESFECHO

O aviso Santa Fé, trazendo a bordo os guardas que vinham render os outros à ilha dos Estados, tinha saído de Buenos Aires a 19 de Fevereiro.

Favorecida pelo vento e pelo mar, a sua viagem foi muito rápida. O grande temporal que durou perto de oito dias não passara além do estreito de Magalhães; o comandante Lafayate não lhe sentira por isso os efeitos e chegava ao seu destino com alguns dias de antecedência.

Se viesse doze horas depois, já a escuna estaria longe e não poderia perseguir Kongre e a sua quadrilha.

O comandante Lafayate não quis deixar passar a noite sem estar ao fato do que acontecera naqueles três meses na baía de Elgor.

Vasquez estava a bordo, mas os seus companheiros Filipe e Moriz não estavam com ele.

Ninguém conhecia o seu companheiro nem lhe sabia o nome.

O comandante Lafayate chamou os dois e as suas primeiras palavras foram:

— O farol acendeu-se muito tarde, Vasquez.

— Havia nove semanas que não funcionava... — respondeu o guarda.

— Nove semanas!... Que quer dizer isso?... E os seus companheiros?

— Filipe e Moriz morreram!... Vinte e um dias depois da partida do Santa Fé o farol já não tinha senão um guarda, meu comandante! — Vasquez contou então o que se tinha passado na ilha dos Estados.

Uma quadrilha de piratas, comandada por um chefe chamado Kongre, tinha-se instalado havia alguns anos na baía de Elgor, atraindo os navios para os recifes do cabo San Juan, apanhando-lhes as cargas e matando as pessoas que escapavam do naufrágio. Ninguém suspeitara da sua presença enquanto duraram os trabalhos do farol, porque se refugiara no cabo Saint-Barthélemy, na extremidade ocidental da ilha.

Depois de partir o Santa Fé, ficando sozinhos os guardas ao serviço do farol, a quadrilha de Kongre subiu a baía de Elgor numa escuna que tinha caído por acaso em seu poder. Alguns minutos depois de essa escuna ter entrado na angra, Moriz e Filipe tinham sido feridos e mortos a bordo dela. E se Vasquez pôde escapar, foi porque estava nesse momento no farol.

Saindo de lá, refugiou-se no litoral do cabo San Juan, onde se alimentou com as provisões que descobrira numa caverna na qual os piratas armazenavam as suas reservas.

Em seguida contou como, depois do naufrágio da Century, teve a fortuna de salvar o imediato desse navio e como os dois viveram esperando a chegada do Santa Fé.

A sua maior esperança foi então que a escuna, demorada pelos consertos importantes que tinha a fazer, não pudesse fazer-se ao mar para as margens do Pacífico antes do regresso do aviso nos primeiros dias do mês de Março.

Mas teria saído da ilha se as duas balas que John Davis lhe atirou não a tivessem demorado mais alguns dias.

Vasquez parou, ocultando o que mais especialmente lhe dizia respeito. John Davis interveio então, dizendo:

— O que Vasquez se esquece de dizer, meu comandante, é que as nossas duas balas foram insuficientes. Apesar dos rombos que fizemos no casco, a escuna teria saído naquela manhã se, na noite passada, Vasquez, com perigo da sua vida, não tivesse ido até lá a nado e feito rebentar um cartucho entre o leme e o cadaste do navio. A bem dizer, não obtive o resultado que esperava. As avarias foram pequenas e puderam consertá-las em doze horas. Mas foram essas doze horas que fizeram com que o

comandante encontrasse aqui a escuna. É só ao Vasquez que isso se deve, e foi também ele que, quando viu o aviso, teve a idéia de correr ao farol e acender esta noite a luz que estava apagada havia muito tempo.

O comandante Lafayate apertou calorosamente a mão de John Davis e de Vasquez, que, com a sua audaciosa intervenção, tinham permitido que o Santa Fé chegasse antes de a escuna sair, e depois contou as condições em que, uma hora antes do pôr do Sol, o aviso tivera conhecimento da ilha dos Estados.

Tendo feito o ponto de manhã, estava certo da sua posição. O aviso tinha só de tomar a direção do cabo San Juan, que devia ser visto antes da noite.

Efetivamente, à hora em que o crepúsculo começava a escurecer o céu, o comandante distinguiu muito claramente, senão a costa leste da ilha, pelo menos os picos altos que se levantam no último plano. Estava então a umas dez milhas e calculava poder fundear duas horas depois.

Foi neste momento que John Davis e Vasquez viram o Santa Fé. Foi também então que Carcante, do alto do farol, o mostrou a Kongre, que tomou as suas disposições a toda a pressa para sair da baía antes que o aviso lá entrasse.

Entretanto, o Santa Fé continuava a correr para o cabo San Juan. O mar estava sereno e mal se sentiam os últimos sopros da brisa do largo.

Por certo que, antes de estar na ilha dos Estados o farol do Cabo do Mundo, o comandante Lafayate não teria cometido a imprudência de se aproximar de noite tanto da terra, e ainda menos de vir à baía de Elgor para chegar à angra.

Mas a costa e a baía deviam estar agora iluminadas e não lhe pareceu necessário esperar para o dia seguinte.

O aviso continuou pois o seu rumo para sudoeste e, quando escureceu de todo, chegou a menos de uma milha da entrada da baía de Elgor.

Conservou-se ali a pouca pressão, esperando que se acendesse o farol.

Passou-se uma hora e não apareceu nenhuma luz na ilha.

O comandante Lafayate não se podia enganar com respeito ao sítio em que estava. A baía de Elgor abria-se ali diante dele. Estava ao alcance da luz do farol. E o farol não se acendia!

Que haviam de pensar a bordo do aviso senão que tinha havido algum desarranjo no aparelho? Talvez com o último temporal, que fora tão violento, a lanterna se tivesse quebrado, as lentes estivessem estragadas e os lampiões sem poderem servir.

Ninguém pensaria nunca que os três guardas tinham sido atacados por uma quadrilha de piratas, que dois deles haviam caído aos golpes dos assassinos e que o terceiro fora obrigado a fugir para não ter a mesma sorte.

— Não sabia o que fazer — disse então o comandante Lafayate. — A noite era profunda. Não me podia arriscar a entrar na baía e tinha de ficar ao largo até de madrugada. Oficiais e tripulação, estávamos todos numa inquietação mortal e pressentíamos uma desgraça. Afinal, depois das nove horas, brilhou o farol. Essa demora fora devida a outro qualquer transtorno. Mandei dar mais pressão e aproar para a entrada da baía. Uma hora depois o Santa Fé entrou nela.

A milha e meia da angra, encontrei fundeada uma escuna que parecia abandonada.

Ia mandar alguns homens a bordo dela quando ouvi tiros, e esses tiros vinham da galeria do farol!... Percebemos que os nossos guardas estavam sendo atacados, que se defendiam, e, provavelmente, contra a tripulação daquela escuna!... Mandei tocar o apito, para assustar os agressores... e, um quarto de hora depois, o Santa Fé estava no ancoradouro.

— A tempo, meu comandante — disse Vasquez.

— O que não teria acontecido — respondeu o comandante Lafayate — se o senhor não tivesse arriscado a vida para acender o farol. A estas horas a escuna já estava no mar, nós não a tínhamos visto ao sairmos da baía e a quadrilha de piratas escapava-nos! Esta história foi logo conhecida a bordo do

aviso e Vasquez e John Davis receberam as mais calorosas felicitações.

Passou-se a noite em sossego e no dia seguinte Vasquez travou conhecimento com os três guardas que o Santa Fé trazia para a ilha dos Estados.

À noite foi um destacamento de marinheiros tomar conta da escuna. Se não fosse isso, Kongre teria certamente tentado embarcar e, com a vazante, entraria rapidamente no mar largo. O comandante Lafayate, para garantir a segurança dos novos guardas, só tinha uma coisa a fazer: limpar a ilha dos bandidos que a infestavam e que, depois da morte de Carcante e de Vargas, eram ainda treze, incluindo o chefe, que devia estar desesperado.

Como a ilha era grande, as perseguições arriscavam-se a durar muito e talvez não dessem resultado nenhum.

Como poderia a tripulação do Santa Fé revistá-la toda. Por certo que Kongre e os seus companheiros não cometeriam a imprudência de voltar ao cabo Saint-Barthélemy, receando que descobrissem o segredo do seu retiro.

Mas dispunham do resto da ilha e podiam-se passar talvez semanas e até meses antes de ser presa a quadrilha toda. E contudo o comandante Lafayate não sairia da ilha dos Estados sem ter posto os guardas ao abrigo de toda a agressão e assegurar o funcionamento regular do farol.

O que podia trazer mais pronto resultado era a miséria em que Kongre e seus companheiros se encontrariam.

Não lhes restavam provisões, nem na caverna do cabo Saint-Barthélemy, nem na da baía de Elgor. O comandante Lafayate, guiado por Vasquez e por John Davis, no dia seguinte de manhã verificou que na última, pelo menos, não havia reserva nenhuma de bolacha, carne salgada ou conserva de qualquer espécie. Todos os mantimentos tinham sido transportados para bordo da escuna, que foi levada para a angra pelos marinheiros do aviso. Na caverna só havia salvados de pouco valor, camas, vestuário e ferramentas, que foram levados para o depósito do farol.

Admitindo que Kongre lá voltasse à noite, não encontraria nada que pudesse servir para alimentar a sua quadrilha. Nem devia ter armas à sua disposição, em virtude da quantidade de espingardas e de munições daquele gênero que se descobriram a bordo da Carcante. Ficaria reduzido unicamente ao produto da pesca e, nestas condições, ou os companheiros e ele se veriam obrigados a render-se, ou não tardariam a morrer de fome.

No entanto começaram logo as pesquisas.

O destacamento de marinheiros, debaixo das ordens de um oficial e de um mestre, dirigiram-se uns para o interior da ilha e os outros para o litoral. O comandante Lafayate foi até ao cabo Saint-Barthélemy, onde não se viu sinal nenhum da quadrilha.

Passaram-se muitos dias sem se ver pirata nenhum, até que, na manhã de 10 de Março, chegaram ao recinto do farol sete miseráveis, da Terra do Fogo, pálidos, magros, exaustos pela fome. Recolhidos a bordo do Santa Fé, foram confortados e postos na impossibilidade de fugir.

Quatro dias depois, o imediato Riegal, indo à costa meridional nos arredores do cabo Webster, encontrou lá cinco cadáveres; entre eles Vasquez ainda pôde conhecer dois dos chilenos da quadrilha. Os restos que estavam no chão, à roda deles, mostravam que se tinham querido alimentar com peixes e crustáceos; mas não havia sinais de lareira, de carvões apagados nem de cinza. Evidentemente, não tinham encontrado meio de acender lume.

Finalmente, na tarde do dia seguinte, um pouco antes do pôr do Sol, apareceu um homem no meio dos rochedos da angra, a menos de quinhentos metros do farol.

Era quase no mesmo sítio em que John Davis e Vasquez, quando receavam que a escuna saísse, o tinham visto na véspera de chegar o aviso, e Vasquez se resolvera a tentar um esforço supremo.

Aquele homem era Kongre.

Vasquez, que estava a passear no recinto do farol com os novos guardas, conheceu-o logo e exclamou:

— Lá está ele!.. Lá está ele!

Ouvindo aquele grito, o comandante Lafayate, que estava fora com o imediato, acudiu a toda a pressa.

John Davis e alguns marinheiros foram atrás dele e todos, reunidos no terraço, puderam ver o chefe, o único sobrevivente da quadrilha que comandava.

Que vinha ele fazer naquele lugar?

Porque se apresentava ali?

Tencionava render-se?

Devia saber, contudo, a sorte que o esperava. Seria levado para Buenos Aires e pagaria com a cabeça a sua existência cheia de roubos e de assassínios.

Kongre estava imóvel num rochedo mais alto do que os outros e contra o qual o mar vinha quebrar-se mansamente.

Olhava para a angra.

Ao pé do aviso, podia ele ver aquela escuna que o acaso lhe tinha enviado tão oportunamente ao cabo Saint-Barthélemy e que outro acaso lhe tirara. Que pensamentos diversos deviam cruzar-se naquele cérebro! Que saudades!

Se não fosse a chegada do aviso, estaria havia muito tempo nos mares do Pacífico, onde lhe teria sido fácil subtrair-se a todas as perseguições e garantir a impunidade.

Como se deve calcular, o comandante Lafayate tinha todo o empenho em deitar a mão a Kongre.

Deu ordens para isso e o imediato Riegal, acompanhado por seis marinheiros, saiu do recinto, para ir pelo faial, de onde, subindo a barreira dos rochedos, lhe seria fácil apanhar o bandido.

Vasquez guiava-os pelo caminho mais curto.

Ainda não tinham dado cem passos quando se ouviu uma detonação, e um corpo, arremessado no espaço, abismou-se no mar no meio de borbotões de espuma.

Kongre tinha tirado um revólver da cinta e apontara-o à cabeça.

O miserável fizera justiça a si próprio, e agora a maré vazante levava-lhe o cadáver para o largo.

Tal foi o desfecho deste drama da ilha dos Estados.

É escusado dizer que, da noite de 3 de Março em diante, o farol nunca mais deixou de funcionar.

Vasquez tinha dado todas as indicações aos novos guardas.

Agora já não restava um único homem da quadrilha dos piratas.

John Davis e Vasquez iam embarcar os dois no aviso que voltava para Buenos Aires; dali o primeiro seria repatriado para Mobile, onde não tardaria por certo a alcançar o comando de um navio.

E bem o merecia, pela sua energia, coragem e valor pessoal. Quanto a Vasquez, iria para a sua terra descansar de tantos transe aflitivos tão resolutamente suportados. Mas regressaria sozinho, porque, infelizmente, os seus pobres companheiros não podiam ir com ele!

Foi na tarde de 18 de Março que o comandante Lafayate, certo agora de que os novos guardas estavam em segurança, deu o sinal da partida.

Estava o Sol a pôr-se quando ele saiu da baía.

De repente jorrou uma luz, cujo reflexo dançou na esteira do navio.

E o aviso, afastando-se do mar sombrio, parecia levar consigo alguns dos raios inumeráveis que o farol do Cabo do Mundo projetava novamente.

FIM